



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Evelyn Moraes de Siqueira

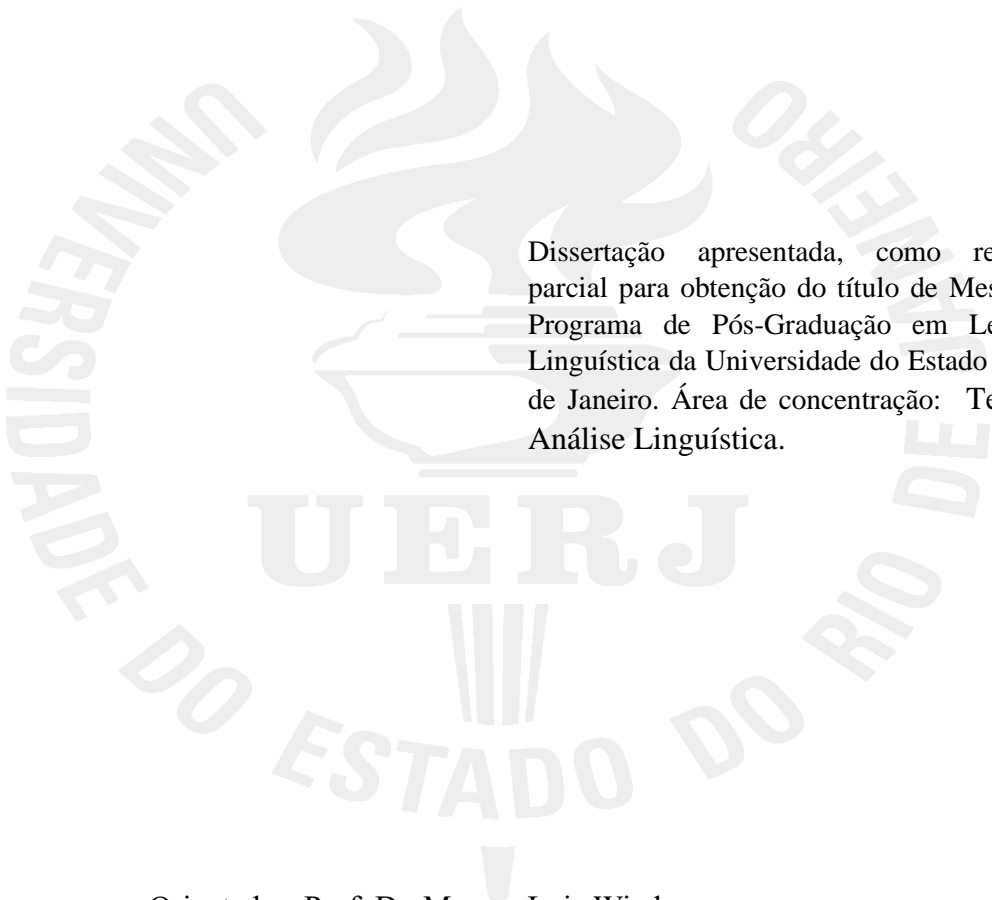
**Construção assimilativa aditiva numa visão  
construcionista da gramática**

São Gonçalo

2022

Evelyn Moraes de Siqueira

**Construção assimilativa aditiva numa visão construcionista da gramática**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer.

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S618  
TESE

Siqueira, Evelyn Moraes de.  
Construção assimilativa aditiva numa visão construcionista da gramática. / Evelyn Moraes de Siqueira. – 2022.  
134f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer.  
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Linguística – Teses. 2. Gramática. I. Wiedemer, Marcos Luiz.  
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. II. Título.

CRB/7 – 4924

CDU 81

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Evelyn Moraes de Siqueira

**Construção assimilativa aditiva numa visão construcionista da gramática**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (Orientador)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack (avaliadora)  
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

---

Tiago Aguiar Rodrigues (avaliador)  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

---

Marcia dos Santos Machado Vieira – Suplente  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Roberto Freitas Jr. – Suplente  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

São Gonçalo

2022

## AGRADECIMENTOS

A Deus, razão de tudo, por suas graças incontáveis e misericórdia infinita. “Onde estaria eu se não fosse o teu amor, Senhor?”

Aos meus queridos pais, Angela Maria e Jorge Luiz, por todo esforço, sacrifício e dedicação oferecidos diariamente. Não sou capaz de mensurar bem que é tê-los. A vocês todo meu amor e zelo!

Às minhas queridas irmãs, Ingrid e Marcilane, que de maneira especial sempre se fizeram presentes, ajudando e torcendo em cada etapa da minha vida. A vocês meu amor e carinho!

Ao Professor Dr. Marcos Luiz Wiedemer (UERJ), estimado orientador, por todo trabalho e dedicação, que tornam possível a conclusão dessa etapa importante na minha vida. Muito obrigada pela compressão e paciência!

À professora Dra. Milena Aguiar (UERJ), que ainda na graduação, durante suas aulas, me apresentou a teoria linguística que hoje é base para este trabalho. Agradeço por todo incentivo!

Aos professores Gessilene Silveira Kanthack (UESC), Tiago Aguiar (UFPB), Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ) e Roberto Freitas Jr. (UFRJ/UERJ), membros da banca examinadora, pelas preciosas contribuições e pela disponibilidade. Muito obrigada!

Às queridas amigas Luciana, Érica e Elisângela, que foram um grande presente nessa etapa tão importante. Vocês ofereceram ouvido atento e carinho dos dias alegres e também dos dias mais difíceis. Gratidão!

Aos amigos Rafael Inácio e Bárbara, que são irmãos que o Céu me deu. Vocês são presença de Deus a todo instante, prefiguração da alegria celeste e bálsamo da minha vida. A vocês todo meu carinho e amizade!

## RESUMO

SIQUEIRA, Evelyn Moraes de. *Construção assimilativa aditiva numa visão construcionista da gramática*. 2022. 134f. Dissertação (Mestre em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Baseados na Abordagem Construcionista da Gramática (GOLDBERG, 1995, TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), investigamos os contextos de usos das microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* no português brasileiro, a fim de demonstrar que elas podem tanto apresentar o sentido comparativo quanto o aditivo, formando assim uma categoria gramatical a qual denominamos de *construção assimilativa aditiva*. A partir de uma perspectiva sincrônica, adotamos o *Corpus Now*, uma subamostra do *Corpus do Português*, para análise de amostras da modalidade escrita, e consideramos o período de 2012 a 2018. A metodologia adotada é a pesquisa quali-quantitativa, que se valeu do controle de propriedades morfossintáticas e discursivo funcionais. Os resultados gerais demonstraram que *assim como* e *bem como* apresentam alta frequência de ocorrências. Já em relação a *tal como*, observamos ser a menos frequente entre as micronconstruções estudadas. Ao observarmos os dados, verificamos que essas microconstruções tanto exercem função conectiva, como também introduzem períodos, como estruturas desgarradas (DECAT, 2009). Além disso, aplicamos teste de conformidade e através dele verificamos ocorrências do sentido conformativo, o que indica uma aproximação com o valor comparativo. Em relação aos resultados do controle das propriedades, vimos que as microconstruções apresentam diferenças significativas quanto ao tipo de sintagma – podendo ser um sintagma nominal ou verbal. *Tal como* é a que ocorre de maneira mais equilibrada. Já *assim como* e *bem como* ocorrem com mais frequência em SN, com destaque para *bem como*, que apresentou o maior número de ocorrências em SN. Em relação ao grau de dependência entre as orações, os resultados mostraram que as orações comparativas são mais dependentes do que independentes. Já em relação à expressão do sujeito da oração subsequente, vimos que mais de 65% das ocorrências têm o sujeito elíptico. Por fim, os resultados indicaram, ainda, que *tal como* é a microconstrução menos recrutada pelos falantes e tem seu valor aditivo mais enfraquecido, em detrimento do valor exemplificativo que é mais perceptível entre os dados.

**Palavras-chave:** comparação; construção assimilativa aditiva; Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções.

## ABSTRACT

SIQUEIRA, Evelyn Moraes de. *Assimilative additive construction in a constructions view of grammar*. 2022. 134f. Dissertação (Mestre em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Based on the Constructionist Approach to Grammar (GOLDBERG, 1995, TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), we investigate the contexts of uses of microconstructions *microconstruções assim como, bem como* and *tal como*, in Brazilian Portuguese, and with that we demonstrate that these have the comparative and additive sense, that is, they form a grammatical category called *additive assimilative construction*. From a synchronic perspective, we adopted the *Corpus Now*, a subsample of *Portuguese corpus*, for analysis of samples of the written modality, and we considered the period from 2012 to 2018. The methodology adopted is qualitative-quantitative research, which used the control of morphosyntactic and discursive functional properties. The general results indicate that *assim como* and *bem como* have a high frequency of occurrences. Already in relation to *tal como*, it was possible to verify that it is the least frequent. By observing the data, we verified that these microconstructions both exerted a connective function, as well as introduced periods, these called stray structures (DECAT, 2009). In addition, we applied a conformity test that demonstrated occurrences of the conformational sense, which points to an approximation with the comparative value. Regarding the results of controlling the properties, we saw that the microconstructions present significant differences regarding the type of SN or SV syntagm. *Tal como* is the one that occurs in a more balanced way. Already *assim como* and *bem como* occur more frequently in SN, with emphasis on *bem como*, which presented the highest number of occurrences in SN. Regarding the degree of dependence between clauses, the results showed that comparative clauses are more dependent than independent. As for the expression of the subject of the subsequent clause, the results show that more than 65% of the occurrences have the elliptical subject. Finally, the results also indicate that *tal como* it is the microconstruction least recruited by speakers and has its additive value more weakened, to the detriment of the exemplary value that is more noticeable among the data.

**Keywords:** comparison; additive assimilative construction; Use Based Functional Linguistics; Grammar Constructions

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Construção assimilativa aditiva .....	15
<b>Quadro 2:</b> Construção comparativa assimilativa .....	28
<b>Quadro 3:</b> Estrutura da construção comparativa baseado em Thompson (2019).....	46
<b>Quadro 4:</b> Rede construcional comparativa/conformativa baseado em dados de Thompson (2019) e na presente pesquisa.....	95
<b>Quadro 05:</b> Rede construcional comparativa .....	119



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Tipos de construções comparativas .....	44
<b>Tabela 02 -</b> Levantamento da frequência de usos nas amostras de textos do português brasileiro no corpus Now (Século XXI) .....	66
<b>Tabela 03 -</b> Levantamento da frequência de usos nas amostras de textos do português brasileiro no corpus Now (2012-2018) .....	70
<b>Tabela 04 –</b> Frequência PPM e proporcionalidade de usos nas amostras de textos do português brasileiro no corpus Now (Século XXI) .....	72
<b>Tabela 05:</b> Levantamento da frequência de usos nas amostras de texto do português brasileiro no corpus Web/dialetos (2013 – 2014) .....	73
<b>Tabela 06–</b> Amostra de usos nas amostras de textos do português brasileiro no corpus Now (Século XXI) .....	74
<b>Tabela 07 –</b> Amostra de usos em início de períodos nas amostras de textos do português brasileiro no corpus Now (Século XXI) .....	77
<b>Tabela 08:</b> Frequência de ocorrências precedidas por E em início de período em amostras de textos do português brasileiro no Corpus Now (Século XXI).....	82
<b>Tabela 9:</b> Total de ocorrências nas amostras do português brasileiro no Corpus Now (Século XXI) sem amostras de estruturas desgarradas .....	83
<b>Tabela 10:</b> Total de ocorrências consideradas nas amostras do português brasileiro no Corpus Now (Século XXI) tendo em vista a totalidade de 10% dos dados.....	84
<b>Tabela 11:</b> Total de ocorrências consideradas nas amostras do português brasileiro no Corpus Now (Século XXI) da construção assimilativa aditiva .....	96
<b>Tabela 12:</b> Elementos subsequentes às microconstruções assim como, bem como e tal como .....	98
<b>Tabela 13:</b> Distribuição das microconstruções assim como, bem como e tal como por sintagmas .....	104
<b>Tabela 14:</b> Relação de (in)dependência das orações comparativas aditivas .....	107
<b>Tabela 15:</b> Construção assimilativa aditiva e a expressão do sujeito .....	112
<b>Tabela 16:</b> Resultados das propriedades analisadas de assim como, bem como e tal como .....	116

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> - Levantamento da frequência de usos de assim como, bem como e tal como nos corpora que compõem o Corpus do Português no período de 2012 a 2019 .....	66
<b>Gráfico 02</b> - Levantamento da frequência de uso de assim como, bem como e tal como nos corpora que compõem o Corpus do Português no período de 2012 a 2018 .....	71
<b>Gráfico 03</b> – Proporcionalidade de uso de assim como, bem como e tal como nos corpora que compõem o Corpus do Português no período de 2012 a 2018 .....	72
<b>Gráfico 04</b> – Frequência de uso de assim como, bem como e tal como em início de período nos corpora que compõem o Corpus do Português no período de 2012 a 2018.....	78
<b>Gráfico 05</b> - Total de ocorrências consideradas nas amostras do português brasileiro no Corpus Now (Século XXI) tendo em vista a totalidade de 10% dos dados.....	84
<b>Gráfico 06:</b> Construções Assimilativa Aditiva .....	97
<b>Gráfico 07:</b> Distribuição das microconstruções assim como, bem como e tal como por sintagmas .....	105
<b>Gráfico 08:</b> Relação de (in)dependência das orações comparativas aditivas .....	108
<b>Gráfico 09:</b> Construção assimilativa aditiva e a expressão do sujeito.....	113

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Modelo da estrutura simbólica de uma construção em Gramática de Construções Radical (Croft, 2001) .....	58
<b>Figura 02.</b> Trajetória de mudança construcional, baseado em Traugott (2008) .....	60
<b>Figura 03:</b> Conjunção subordinativa segundo abordagem do livro didático Português – Linguagens (8º ano) .....	121
<b>Figura 04:</b> Definição de período composto segundo abordagem do livro didático Português – Linguagens (8º ano) .....	122

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>OBJETIVO DE PESQUISA: REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	21
1.1	<b>A comparação segundo os dicionários e gramáticas tradicionais</b> .....	21
1.2	<b>A comparação segundo as gramáticas descritivistas</b> .....	31
1.3	<b>A comparação segundo a perspectiva funcional-cognitivista</b> .....	37
2.	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	49
2.1	<b>A contribuição da Gramática de Construções</b> .....	56
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	64
3.1	<b>Descrição do <i>Corpus</i></b> .....	64
3.2	<b>Procedimentos metodológicos</b> .....	65
4	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	70
4.1	<b>Panorama geral de usos</b> .....	70
4.2	<b>Padrões construcionais: caracterização das ocorrências de <i>assim como, bem como e tal como</i></b> .....	74
4.2.1	<u>Construção comparativa desgarrada</u> .....	74
4.2.2	<u>Construção conformativa</u> .....	85
4.2.3	<u>Construção assimilativa aditiva</u> .....	95
4.2.3.1	Construção assimilativa aditiva: características do contexto subsequente.....	97
4.2.3.2	Construção assimilativa aditiva e a relação de dependência.....	107
4.2.3.3	Construção Assimilativa Aditiva e a expressão do sujeito.....	112
4.2.4	Construção Assimilativa Aditiva e suas funções: sequenciação de elementos e exemplificação.....	116
5	<b>AS ORAÇÕES COMPARATIVAS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: breves reflexões</b> .....	121

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO

Ao estudarmos os fundamentos da teoria linguística, encontramos diversos princípios que regem o funcionamento das línguas. Entre esses princípios, encontramos o “princípio da economia linguística” que é tratado por diferentes correntes teóricas em diferentes momentos históricos. Resumidamente, o “princípio da economia linguística” refere-se à tendência do falante em buscar o conforto e o mínimo de esforço na emissão e articulação/decodificação da mensagem linguística. Zipf (1966), ao se referir a esse princípio, aponta que ele abarca cinco princípios dinâmicos da fala, sendo: (i) dinamismo de um sistema fonético; (ii) lei generalizada da abreviatura; (iii) o efeito da analogia; (iv) a distribuição da frequência; e (v) o problema da destruição dos significados.<sup>1</sup>

Em relação à analogia, que envolve economia no sentido de que reduzem o número de diferentes classes gramaticais, Bybee (2015, p. 78) aponta que “se refere ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção” e acrescenta “a aceitabilidade de um novo item são gradientes e se baseiam na extensão de similaridade com usos antigos da construção”. Dessa forma, encontramos na língua o processo de polissemia, ou seja, diferentes significados para um mesmo plano de conteúdo.

A polissemia, por sua vez, é utilizada por diferentes pesquisas, sejam funcionalistas ou construcionistas, principalmente, quando focadas em estudos de mudança linguística. Porém, quando observamos o princípio da não-sinonímia de Goldberg (1995), postular que “se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semanticamente ou pragmaticamente distintas” (GOLDBERG, 1995, p.67), nos deparamos com um aspecto da língua diferente do que vemos ocorrer na polissemia. Com tal formulação, o princípio registra a potencialidade de similaridade ou semântica ou pragmática. Dessa forma, temos a atuação do “princípio da economia”, o que levaria a inerente variação e/ou polissemia da língua, e de outro lado, o “princípio da não-sinonímia”, que aduz para relação um-um da forma/sentido na língua.

Para refletirmos sobre essa dualidade, podemos observar, no português brasileiro, o seguinte exemplo:

- (1) *“O jovem Umtiti pode ser a solução que Luis Enrique busca para seu sistema defensivo. Com Mathieu e Vermaelen inconstantes ou lesionados e Marc Bartra vendido ao Borussia Dortmund, o zagueiro disputará a posição com Mascherano. Na mesma coletiva, o cartola garantiu que os*

---

<sup>1</sup> Não é objetivo nosso apresentar cada princípio.

*goleiros Claudio Bravo e Marc Andre ter Stegen não sairão da equipe, bem como o zagueiro Javier Mascherano”.*

(Corpus Now - JC Online - 16-06-30 BR)

Em (01), o fragmento de texto tem como assunto o futebol e apresenta nomes de possíveis jogadores que seriam a solução para um bom esquema defensivo. Nesse exemplo, *bem como* tanto acrescenta nomes à lista de jogadores, como também compara semelhanças entre eles, já que ambos são estimados pelo grupo e por isso devem permanecer na equipe.

Como vimos, encontramos, no exemplo (01), tanto o sentido de comparação como o sentido aditivo. Sobre isso, alguns autores aludem que se trata de uma construção aditiva e poderia competir, por exemplo, com a forma “e” (ver ROSÁRIO, 2007). Já, outros pesquisadores, por exemplo, Rodrigues (2002) tratam como construção comparativa, principalmente pelo fato da formação com o elemento “como”.

Porém, pensarmos dessa maneira vai contra o “princípio da economia”, pois estaríamos desenvolvendo novas estruturas para significados já existentes na língua, bem como vai contra o “princípio da não-sinonímia”, pois estaríamos criando uma mesma construção já existente. Tanto o princípio da não-sinonímia quanto o da economia linguística contribuíram para na análise dos dados e também para justificar respostas para perguntas que nortearam este trabalho.

Com isso, nossa **questão de pesquisa** é: as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* formam uma nova categoria gramatical, denominada de *construção assimilativa aditiva*?

Assim, partimos da **hipótese inicial** de que as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* apresentam tanto o sentido comparativo – prescrito para essas formas – como também o sentido aditivo, o que demonstraria a gradiência dessa categoria.

Dessa forma, as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* licenciam o valor de nexos comparativo e aditivo, em diferentes contextos de uso, conforme observamos nos exemplos de (02) a (04), a seguir:

- (02) “A praça onde foram realizadas as festividades ficou lotada. Uma dessas pessoas foi o autônomo José Marcelino, que acompanha, todos os anos, a queima da fogueira. “Eu moro no mesmo bairro onde a fogueira é acesa e acompanho a festa desde que ela começou. Para mim, essa tradição tem que ser mantida, ***assim como*** todas as outras que temos no Nordeste. Não pode deixar morrer. Porque nós

vamos deixar esse costume para nossos netos, **assim como** deixei para meus filhos. Os meus netos terão que cultivar essa tradição e passar para as gerações futuras”, defende José”.

(Corpus Now [Globo.com 12-06-28 BR](#))

- (03) “Praticamente todos os grandes órgãos de imprensa dos EUA, **bem como** entidades de jornalistas e uma grande quantidade de organizações, listados na [decisão do tribunal de recursos](#), pediram aos tribunais para considerar que a ação contra o jornalista “era uma violação intolerável da liberdade de imprensa”.

(Corpus Now [Consultor Jurídico 14-06-03 BR](#))

- (04) “Outra novidade é a categoria Oficina, que visa selecionar cursos de capacitação na área de artes cênicas ou afins, **tal como** fotografia, maquiagem, produção e outras, que receberá inscrições apenas de pessoas físicas. Além disso, o evento conta com categorias já conhecidas como espetáculos em grupos e monólogos, seja de Sergipe, Região Nordeste ou de Repercussão Nacional, além da tradicional Maratona de Dança”.

(Corpus Now [Aqui Acontece 18-02-17 BR](#))

No exemplo (02), observamos que a microconstrução *assim como* estabelece a relação de comparação entre duas orações. Na primeira oração lemos sobre a atitude de se deixar determinados costumes para os netos. Essa prática é comparada com a ação realizada de transferir esses mesmos costumes para os filhos e é a construção *assim como* o recurso utilizado para essa comparação entre orações, conforme “*Para mim, essa tradição tem que ser mantida, assim como todas as outras que temos no Nordeste*”. Além disso, podemos verificar a utilização do paralelismo verbal acionado pelo verbo “ter” nas duas porções, *tem* e *temos*. Soma-se que, na segunda oração, o sujeito da oração é recuperado pelo pronome “outras”, que aponta para o referente “tradições”, ou seja, se mantém o tópico acionado na comparação. Esse mesmo recurso é utilizado no segundo trecho em que temos a utilização de *assim como*, “*Porque nós vamos deixar esse costume para nossos netos, assim como deixei para meus filhos*”. Neste, agora, temos a elipse do referente *costume* na segunda oração.

Observando o exemplo em (02), vimos que a temática se mantém nos dois trechos, característica das orações comparativas, conforme quadro (01), a seguir:



**Quadro 01 – Construção assimilativa aditiva**

Para mim, essa <i>tradição</i> tem que ser mantida,	<i>assim como</i>	todas as <i>outras</i> que temos no Nordeste.
Porque nós vamos deixar esse <i>costume</i> para nossos netos,	<i>assim como</i>	Deixei <i>o</i> para meus filhos

Assim, temos a comparação da *tradição* com *outras* tradições no Nordeste e *o costume para os netos* para *meus* filhos e o advérbio *assim* contribui na recuperação do referente a ser comparado. Porém, além da comparação, temos a adição de nova informação na segunda oração. O elemento comparado é também um dado novo que é adicionado ao todo da informação expressa.

Em (3), a forma utilizada para construir a comparação é a microconstrução *bem como*. Além da comparação, associada ao uso dessa, percebemos o valor aditivo. Ao longo desta dissertação, veremos o uso recorrente de *bem como* para elencar SN no modelo lista ou estrutura similar. No exemplo (3), *bem como* introduz uma pequena relação de nomes que identificam grandes órgãos da imprensa dos EUA. Em relação ao exemplo (3) percebemos o acionamento da ancoragem em *listados na decisão do tribunal de recursos* que recupera tanto as *entidades de jornalistas e uma grande quantidade de organizações* como *grandes órgãos de imprensa do EUA*.

Já em (4) é *tal como* a microconstrução recrutada para estabelecer o valor comparativo. Essa aparece comumente associada a comparações com valor exemplificativo, o que acreditamos ter relação com os valores mais originais de *tal*, conforme veremos mais à frente. Nesse exemplo, *tal como* introduz uma relação de nomes que exemplificam quais cursos de capacitação são oferecidos na categoria *oficina*.

Como se pode perceber nos exemplos (02), (03) e (04), temos o acionamento de estratégia argumentativa de comparação e de adição. Vemos que para estabelecer comparação podemos recrutar microconstruções diversas, como também estruturas sintáticas distintas. A tradição costuma elencar a comparação entre as orações comparativas. Sabemos que, também pela tradição gramatical, consideramos oração a estrutura na qual encontramos verbos. Entretanto, observando as amostras que representam situações de uso distintas, vemos que os falantes do português brasileiro fazem comparação através de variadas estruturas, até mesmo estruturas sem verbo. Isso nos mostra que a comparação não é um recurso apenas sintático, ou até mesmo morfológico, já que a tradição trata da comparação na seção destinada à morfologia.

Dessa forma, temos como **objetivo de pesquisa** investigar os contextos de usos, no português brasileiro, das microconstruções *assim como*, *bem como*, *tal como*, *tal qual*

e *tais quais*, a fim de demonstrar que essas apresentam o sentido comparativo e aditivo. Para tal finalidade, lançamos mão dos seguintes objetivos específicos:

- a) Observar a frequência de ocorrências de cada microconstrução analisada (*assim como, bem como, tal como*);
- b) Analisar os contextos de uso em que ocorrem as microconstruções *assim como, bem como, tal como, tal qual* e *tais quais*;
- c) Descrever as microconstruções nos diferentes contextos de uso encontrados;
- d) Analisar as propriedades morfosintáticas e semântico-discursivas;
- e) Depreender os padrões construcionais existentes para cada microconstrução;
- f) Contribuir para o aumento do escopo teórico nas pesquisas que envolvem o estudo e caracterização da comparação/adição no português brasileiro.

Sobre a temática, aqui investigada, Martelotta (2004), ao estudar a gramaticalização de operadores argumentativos e marcadores discursivos, aponta para os usos dos lexemas *bem, tal* e *assim*. Sobre o desenvolvimento do valor comparativo de *assim como*, o autor cita o exemplo a seguir:

- (05) “...ai ele virou pra mim e falou assim “não... tudo mal... “ aí o que é que eu pensei? Eu falei “caramba... ele não gostou do trabalho...”. (Martelotta, 2004, p. 85)
- (06) “... um não é mais importante do que o outro... muitas coisas que a mulher sabe fazer muito bem... e outras que ela não sabem fazer... assim como o homem... tem muitas coisas que não sabe fazer... e isso troca... entendeu?”. (Martelotta, 2004, p. 85)

De acordo com Martelotta (2004), o item *assim*, “de origem dêitica (provém de *ad sic(e)*, em que a partícula *ce* indica proximidade em relação aos participantes), passa a assumir valores anafóricos e catafóricos” (p. 84), e cita como exemplo em (05) esse valor catafórico, que permitiu o desenvolvimento em (06) do valor comparativo. Já em relação ao processo de gramaticalização do lexema *bem*, o autor cita apenas o uso comparativo associado à *assim*, em construções comparativas, conforme em (07):

- (07) “Assy como eno orto do parayso terreal há muy saborosos fruytos, bem assy eno orto da Sancta Scriptura há grande auõdamento de muy dilicados fruytis,,,”(OE) (Martelotta, 2004, p. 119)

Martelotta (2004) indica que o elemento perdeu seu valor de advérbio para fazer parte de uma locução comparativa, persistindo, neste caso, o valor de indicação de precisão do elemento *exatamente*; porém esclarece que esses usos não existem no português contemporâneo e cita outras associações para o lexema *bem*, como *nem bem*. Contudo, se retomarmos o exemplo em (03), temos uma associação com o lexema *como*, formando o par comparativo, conforme já exemplificado.

Já em relação ao lexema *tal*, o autor alude que:

A origem do vocábulo português *tal* está da forma latina *tale*, que, assim como é comum a vocábulos português provenientes do latim vulgar (*sole* > *sol*; *male* > *mal*); sofreu perda fonética da vogal final *e* por apócope. O elemento latino *tale*, por sua vez, é derivado da raiz do grego *te*, que também compõe os pronomes demonstrativos *iste*, *ista* *istud* (*is+te*) que podem significar *esse*, *essa*, *isso*, *o(s)*, *a(s)*, *tal*, *tamanho*, *semelhante*. Como elemento fórico, *tale*, em latim, assim como outros dos chamados elementos de intensificação, ocorria em contextos de cláusulas correlacionais, que ora se apresentam como comparativas (...) ora como consecutivas, como o correlativo *ut*, que se pode ver em *talis... ut*, *tam...ut*, *tantus...ut*, etc. O que encontramos, portanto, em termos de origem histórica, é um valor fórico (que remete a uma origem dêitica), convivendo com construções correlativas de valor comparativo e consecutivo” (MARTELOTTA, 2004, p. 120).

Conforme se observa na citação acima, temos uma tendência semelhante de desenvolvimento de mudanças de elemento dêitico espacial para fórico (anafórico e catafórico) que passa a operar como valor argumentativo, tendência essa já apontada pelo autor.

Ainda sobre o desenvolvimento de *tal* como em uso comparativo, Martelotta (2004, p. 121-122) comenta que:

Acreditamos que, como ocorre com outros elementos desse tipo, o uso fórico (anafórico e catafórico) constitui o primeiro passo na direção de uma trajetória de gramaticalização que leva o elemento *tal* a assumir funções típicas de operador argumentativo, ao juntar-se como elementos como *que*, *qual* e *como* (*tal que*, *tal qual*, *tal como*) em construções consecutivas, comparativas ou finais. (...) foi reanalisada nas locuções de valor comparativo *tal qual* e *tal como*.

Pressupomos que o significado de foricidade colaborou para o desenvolvimento do significado aditivo associado ao comparativo. Uma forma de visualizarmos isso é verificar a manutenção do referente na oração subsequente, conforme já discutido, anteriormente.

Com relação à integração de orações, considerando o esquema comparativo, que é o foco central desta pesquisa, conforme o modelo cognitivo-funcional, aqui assumido,

defendemos que a organização do mundo conceitual reflete, de alguma forma, a ordenação das informações. Como alude Croft (2001), a estrutura da língua reflete a estrutura da experiência. A estruturação é orientada pelos propósitos e a expressão é motivada pelas funções comunicativas (GIVÓN, 1990). Assim, tanto a subordinação quanto a coordenação são consideradas como opções organizacionais que codificam a informação de forma distinta. Não são apenas “opções sintáticas”, já que esses mecanismos estão sempre conjugados com sua contraparte funcional ou semântico-pragmática (cf. ROSÁRIO & WIEDEMER, 2020).

A trajetória de mudança de alguns itens mostra que esses podem se desenvolver também para usos menos concretos e mais pragmáticos, como marcadores discursivos e operadores. Em Martelotta (1996), vemos a trajetória de mudança de *assim*, à luz do paradigma da gramaticalização. O autor observa a trajetória espaço > (tempo) > texto que ocorre com *assim* e salienta ainda que, ao final dessa trajetória de mudança, *assim* assume um uso mais pragmático, e passa a assumir também o valor de marcador discursivo, mais distante do seu valor original (mais gramatical), que está prescrito nas gramáticas normativas.

A presença dos marcadores discursivos é muito recorrente na oralidade e já se pode encontrar trabalhos que mostram esses marcadores sendo recrutados pelos falantes também na modalidade escrita da língua, como podemos ver em Freitag (2017) e Silva (2017). Sabendo do valor de marcador que outros trabalhos já identificaram para a construção *assim como*, nos preocupamos em verificar se o mesmo ocorre com a microconstrução *assim como* e com as que concorrem com ela no quesito comparação, analisadas neste trabalho – *bem como* e *tal como*. Comentamos, a seguir, brevemente o que observamos.

O percurso que fizemos para o desenvolvimento deste trabalho nos fez observar brevemente amostras da modalidade oral, disponíveis em outro *corpus*, que foram descartadas por não atenderem a necessidade desta pesquisa. Entretanto, o contato que tivemos com esses dados nos permitiram observar o uso de *assim como* com valor de marcador discursivo e até mesmo de operador argumentativo – nessa etapa ainda não considerávamos as construções *bem como* e *tal como*.

Nas amostras coletadas na modalidade escrita, mais especificamente as amostras da web que analisamos a partir do *Corpus do Português*, não encontramos ocorrências de *assim como*, *bem como* e *tal como* com essa função de organizar o discurso, como acontece com os marcadores e operadores, apesar do seu desenvolvimento como

estruturas desgarradas, conforme exemplificaremos no capítulo de análise. Acreditamos que, apesar de já ser possível observar o uso de alguns marcadores na modalidade escrita, esse valor ainda é muito mais recorrente na oralidade e nem todas as construções que na modalidade oral podem atuar como marcador discursivo assumem esse valor na modalidade escrita da língua, até pelo próprio valor intersubjetivo do discurso oral.

Em pesquisa anterior – trabalho monográfico – pude pesquisar a microconstrução *assim* em nossa sincronia, com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Nessa pesquisa, observamos o processo de mudança linguística dessa microconstrução, com ênfase na atuação de *assim* como marcador discursivo. Entretanto, durante o período de coleta de dados verificamos outras microconstruções que *assim* participa, por exemplo, *assim como*, *bem como* e *tal como*. Entretanto, por não haver tempo hábil e por se tratar de um trabalho monográfico, esses dados não foram utilizados. Nesta pesquisa, vimos a possibilidade de dar continuidade ao trabalho iniciado, contudo, ainda nas primeiras etapas deste trabalho, percebemos a necessidade de modificações, entre elas a mudança de *corpus*. Na etapa destinada à coleta de dados, percebemos a necessidade de trabalharmos com um *corpus* com amostras da modalidade escrita, já na que nas amostras de língua oral não encontramos material suficiente para o desenvolvimento da pesquisa.

No levantamento dos dados, observamos que havia ocorrências da microconstrução *assim como* com valor de marcador discursivo nas amostras de língua escrita, como vimos ocorrer na oralidade. Verificamos que *assim como*, além do seu valor comparativo, já prescrito, apresentava também valor aditivo e, assim como ela, outras microconstruções eram recrutadas pelos usuários da língua em situações de uso semelhantes.

Para descrever os padrões construcionais encontrados e estabelecer suas funções nos *corpora* investigados, utilizamos como arcabouço teórico-metodológico a perspectiva construcional da gramática representada por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Croft & Cruse (2004) e Diessel (2019). Além disso, lançamos mão da abordagem da mudança linguística de Traugott e Trousdale (2013).

Concordamos com as considerações de Bybee (2013, p. 49), segundo as quais “a premissa básica da teoria centrada no uso é que a experiência com a língua cria e impacta as representações cognitivas da linguagem”. Nessa visão, a estrutura da língua é modificada pelos usuários e obedece às necessidades discursivas compartilhadas em um contexto social.

Com uma breve análise apresentada neste capítulo a partir de alguns exemplos, é possível perceber que a comparação se materializa no português brasileiro se materializa de muitas formas e nem todas podem ser contempladas nas descrições e classificações oferecidas pela tradição gramatical. O que justifica a necessidade de pesquisas como esta, a fim de contemplar diferentes usos para o recurso da comparação.

Além disso, consideramos que esta pesquisa poderá trazer contribuições para o ensino de língua ao tratar de modelos comparativos. Verifica-se uma abordagem insuficiente nos manuais e aulas de gramática ao falar da comparação. A seleção de alguns exemplos – comumente fragmentos de obras consagradas - induzem para uma análise muitas vezes artificial, já que não contemplam também amostras reais de uso. Acreditamos que estudos e aulas que adotam uma maneira funcional de observar a língua materna podem aproximá-los do que atualmente eles dizem não conhecer ou não entender: a própria língua.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, além das considerações finais e das referências, conforme explicitamos, a seguir.

No primeiro capítulo, apresentamos uma revisão do que a literatura prescreve acerca da comparação. Para tanto, organizamos o capítulo em três seções, tendo em vista as etapas de verificação que utilizamos. Na primeira etapa, revisamos dicionários de grande circulação – versões impressas e on-line – e gramáticas normativas, com o propósito de verificar o tratamento dado pela tradição gramatical às comparativas. Na segunda etapa, nos detivemos nas considerações que algumas gramáticas descritivas apresentam a respeito desse processo. Essa etapa nos permitiu observar semelhanças e diferenças entre as definições e observações a partir dos pressupostos dos modelos normativo e descritivo. Já na terceira etapa coube ainda observar e descrever o que pesquisas de cunho cognitivo-funcional pontuam acerca da comparação.

No segundo capítulo, apresentamos a base teórica adotada neste trabalho, através da exposição dos pressupostos e fundamentos da Abordagem Construcional da Gramática, que justificam as análises desenvolvidas nesta pesquisa. Neste modelo teórico-metodológico, um dos fundamentos defendidos é que há uma relação direta entre a estrutura linguística e seu uso linguístico, ou seja, as estruturas linguísticas estão atreladas aos eventos de uso, seja em termos de compreensão ou produção. Dessa forma, os aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. Com isso, processos cognitivos como categorização, memória,

frequência são tão importantes como processos de ordem formal e foram abordados na nossa análise.

No terceiro capítulo, destacamos a metodologia, a qual nos debruçamos especificamente sobre a análise dos dados coletados no *Corpus do Português* para essa pesquisa. O *Corpus do Português* é formado por amostras de quatro países de língua portuguesa, por isso, foi necessário filtrar os dados durante a coleta, para que pudéssemos trabalhar apenas com as amostras do português brasileiro.

Dentre a diversidade de amostras que o acervo do *Corpus do Português* oferece, fizemos um recorte temporal na intenção de desenvolver uma pesquisa de viés sincrônico e, para tanto, nos detivemos nos *corpora* formados por dados mais recentes, no período entre 2012 e 2019. Ainda nesse recorte temporal, foi necessário descartar os dados do ano de 2019, já que para esse ano o *corpus* fornecia dados apenas dos seus seis primeiros meses, diferente dos demais anos, que contemplavam todos os meses do ano. Sendo assim, consideramos nesta pesquisa dados da web dos anos de 2012 a 2018, disponibilizados pelo *Corpus do Português*.

No quarto capítulo, apresentamos as análises e os resultados da investigação encaminhada tendo em vista as microconstruções em análise e as possibilidades de significados que elas apresentam. A gradiência do sentido comparativo aditivo, pode ser atestada através da verificação de ocorrências nas quais *assim como*, *bem como* e *tal como* foram além dos usos prescritos.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais seguidas das referências.

## **1 OBJETO DE PESQUISA: REVISÃO DA LITERATURA**

### **1.1 A comparação segundo os dicionários e gramáticas tradicionais**

Com o propósito de verificarmos o tratamento dado pelos dicionários e pelas gramáticas normativas sobre a temática “comparação”, revisitamos alguns autores da tradição gramatical. Inicialmente, buscamos as definições fornecidas pelos dicionários eletrônicos – *Michaelis* e *Dicio* -, visto que estes, atualmente, são mais acessíveis aos usuários da língua, em função de meios tecnológicos. Além disso, recorreremos também às versões impressas de dicionários, o *Mini Aurélio – minidicionário da língua portuguesa*

- e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, ambos pelo reconhecimento e popularidade.

O dicionário eletrônico *Michaelis* (2021) apresenta quatro acepções para a comparação: **1.** ação de comparar; **2.** figura que consiste em aproximar duas ideias similares, visando a criar polêmica poética ou maior clareza; **3.** confronto entre dois termos distintos de um discurso; **4.** estudo comparativo de duas ou mais línguas para identificar parentesco entre elas (MICHAELIS, 2021).

No *Dicio, Dicionário Online de Português* (2021), encontramos três acepções que destacam suas definições considerando o uso gramatical e uma concepção de um determinado ponto de vista linguístico desse termo: **1.** ação de comparar, de analisar o que se difere ou se assemelha em: comparação entre o vinho chileno e o português; **2.** [Gramática] Relação estabelecida entre dois termos, com diferentes sentidos, num mesmo enunciado; **3.** [Linguística] Confronto feito entre duas ou mais línguas, buscando um parentesco entre elas (DICIO, 2021).

O *Mini Aurélio – minidicionário da língua portuguesa* (2002) - não faz menção ao substantivo *comparação* de maneira direta, como um de seus verbetes, antes apresenta as formas *comparar* e *comparativo*. Entretanto, a definição apresentada para o verbo *comparar* se utiliza de termos que verificamos em acepções que outros dicionários apresentam para a *comparação* e no fim lista o próprio termo *comparação*. São duas as acepções propostas por este dicionário: *v.t.d.* e *t.d.i.* **1.** Estabelecer confronto entre; confrontar, cotejar. *P.* **2.** Igualar-se, rivalizar. [C.: 1] § **com.pa.ra.ção** *sf.*; **com.pa.ra.dor** (ô) *adj.*; **com.pa.rá.vel** *adj*2g (MINI AURÉLIO, 2021).

Para o verbete *comparação*, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2015) apresenta uma quantidade maior de acepções, o que mostra a concepção ampla do que pode vir a ser a comparação. Sendo assim, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* diz que comparação é: **1** ato ou efeito de comparar cotejo, confronto; **2** RET ESTL figura que consiste em aproximar e cotejar duas ideias ou coisas que tenham similitude total ou parcial, para criar uma tensão poética ou visando à clareza; **3** GRAM LING paralelo feito entre dois termos de um enunciado com sentidos diferentes; é uma construção sintática em que um dos membros (o comparado) se define pelo que se sabe do outro [o comparante] (p. ex.: dirige como um louco; nossa partida, um drama, foi retardada pela greve) cf. *metáfora e símile*; **4** LING em gramática comparada, estudo paralelo de duas ou mais línguas, salientando as correspondências ou, mais raramente, as diferenças, para



possível verificação de parentesco; 5 INF operação de computador que consiste em comparar dois números quanto à identidade, à magnitude relativa ou signo. Analítica LING aquela realizada entre línguas de tipos diferentes sem tomar em consideração suas relações genéticas. c. Assimilativa ESTL RET m.q. SÍMILE. em c. comparativamente, em confronto. não tem c. infirm diz-se do que é muito melhor do que outro. por c. relativamente. sem c. singularmente superior ETIM LAT *comparatio, onis*, do rad. de *comparatum*, supn. de *comparare* ‘comparar’; ver *par (i)-*; f.hist. Sxix *coparaça, Sxiv coparaço, sXV comparação, sXV comparaçom* (HOUAISS, 2015, destaques do autor).

Tendo observado o que os quatro dicionários apresentam a respeito da comparação, averiguamos que as acepções trazidas se assemelham em muitos aspectos, com uma ou outra distinção marcada pela maior possibilidade de compreensão para o termo, em alguns dicionários. Destacamos o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* que, entre os apresentados, é o que mostra uma definição mais ampla, contemplando contextos bem diversos quanto ao uso do termo *comparação*, porém não se percebe a ideia de adição em conjunto com a ideia de comparação em nenhum dos significados acionados. Apesar do valor aditivo em formas prescritas como comparativas não ser algo contemplado pela tradição, exemplos reais mostram que esses usos aparecem em situações comunicativas. Vejamos o exemplo, a seguir:

- (08) “Quando começamos, em 2017, eram 10 núcleos e hoje são 56. Crescemos muito em opções de atividades físicas e ampliamos também nossos projetos de formação”, ressaltou. #Projetos – Também lembrou de projetos que foram retomados, como as pessoas de pessoas idosas, de os povos indígenas, assim como recreação em os bairros. De acordo com a Fundação, 18 mil pessoas inscritas em 645 oficinas de esporte e lazer, realizadas em 56 locais diferentes em Campo Grande. # Foi entregue ainda o novo Cefat (Centro de Formação de Aletas), assim como a reforma geral de a praça Belmar Fidalgo, bem como a manutenção de as academias ao ar livre [...].”

(Corpus Now- BR (18-12-31))

Em (08), vemos duas ocorrências de *assim como* e em ambas é possível observar a ideia de adição que se apresenta a partir do acréscimo de um novo fato ou dado. Antes do primeiro *assim como*, o falante lista projetos que foram retomados naquela gestão e, após listá-los – projetos com pessoas idosas e com povos indígenas – se utiliza da construção *assim como* para adicionar outra iniciativa que também foi retomada – *recreação nos bairros*. Nesse exemplo, o sentido de adição não anula o valor comparativo da construção *assim como*, o que nos permite dizer que temos uma construção

comparativa aditiva. O primeiro *assim como* que vemos, nesse exemplo, adiciona uma informação, mas antes compara o projeto de recreação em bairros, que foi retomado como foram os projetos com pessoas idosas e indígenas. Dessa forma, é possível observar nesse uso tanto o valor comparativo como o valor aditivo.

É pelo *princípio da persistência* de Hopper (1991) que podemos compreender a coexistência desses dois sentidos numa mesma construção, sendo assim, o surgimento de um novo uso (sentido) não anula o sentido mais original. O princípio da *persistência* mostra que, quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, na medida do possível, alguns traços do seu significado lexical tendem a aderir a ela e detalhes de sua história lexical podem se refletir em restrições sobre a sua distribuição gramatical, ou seja, acontece a permanência de vestígios do significado lexical refletido no comportamento da forma gramaticalizada.

Nesse mesmo exemplo (08), vemos *assim como* sendo recrutado uma segunda vez, e observamos a presença dos valores comparativo e aditivo, como vimos no primeiro *assim como*. O texto menciona uma reforma realizada pela gestão que representa – a reforma do novo Cefat – e acrescenta, com o auxílio da microconstrução *assim como*, outra reforma realizada, além da já mencionada. Dessa forma, vemos mais um uso para adicionar ideias ou elementos.

A análise anterior, sobre as definições de comparação apontadas pelos diferentes dicionários, nos mostra que a ideia de adição atrelada à comparação não é um aspecto mencionado nessas obras. Os sentidos apontados remetem ao que podemos denominar comparação lógica visto que falam de uma espécie de comparação de ideias.

Ainda, em (08), vemos uma outra microconstrução que também atua com sentido comparativo aditivo, *bem como*. Esse significado aparece após os dois usos de *assim como* que já descrevemos e a microconstrução é utilizada pelo falante para acrescentar um novo dado, mais especificamente, para acrescentar uma outra reforma/manutenção realizada pela gestão da qual o texto fala. O recrutamento de *bem como* após dois usos de *assim como* nos leva a identificar esse último uso como uma alternativa do falante para evitar a repetição de *assim como*, o que coaduna com a possibilidade de variação como recurso à disposição do falante.

No que se refere ao tratamento dado pelas gramáticas normativas à comparação, selecionamos duas gramáticas normativas para essa análise: a. *A Moderna gramática*

*Portuguesa*, de Bechara (2009); b. *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2017), que passamos a comentar.

A comparação, em Bechara (2009), é abordada em três seções distintas: a) na seção de classes de palavras, ao tratar dos graus dos adjetivos; b) na seção morfologia, no tratamento das conjunções subordinativas comparativas; c) e, por fim, no tópico das orações subordinadas adverbiais comparativas, na seção sintaxe.

Ao tratar dos graus do adjetivo, Bechara (2009) menciona a existência de três tipos de gradação, expressos pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*. A respeito do *positivo*, o gramático diz apenas “que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade” (BECHARA 2009, p. 126). Para essa definição ele apresenta o seguinte exemplo: “O rapaz é cuidadoso”. Sobre o *comparativo*, o gramático diz que é o grau responsável por comparar qualidade entre dois ou mais seres, podendo estabelecer comparação através de igualdade (*O rapaz é tão cuidadoso quanto (ou como) os outros.*), de superioridade (*O rapaz é mais cuidadoso que (ou do que) os outros.*) e de inferioridade (*O rapaz é menos cuidadoso que (ou do que) os outros.*).

O grau *superlativo* pode se realizar das seguintes formas: superlativo relativo e superlativo absoluto, também chamado de superlativo intensivo, de acordo com o Bechara (2009). O modelo *relativo* é formado como os comparativos de superioridade e inferioridade – artigo definido mais sintagma preposicionado iniciado por *de* (ou *dentre*). Já, no absoluto (nas versões sintética e analítica), a relação de superioridade ocorre sem haver relação entre os seres. Sendo assim, podemos dizer que no *superlativo relativo* um tipo de comparação pode ser observado, por haver relação entre seres, todavia, o mesmo não ocorre no *superlativo absoluto*, já que o adjetivo é usado de modo a intensificar sem comparar.

O mesmo autor refere-se à comparação ao apresentar o tópico das conjunções, que são mencionadas, em Bechara (2009), como unidades que têm por função reunir orações dentro de um mesmo enunciado. O recurso da comparação é citado mais adiante, quando o autor apresenta as conjunções subordinativas, e a respeito dessas conjunções destaca que

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado, se insere num enunciado complexo, em que ela perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra* [...] (BECHARA, 2009, p. 268).

Entre as conjunções subordinativas, elencadas em grupos menores a partir de um viés semântico, Bechara (2009) apresenta dez tipos e entre elas as *conjunções subordinativas comparativas*. Segundo o autor, são comparativas “quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação” (BECHARA, 2009, p. 273). O autor diz ainda que as comparativas podem ser *assimilativa* – quando se assimila algo a alguma coisa mais impressionante, ou até mesmo mais conhecida – e *quantitativa* – quando a comparação indica a quantidade ou intensidade das coisas. Bechara (2009) lista, como conjunções assimilativas, as unidades *como* ou *qual*, que podem aparecer em correlação com outras unidades, como o *assim* e o *tal*, presentes na oração principal, havendo ainda a possibilidade de aparecer o *assim como*, *tal como*. Vejamos os exemplos apresentados pelo autor (BECHARA, 2009, p. 274):

“O medo é a arma dos fracos, como a bravura dos fortes” [MM].

“A ignorância, qual outro Faetonte, ousa muito e se precipita como ele” [MM].

“O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos” [MM].

Nos exemplos apresentados pelo autor, verificamos ocorrências de comparativas assimilativas, bem como de um par correlato – a correlação é frequentemente mencionada ao lado da comparação. Vejamos, agora, um exemplo do *corpus* adotado nesta pesquisa:

- (09) “O plano prevê a cessão de 19,2% das ações da JBS na empresa brasileira de produtos lácteos Vigor Alimentos S.A, assim como a venda de sua participação na companhia americana de alimentos para gado Five Rivers Cattle Feeding, e na norte-irlandesa Moy Park”.

(Corpus Now, Istoe 17-06-20 BR)

Temos em (09) um exemplo no qual é possível observar uma forma de construção comparativa em que a ideia assimilativa é menos forte. É possível perceber em Bechara (2009) que a comparação assimilativa é descrita como algo pouco comum, entretanto, a análise dos dados nos fez perceber que a comparação assimilativa é altamente recorrente no português brasileiro, como veremos em nosso capítulo de análise.

Na maior parte desses dados vemos a assimilação de maneira clara, com as propriedades e aspectos comuns à assimilação, ao apresentar a relação entre duas entidades que sejam similares quanto às propriedades que carregam e evidenciar semelhanças entre elas, que acentuam a ideia de adição. Apresentam ainda, no âmbito da forma, apenas um conector, o que nos mostra a ausência da correlação.

No exemplo (09), a ideia assimilativa está presente, entretanto, acreditamos ser esse um valor assimilativo mais enfraquecido por não se tratar de uma comparação clara de entidades que apresentam as mesmas propriedades. Contudo, não se pode ainda nesse exemplo descartar a ideia assimilativa visto que temos um mesmo referente para as duas orações. Na segunda oração temos um sujeito elíptico, que é retomado pelo pronome “sua”, recuperando, então, a menção à empresa JBS, sujeito das duas orações.

A respeito das comparativas quantitativas, Bechara (2009) diz haver três tipos: (a) igualdade – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal: “Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa” [MM]; “Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão” [MM]; (b) superioridade – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com advérbio *mais* da oração principal: “O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder” [MM]/ “O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera” [MM]. c) inferioridade – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal: “Tempos há em que é menos perigoso mentir *que* dizer verdades” [MM] (BECHARA, 2009, p. 274).

Cabe aqui destacar que em Bechara (2009) o verbo expresso é condição necessária para haver uma oração, e o gramático apresenta a ideia de conjunção associada à junção de orações. Contudo, ao longo deste trabalho vemos que a forma *como*, que compõe as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como*, e que exerce função conjuntiva, também pode ser utilizada sem verbo expresso na afirmação subsequente. A afirmativa que encontramos em Bechara (2009) sobre a relação estabelecida entre a conjunção e a oração se baseia na definição tradicional de conjunção, que diz que uma conjunção deve relacionar orações (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2017) ou termos semelhantes da mesma oração. Vejamos os seguintes exemplos extraídos do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

- (10) “jurisprudência uma vez que o assunto é recolocado em o plenário. Ele defendeu, assim como Gilmar Mendes, a execução de a pena de prisão após condenação[...]

(Corpus Now- [Cidadeverde.com](http://Cidadeverde.com) 18-04-04 BR)

- (11) “de o Rio de Janeiro deve chamar o ex-governador Anthony Garotinho para depor novamente, assim como os agentes penitenciários. BR\_14690196 Sessão”

(Corpus Now) - [Pleno News](http://Pleno News) 18-01-19 BR)

Tanto em (10) como em (11), verificamos que na segunda oração há a elipse do verbo, o que é denominado na literatura gramatical de zeugma, sendo assim, temos o seguinte padrão, conforme quadro (02):

X	<i>é adicionado e comparado como</i>	Y	←	FUNÇÃO
Objeto a ser comparado	Ação verbal + elemento aditivo + elemento comparativo	Objeto a ser comparado		↑
<i>o ex-governador Anthony Garotinho</i>	<i>para depor novamente, <u>assim como</u></i>	<i>os agentes penitenciários</i>	←	FUNÇÃO

**Quadro 02 – Construção comparativa assimilativa**

Verificamos em Bechara (2009) a menção a dois tipos de comparativa - assimilativa e quantitativa -, entretanto, o exemplo representado no quadro (02), demonstra que essa classificação não é capaz de contemplar os diversos usos das construções comparativas. No quadro (02), vemos dois objetos sendo comparados, o primeiro é o *ex-governador Anthony Garotinho* e o segundo, *os agentes penitenciários*.

De acordo com a informação expressa no período, ambos foram convocados para depor novamente. Nessa ação semelhante se encontra a razão para a comparação e adição. Entretanto, não verificamos nesse exemplo traços da comparação quantitativa nem da assimilativa, por não apresentar os aspectos básicos que caracterizam esses dois tipos de comparação, o que nos permite dizer que os tipos de comparativa apresentados em Bechara (2009) não são suficientes para classificar todos os usos comparativos.

Ainda, no quadro (02), associada à comparação, vemos a ideia da adição. Temos um primeiro objeto da comparação, o *ex-governador Anthony Garotinho*, e o segundo objeto que, além de ser comparado ao ex-governador, também atua com valor aditivo, ao

acrescentar um novo elemento. Esse valor aditivo atrelado à comparação não é contemplado na comparativa quantitativa, como também não o é na comparativa assimilativa, por isso, trataremos como comparação aditiva os usos nos quais observarmos o valor aditivo atrelado à comparação.

Bechara (2009) trata também da comparação na seção destinada à sintaxe, ao discorrer sobre as orações subordinadas adverbiais. O autor destaca a heterogeneidade dos advérbios, característica que é transposta às conjunções adverbiais. Em virtude da natureza do advérbio e das funções que exercem, as orações subordinadas adverbiais são divididas em dois grupos, como nos mostra o próprio autor.

O primeiro grupo é composto pelas subordinadas adverbiais com noções de *tempo*, *lugar*, *modo*, *causa*, *concessão* e *fim*. Já o segundo grupo é formado pelas subordinadas *comparativas* e *consecutivas*. Sobre as comparativas, o autor diz que “guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantém relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente” (BECHARA, 2009, p. 390).

Observamos em Bechara (2009) a menção às comparativas e consecutivas como membros de um mesmo grupo de subordinadas. A respeito da relação que *comparativas* e *consecutivas* estabelecem com as adjetivas, verificamos que sobre as consecutivas o autor destaca a aproximação com comparativas e adjetivas, tendo em vista a presença de um transpositor, que estabelece relação entre as unidades das orações envolvidas. A nível de ilustração, o autor se utiliza do seguinte exemplo:

(12) Janete estuda *mais que* trabalha.

Em (12), o autor propõe a seguinte explicação: “a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha*, que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*” (BECHARA, 2009, p. 390). No exemplo (13), também proposto por Bechara (2009), é possível verificar esse tipo de relação:

(13) Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho*.

No exemplo, vemos de maneira ainda mais clara a relação que a conjunção subordinativa estabelece com o elemento antecedente, de valor quantificador. Sobre isso, Bechara (2009) apresenta a seguinte explicação:

a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está preza ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada* e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho*, valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é*” (BECHARA 2009, p. 390).

Em Cunha & Cintra (2017), o recurso da comparação, assim como em Bechara (2009), é abordado na seção da morfologia, ao mencionar o grau do adjetivo – comparativo e superlativo. De acordo com os autores, “o comparativo pode indicar: a. que um ser possui determinada qualidade em grau *superior*, *igual* ou *inferior* a outro; b. que num mesmo ser determinada qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior*” (CUNHA&CINTRA, 2017, p, 268). Dessa forma, verificamos o que chamamos de *comparativo de superioridade*, *comparativo de inferioridade* e *comparativo de igualdade*. Ainda sobre o tratamento das classes de palavras, os autores apresentam a seguinte definição para conjunção: “conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (CUNHA & CINTRA, 2017, p. 592).

As conjunções coordenativas e as subordinativas são apresentadas por Cunha & Cintra (2017) como propõe a tradição e, entre as subordinativas, verificamos as conjunções que introduzem orações substantivas e outras que introduzem orações adverbiais. É neste grupo que encontramos as conjunções comparativas, ao lado das conjunções que estão elencadas como adverbiais: causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, consecutivas, conformativas e proporcionais.

Cunha & Cintra (2017) apresentam como o recurso da comparação é abordado na sintaxe e destacam: “Saliente-se que as *comparativas* e *consecutivas* introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo de outra oração” (CUNHA & CINTRA, 2017, p. 600). Vemos nesse curto fragmento que os autores fazem menção às orações comparativas e consecutivas ocorrendo correlacionadas com termo de outra oração.



Ainda sobre as conjunções comparativas, Cunha & Cintra (2017) apresentam a seguinte definição: “iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto: *que, do que* (depois de *mais, menos, maior, menor, melhor e pior*), *qual* (depois de *tal*), quanto (depois de *tanto*), *como, assim como, bem como, como se, quem*” (CUNHA & CINTRA, 2017, p. 602). Para essas conjunções adverbiais comparativas, os autores apresentam os seguintes exemplos:

a. Mais **do que** as palavras, falavam os fatos. (M. Torga, V. 278.)

b. Unidas, **bem como** as penas

Das duas asas pequenas

De um passarinho do céu...

**Como** um casal de rolinhas

De tarde no frouxo véu. (Castro Alves, EF, 125.)

c. Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida. (C. de Oliveira, AC. 159.)

d. Ele comeu-a **que nem** confeitos. (C. Castelo Branco, OS, I, 368.)

Ao observarmos a variedade de formas nas quais é possível identificar algum tipo de comparação, a partir do que nos propõe a gramática tradicional, constatamos a grande abrangência do termo comparação. E, por conseguinte, a necessidade de definições e categorizações mais claras das estruturas que podem ser elencadas dentro do que entendemos por comparação. Verificamos também que há um consenso entre os autores, das chamadas gramáticas normativas, a respeito do recurso da comparação como pertencente à categoria das subordinadas adverbiais.

## 1.2 A comparação segundo as gramáticas descritivistas

Após termos apresentado o que algumas produções da GT trazem a respeito da comparação – recurso muito recorrente na língua – nesta seção, no deteremos em apresentar o que as gramáticas descritivas arrolam a respeito desse mesmo recurso. Para

esse fim, selecionamos duas gramáticas: a “Gramática do português brasileiro”, de Castilho (2019), e a “Gramática de usos do português”, de Neves (2011).

Castilho (2019), ao tratar das subordinadas adverbiais, ele as apresenta como aquelas que acrescentam informações extras ao verbo, escolha feita pelo falante por razões diversas. A fim de ilustrar, Castilho (2019) descreve uma cena em que alguns verbos sejam suficientes para possíveis respostas para dadas perguntas, mas acrescenta que, por diversas razões, essas respostas simples, demasiadamente sucintas, podem não ser bem-vistas, o que motiva o falante a acrescentar informações, possivelmente organizadas em orações adverbiais, como no exemplo a seguir (CASTILHO 2019, p. 371):

*h) Maria falou alto, como costumava fazer.*

Sobre a sentença negritada, Castilho (2019) dia que verbaliza informações adicionais e acrescenta que

A informação central veiculada por uma sentença está contida no verbo e em sua estrutura argumental. Não é esse o caso das adverbiais, que funcionam em adjunção ao verbo da sentença matriz, predicando ou verificando esse escopo” (CASTILHO, 2019, p. 372).

Os exemplos apresentados por Castilho (2019), para explicitar o funcionamento em adjunção das subordinadas adverbiais, ilustram as tipologias adotadas pela tradição gramatical para essas orações, nove classificações elencadas a partir do que é captado das informações adicionais. Retomamos essa classificação gramatical, como exemplifica o gramático, a partir do exemplo dado (CASTILHO, 2019, p. 371):

*f) Ficarei mais tempo do que Maria pensa.*

Comparativa: a adverbial compara a duração de *ficar* a *pensar*.

É interessante notar a provocação feita em Castilho (2019) ao salientar que as alterações de sentido que as adverbiais podem causar na sentença. Essas alterações na sentença matriz são tantas que, se fossemos identificar todas as alterações possíveis, iríamos além dessas já arroladas na tradição gramatical e, assim, teríamos uma tipologia inesgotável, nas palavras do autor. Por isso, diz que, como os demais, ficará com a tipologia já apresentada. Contudo, vale salientar que mesmo adotando a proposta da

tradição gramatical quanto à tipologia, Castilho (2019) apresenta pontos distintos de análise, que conduzem a uma organização diferente dos termos que compõem a tipologia.

Castilho (2019) diz que as sentenças adverbiais possuem propriedades semânticas que são homogêneas, todavia, suas propriedades sintáticas são distintas, o que confere a essas propriedades caráter heterogêneo. Segundo o autor, as orações adverbiais, ao funcionarem em adjunção ao verbo, deveriam aceitar o teste de focalização. Sobre esse teste, ele diz:

A focalização é um mecanismo próprio da estrutura informacional da sentença, acionado sempre que queremos destacar, enfatizar, pôr em relevo algum de seus constituintes. [...] a focalização aciona recursos tais como (i) a prosódia, mudando a tessitura do segmento; (ii) a anteposição do segmento; (iii) a utilização de operadores tais como *é que* (clivagem), *só* e *apenas* (advérbios de focalização) etc. [...] A focalização aparece aqui como um recurso precioso, pois apenas os constituintes de uma sentença podem ser focalizados, seja por meio dos advérbios especializados nesse trabalho, como *só* e *apenas*, seja por meio da expressão clivadora *é que*. Se a operação não der certo, você achou uma expressão situada fora da unidade sintática sob análise (CASTILHO, 2019, p. 274 -275).

Após usar o mecanismo da focalização para verificar o comportamento das orações adverbiais, Castilho (2019) faz a seguinte observação:

Funcionando como constituintes em adjunção ao verbo da sentença matriz, elas deveriam aceitar o teste de focalização por meio de *somente* e *é que* [...]. Admitindo-se que todas elas funcionem como um adjunto adverbial, todas poderiam ser focalizadas. Mas se as focalizarmos, notaremos que elas mostram um comportamento heterogêneo. Assim, podem ser focalizadas as causais, as condicionais, as temporais, as finais e as proporcionais, estas, na verdade, um subtipo das temporais (Castilho/Carratore, 1965). Não podem ser focalizadas as concessivas, as comparativas, as consecutivas e as conformativas, que não são, portanto, sentenças adverbiais (CASTILHO, 2019, p. 372).

Após o resultado dessa análise, que se distancia do que nos propõe a tradição gramatical para as adverbiais, Castilho (2009) ainda destaca as idiossincrasias das sentenças, que segundo o autor foram “reprovadas no teste” de focalização e apresenta os seguintes questionamentos que orientam para uma conclusão: “O que fazer com as sentenças “reprovadas no teste”? Fazer de conta que não existem? Integrá-las em outra tipologia? Admitir um *continuum* entre as adverbiais, metendo de um lado as aprovadas

e de outro as reprovadas, considerando-as pouco gramaticalizadas?” (CASTILHO, 2019, p. 372).

E como resposta para esses questionamentos diz que:

Concessivas e adversativas compartilham a mesma propriedade discursiva, a da contração, distinguindo-se gramaticalmente no uso do modo verbal. E como as concessivas selecionam o subjuntivo, que é o modo da subordinação, será difícil deixar de considerá-las subordinadas, mesmo “reprovadas no teste”. As correlatas comparativas e consecutivas se distinguem gramaticalmente das demais por contarem uma conjunção redobrada, cujos termos ocorrem espaçosamente na primeira e na segunda sentença [...]. Vamos considerá-las como correlatas (CASTILHO, 2019, p. 373).

Neste trabalho, nos interessa observar o comportamento das comparativas, que passam a ser tratadas pelo autor como *correlatas comparativas*. A conjunção redobrada, como elemento da primeira e da segunda oração, é uma característica apresentada por Castilho (2019) para as *comparativas*, como também para as *consecutivas*.

Sobre o *status* de correlata comparativas, Castilho (2019) reitera o que a tradição já aponta a respeito da comparação, ao dizer que uma correlata comparativa pode estabelecer igualdade, superioridade e inferioridade. O autor menciona três construções possíveis de se encontrar entre as correlatas comparativas. Listamos a seguir essas construções com exemplos e palavras do próprio autor (CASTILHO, 2019, p. 389):

1. Na primeira sentença, há intensificação relativa de um processo (verbo), de uma qualidade (adjetivo), de uma circunstância (advérbio) ou quantificação relativa de um elemento (substantivo). Na segunda sentença, há apenas um segundo termo da comparação, da mesma natureza que o primeiro:

- Tecnologia importa **mais que** capital. (**mais** intensificador de importa)
- Afinal quem é este Madruga, a voz agora **menos** agressiva **que** antes. (**menos** intensificador de **agressiva**)
- Vós o conheceis **tão** bem **quanto** eu. (**tão** intensificador de **bem**)
- Tenho **mais** coragem **do que** muito homem safado. (**mais** qualificador de **coragem**)

2. Na primeira sentença, um termo é destacado por uma marca formal, como primeiro membro de um cotejo, enquanto a segunda sentença também traz um membro destacado por meio de uma marca formal, o segundo membro do cotejo (da mesma natureza que o primeiro). Tais construções são sempre de igualdade, implicando uma adição correlativa do tipo *não só...mas também*, que se soma a uma comparação.

e. **Tanto** Dozinho **quanto** Rodopião tinham morrido por vaidade.

Nesse exemplo, poderíamos ter também a ideia de adição:

**Não só** Dozinho **como também** Rodopião tinham morrido por vaidade.

3. Na segunda sentença, o segundo termo correlacionado é posto à altura de primeiro, expresso na primeira sentença, ocorrendo ambos em pé de igualdade:

- Assim como** nas discussões atuais sobre o aborto há opiniões divergentes, **assim** nos papos de botequim **sobre** o futebol nunca há acordo à vista.

Essa sentença é considerada na literatura como correlata equiparativa.

Das três possíveis construções correlatas comparativas expostas em Castilho (2019), nos interessa observar o comportamento do terceiro modelo, no qual verificamos o uso de *assim como* em correlação, em que os termos correlatos atuam de maneira equiparada, como se pode notar nos exemplos que se seguem:

- (14) “Crescemos muito em opções de atividade física e ampliamos também nossos projetos de formação”, ressaltou. # Projetos - Também lembrou de projetos que foram retomados, **como** as pessoas de pessoas idosas, de os povos indígenas, **assim como** recreação em os bairros. De acordo com a Fundação, 18 mil pessoas inscritas em 645 oficinas de esporte e lazer, realizadas em 56 locais diferentes em Campo Grande”.

(Corpus Now – Campo Grande News- 18-12-31 BR)

- (15) “O Juiz de Direito de a 1ª Vara de a Fazenda Pública de Boa Vista, Aluizio Ferreira Vieira, determinou o bloqueio de R\$ 1, 8 milhões de as contas de o Governo de Roraima, para pagamento de as dívidas com a Clínica Renal, **como** forma de garantir a continuidade de os tratamentos de hemodiálise, **bem como** proceda a transferência de o respectivo montante para a conta judicial. # O entrave judicial será feito em contas que não estejam vinculadas a convênios ou repasses de recursos federais, repasses de o Fundo de Participação e percentuais destinados a o Pasep e a Educação”.

(Corpus Now - Folha de Boa Vista 18-06-29 BR)

Em (14) vemos um exemplo de correlação com *assim como*, possibilidade já apresentada em Castilho (2019). Contudo, verificamos que a estrutura correlata apresentada por ele se difere da que apresentamos em (14), como pode ser visto no exemplo a seguir:

*Assim como* nas discussões atuais sobre o aborto há opiniões divergentes, *assim* nos papos de botequim sobre o futebol nunca há acordo à vista (CASTILHO, 2019, p. 389).

Sobre esse exemplo o autor diz apenas que, “na segunda sentença, o segundo termo correlacionado é posto à altura do primeiro, expresso na primeira sentença, ocorrendo ambos em pé de igualdade. [...] é considerada na literatura como uma correlata equiparativa” (CASTILHO, 2019, p. 389-390).

No exemplo proposto por Castilho (2019) estão correlacionadas as formas *assim como... assim*. Já em (14) vemos um outro tipo de correlação do qual *assim como* participa e nele as formas correlatas são *como...assim como*. Em ambos verificamos o sentido comparativo esperado para essas construções, todavia, a estrutura apontada por Castilho (2019) nos parece ser ainda menos recorrente do que a estrutura vista em (14). A correlação com *assim como* não foi encontrada entre os dados analisados, porém, os exemplos verificados se aproximam mais do modelo que podemos ver em (14).

Ao observarmos a correlação com *assim como*, nos interessou verificar se o mesmo ocorria com as construções *bem como* e *tal como*. Em (15), destacamos a correlação com a construção *bem como* numa estrutura próxima da que vimos em (14), contudo não foi possível verificar entre os dados coletados a correlação com *tal como*. Para essa ausência, consideramos alguns fatores como o baixo índice de recrutamento dessa construção pelos falantes, o que resulta numa menor frequência – em comparação com as demais construções. Acreditamos também que o uso mais frequente de *assim como* e *bem como* permite o surgimento de novos e diferentes usos para ambas, enquanto para *tal como* essa possibilidade se torna mais restrita pela baixa frequência de uso.

Neves (2011) lista duas características que são centrais nas construções comparativas: *a interdependência de dois elementos* e *a o estabelecimento de um cotejo entre esses elementos*, em que esta é numa perspectiva semântica e aquela pelo viés sintático.

Vemos em Neves (2011) a seguinte definição sobre as construções comparativas:

“Toda construção **comparativa** é uma reunião entre iguais (comparação de igualdade) ou entre diferentes (comparação de desigualdade), enquanto a adição se faz entre iguais; entretanto, tanto as construções aditivas como as comparativas se caracterizam pela redundância” (NEVES, 2011, p. 893).

Após definir esse tipo de construção, Neves (2011) destaca a sua proximidade com as aditivas. A existência de um elemento que seja comum aos dois membros comparados é, para Neves (2011), um traço essencial das construções comparativas, sendo assim, é possível dizer que “dois membros são comparados a respeito de algo que têm em comum” (NEVES, 2011, p. 894).

Para observar melhor como isso ocorre, a autora propõe um esquema a partir de elementos que podem estar presentes numa oração comparativa, como: *elemento de contraste*, *elemento comum*, *marcador do contraste* e *conjunção comparativa*. Neves

(2011) também apresenta o que chama de dois tipos principais das construções comparativas oracionais – aquelas compostas de uma oração principal e uma comparativa.

O primeiro tipo são as construções comparativas correlativas e o segundo, as comparativas não correlativas. É válido salientar que, em Neves (2011), vemos a menção indireta a estruturas comparativas não oracionais, já que a autora faz questão de destacar que apresenta o modo de construção das oracionais. Isso nos faz compreender que a decisão de não tratar todas as formas de comparar como oração e a opção pelo termo *construção*, ao se falar das comparativas, são atitudes que revelam uma determinada postura mediante o tipo de análise e classificação que se faz dessas estruturas comparativas.

A respeito do *status* da correlação, Neves (2011), além de apresentar as características básicas, comenta que a comparação correlativa pode exprimir igualdade – podendo referir-se à quantidade e à intensidade e – também desigualdade – através das relações de superioridade e inferioridade.

### 1.3 A comparação segundo a perspectiva funcional-cognitivista

A discussão acerca dos processos que envolvem a comparação é uma questão fortemente abordada em Rodrigues (2001, 2002). Sobre o assunto, a pesquisadora, ao analisar a relação entre a comparação e os processos sintáticos da coordenação, subordinação e correlação, a partir de pesquisa realizada em amostras de textos, indica que a comparação pode ocorrer para além da estrutura oracional. Sendo assim, ela verifica a existência de estruturas comparativas oracionais e não oracionais. A fim de exemplificar diferenças entre as estruturas comparativas, Rodrigues (2001) apresenta os seguintes exemplos:

(16)(Fala de Jeremias) Por isso perdô-a [**como** em idênticas circunstâncias a perdoaria o meu mestre...] (OSJ)

(17)(...) Então, e então ela berrava, ti (...) tinha os chifres [**como** uma cabra,] e tudo, aí, ah, ainda me pregou uma turra. (B - ROALDE - PE)

A autora seleciona esses exemplos para elucidar o que declara acerca das estruturas comparativas. Em (16), temos o que Rodrigues (2001) denomina de *construção comparativa oracional*, enquanto em (17), o que seria, segundo a autora, uma *construção comparativa não-oracional*.

É possível notar, em (16), que são comparadas situações em que alguém é perdoado. Verificamos que tanto no primeiro período, quanto no segundo – em que temos um conector comparativo – há presença de verbo. A autora comenta nesse exemplo “que na segunda parte da construção, destacada entre colchetes, não há cancelamento de constituintes” (RODRIGUES, 2001, p 87), o que configuraria uma estrutura oracional.

No exemplo (17), temos a comparação de termos semelhantes, os chifres de um referente apresentado no texto como *ela*, comparados com os chifres de uma *cabra*. Nessa amostra, não verificamos a presença de verbo no período que é iniciado por um conector comparativo. Sobre esse exemplo, Rodrigues (2001) diz que “nenhum verbo conjugado segue *como* e a segunda parte da construção exerce a função de adjunto adverbial” (RODRIGUES, 2001, p. 87), o que permite que essa estrutura seja classificada, pela autora, como uma construção comparativa não-oracional.

Rodrigues (2001) explicita as observações feitas e o que motivaram essa proposta de classificação para as comparativas. Segundo a autora, as *construções comparativas* não têm recebido tratamento uniforme, sua classificação ora se dá por critérios formais, ora semânticos e em alguns casos combinam-se critérios semânticos e sintáticos, por isso, salienta a necessidade desses critérios serem examinados, para que outros mais claros possam ser estabelecidos.

O primeiro questionamento apresentado pela autora se concentra sobre o status de oração que comumente as comparativas recebem, e por essa razão passam a ser tratadas como orações comparativas. Rodrigues (2001) declara que nem todas as estruturas comparativas podem ser tratadas como oração, visto que não apresentam o elemento oracional, o verbo. Vejamos, agora, o que autora diz a respeito da presença da forma verbal explícita (ou não) dentro de um período:

Constata-se que há tantos casos que envolvem elipse de SV quanto aqueles que não, mostrando que o comportamento sintático dessas estruturas não é uniforme. O fato de as *orações comparativas*, na sua maioria, envolverem o fenômeno da elipse – há comparativas elípticas -, embora nem sempre seja possível retomar o



elemento elíptico, é um dos aspectos que pode justificar a necessidade de uma melhor descrição do comportamento das chamadas *orações comparativas* na Língua Portuguesa (RODRIGUES, 2001, p 18).

A partir desse excerto, entendemos que o critério fundamental adotado por Rodrigues (2001) para classificar uma estrutura comparativa como oracional ou não, é a presença do verbo, conforme já prescreve a tradição gramatical.

Em razão dessa diversidade, Rodrigues (2001) adota a terminologia *construções comparativas* que compreenderá as estruturas oracionais e não oracionais. Essa visão da autora corrobora com a nossa perspectiva de trabalho, pensar a comparação para além do nível sintático e vê-la como um processo cognitivo, ou seja, como sujeitos inseridos em práticas discursivas, realizamos a comparação de entidades discursivas no mundo. Aqui, é importante indicarmos que, a partir dos contextos de uso, falantes procuram identificar relações de similaridades/semelhanças de representação do referente, bem como procuram identificar relações semânticas e sintáticas dos enunciados a partir de conhecimento linguístico e convencionalizado (cf. FRIED, 2010) que é compartilhado em uma comunidade de fala (cf. MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020).

Além disso, a gramática é estruturada a partir de aspectos sociocomunicativos e cognitivos (BYBEE, 2010). Sobre isso, Wiedemer & Costa (2002, a sair) indicam que:

Estamos a todo momento tentando comparar esses padrões de semelhanças e diferenças de tudo o que enxergamos/ouvimos (estímulos recebidos) com a nossa memória, a partir de processo de associação e pareamento. De acordo com a abordagem baseada no uso, a analogia tem um papel importante na produtividade linguística, que é comumente definida como a extensão de um esquema existente para um novo item.

Dessa forma, o processo de comparação pode ser equiparado ao processo de analogia. Vejamos que, neste exato momento, você deve estar associando o significado de “comparação” e “analogia”. Uma breve pesquisa em um dicionário on-line pode evidenciar essa aproximação, como é possível verificar em uma das definições propostas pelos *Dicionário Online de Português*: “Em que há ou pode haver uma análise comparativa; comparação: o professor fez uma analogia histórica entre o passado e o presente.”

Mencionamos anteriormente a tentativa de estabelecer um tratamento mais uniforme para as comparativas que até então eram todas tratadas como oração. Em Rodrigues (2002), vemos essa pesquisa ser ampliada. Para verificar se o status de oração poderia ser aplicado a todas estruturas comparativas, a autora, a partir da Sociolinguística Laboviana, procurou “estabelecer uma tipologia mais coerente e sistemática das construções de comparação em Língua Portuguesa, visando depreender aquelas que de fato deveriam ser tratadas como estruturas comparativas oracionais” (RODRIGUES, 2002, p. 2). A partir da análise de alguns *corpora* – um *corpus* de Língua Escrita dos séculos, XVII, XIX e XX, e de outro, de Língua Oral, gravado no decorrer das décadas de 70 e 90 (*corpus* do Projeto Nurc, do Português Fundamental e de Portugal – anos 90) – a autora apresenta quatro tipos de construções comparativas:

a. Construção comparativa não-oracional correlata

(...) *um tem que falar mais alto [do que outro.] (AC 3 - PB)*

b. Construção comparativa não oracional não-correlata

(...) *you corre [como um coelho acuado.] (NCB)*

c. Construção comparativa oracional correlata

(...) *Olha... está melhor [do que estava.] (REC 373 – PB)*

d. Construção comparativa oracional não-correlata

(...) *Agora, tudo vai ser [como era antes.] (NCB)*

A classificação é apresentada a partir dos critérios descritos por ela da seguinte forma:

Os casos de construções comparativas não-oracionais são aqueles em que ocorre o fenômeno da elipse/apagamento, e os casos de construções comparativas oracionais são aqueles em que o verbo está expresso ou cancelado. Sintaticamente, essas estruturas tanto podem envolver correlação quanto subordinação, ou seja, há construções comparativas que são correlatas, e há as que não o são. As correlatas, oracionais ou não, envolvem interdependência sintática entre a primeira e a segunda partes da construção; as não-correlatas, na verdade, funcionam como adjuntos, que podem ser oracionais ou não. Depreende-se, pois, que se parte aqui do pressuposto de que a correlação é um processo sintático diferente da subordinação e da coordenação.

No exemplo (a), temos uma *construção comparativa* não-oracional correlata. É classificada como *não-oracional* porque o período [*do que outro.* ], em que se encontra um dos elementos comparados, não apresenta verbo explícito. É também considerada correlata pela presença do par correlato comparativo *mais...do que*. Temos nesse dado uma prototípica comparação de superioridade.

Em (b), novamente e de acordo com os critérios adotados por Rodrigues (2002), temos um exemplo de construção comparativa não-oracional; entretanto, diferente do exemplo anterior, não temos um par comparativo que seja correlato, como vemos em (a). Nesse exemplo, propriedades semelhantes são comparadas e relacionadas pelo conector comparativo *como*, a fim de comparar o correr de um referente que não aparece expresso nesse trecho com o correr de um coelho.

Vejamos que, nos exemplos (a) e (b), temos a ocorrência da elipse do verbo, que se estivesse expresso deixaria os períodos da seguinte forma, respectivamente: (...) *um tem que falar mais alto [do que outro fala.] / (...) você corre [como um coelho acuado corre.]*. A elipse do segundo verbo evita uma repetição desnecessária para a compreensão do enunciado e por razões de economia é evitada. Neste trabalho, por considerarmos orações as construções em que há elipse do verbo, optamos por entender os exemplos (a) e (b) como *construções comparativas oracionais não-correlatas*.

Já em (c), de acordo com Rodrigues (2002), a construção é comparativa oracional correlata. Nesse exemplo, verificamos o verbo expresso nas duas partes do período, formando por duas orações. Ainda nesse exemplo, a autora destaca a presença de um par correlato do grupo das comparativas de grau de superioridade – *melhor do que*.

Por fim, em (d), temos o que Rodrigues chama de *construção comparativa oracional não-correlata*, em que temos a presença do verbo expresso nos dois períodos, mas não temos um par correlato comparativo. Nesse exemplo, com o auxílio de *como*, se compara o que acontecerá agora com o que antes aconteceu.

Dentre as quatro possibilidades de construções comparativas elencadas por Rodrigues (2002), vimos que não há indicação de estruturas como as investigadas por nós “*assim como, bem como e tal como*”. Acreditamos que para isso existam dois motivos: (i) pensar a comparação a partir de estruturas comparativas clássicas/canônicas; e (ii) não correlacionar a ideia de comparação à adição. A partir da pesquisa de Rodrigues (2002),

podemos aplicar o seguinte critério de exclusão: a. construção comparativa não oracional não-correlata; b. construção comparativa oracional não-correlata. Nos dois casos, vemos a ausência da correlação, por não haver estreita relação das microconstruções analisadas nesta pesquisa - *assim como*, *bem como*, e *tal como* - com um outro conectivo que lhe seja correlato (critério sintático). Vejamos, a seguir, os exemplos (18) e (19) extraídos, que ilustram a *construção comparativa não oracional não-correlata* e a *construção comparativa oracional não-correlata*, respectivamente.

- (18) “*Tanto Vekselberg como Intrater foram interrogados pelo FBI sobre os seus vínculos com os pagamentos feitos a Cohen, **assim como** às doações, no valor de 300.000 dólares, para o Comitê Nacional Republica...*”

(Corpus Now- [VEJA.com 18-05-25 BR](#))

- (19) “*Ninguém é de ninguém. Todos estão sujeitos a mudanças. Amanhã eu posso atravessar a rua e conhecer alguém, **assim como** ele também pode conhecer outra pessoa. Mas a gente não fica pensando nisso. Nunca tivemos uma briga por ciúme. ...*”

(Corpus Now-[Purepeople.com.br 13-06-03 BR](#))

Nos exemplos supracitados, assim como em todos os dados coletados no *Corpus Now* para este trabalho, não temos ocorrências de construções comparativas em pares correlatos. Isso ocorre pelo fato de as microconstruções analisadas nesta pesquisa não serem usadas em correlação para comparar. Entendemos a correlação, de acordo com Rosário (2017), como a atuação de pares descontínuos de conectivos, em que um elemento desse par aparece na primeira parte da construção e acarreta o surgimento de outro elemento na segunda parte.

Nesta pesquisa, apesar de trabalharmos com construções formadas por dois elementos, não podemos dizer que elas estão em correlação nem que são pares correlatos, visto que essas microconstruções não apresentam os traços básicos da correlação. Entendemos que cada uma das microconstruções em análise - *assim como*, *bem como*, *tal como*, - forma uma unidade de sentido e a isso chamamos *chunking*. A partir de uma espécie de encadeamento das partes temos o surgimento de um novo *chunk*. Por isso, ao analisarmos uma micronconstrução como *bem como* deixamos de olhar o sentido isolado

de *bem* e de *como* para observamos o sentido formado através do encadeamento dessas partes, no caso, o *chunking*.

O resultado de um *chunking* é a formação de uma construção com um sentido novo. Dessa forma, as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* passam a indicar tanto comparação quanto adição. Entre as diversas construções recrutadas na língua teremos microconstruções comparativas, como as que observamos nos exemplos propostos em Rodrigues (2001), e outras aditivas como as conjunções aditivas prototípicas *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas), conforme Bechara (2009).

Os estudos linguísticos baseados no uso enfatizam o carácter flexível da língua, que permite que novas categorias sejam criadas e por isso é possível notar ocorrências de uso de construções como as que investigamos neste trabalho, construções que indicam tanto a comparação quanto a adição. Porém, a depender da microconstrução, conforme demonstraremos na análise, algumas apresentam traços mais aditivos, outras mais comparativas, formando uma gradiência de significado.

O resultado da pesquisa apresentada em Rodrigues (2002), acerca do status de oração que estruturas comparativas frequentemente recebem, revela que é muito comum o uso da expressão *orações comparativas* para nomear/classificar diferentes estruturas comparativas com as quais nos deparamos no português brasileiro. Contudo, Rodrigues (2002) indica que as formas de comparação mais frequentes na Língua Portuguesa Brasileira são as que não apresentam verbo e, por sua vez, de acordo com o critério sintático, não devem ser classificadas como oração. Dito isso, a nomenclatura *construções comparativas* passa a ser utilizada pela autora, classificação mais abrangente e capaz de distinguir dois modos de fazer comparação no português brasileiro.

A pesquisa mencionada teve cunho qualitativo e quantitativo. A análise quantitativa dos dados coletados e analisados por Rodrigues (2002) contribuiu para a verificação da frequência em que os modelos de comparação – oração e não-oracional – são utilizados na língua. Os resultados apresentados pela pesquisadora indicam que no português brasileiro as construções comparativas mais frequentes são as não-oracionais e apresenta a frequência observada na tabela (01), a seguir:

**Tabela (01): Tipos de construções comparativas**

TIPOS DE CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS	<i>Corpus</i> de língua escrita	<i>Corpus</i> de língua falada
Não-oracionais	275 / 87%	121 / 84%
Oracionais	40 / 13%	25 / 16%
TOTAIS	315 / 100%	146 / 100%

**Fonte:** Adaptado de Rodrigues (2002).

Os dados dispostos na Tabela (01) mostram a menor frequência das comparativas oracionais, entretanto, é importante salientar que em Rodrigues (2001) as estruturas com verbos elípticos foram tratadas como não-oracionais, a partir dos critérios metodológicos por ela adotados.

Em outro trabalho, voltado para o estudo da comparação no PB, Thompson e Rodrigues (2020) enfatizam que a comparação, do ponto de vista semântico, vai muito além do que da oposição de igualdade e desigualdade propagada pela tradição gramatical e destacam a amplitude da comparação no PB:

No âmbito linguístico, a relação de comparação manifesta-se por meio de diversas configurações formais e em diferentes níveis sintáticos. Dessa forma, podemos encontrar estruturas comparativas no nível sintagmático, sentencial simples, sentencial complexo e, até mesmo, no nível textual. Além disso, as estruturas comparativas podem apresentar nuances de sentido que especializam seus usos nos diferentes contextos linguísticos (THOMPSON; RODRIGUES, 2020, p. 168).

As autoras apresentam ainda uma proposta elaborada por Thompson (2019) para a descrição da comparação e a partir dela propõe duas categorias: *construção comparativa assimilativa (CCA)* e *construção comparativa de grau (CCG)*. Thompson assinala que com essa proposta de descrição pretende fornecer uma alternativa que englobe todas as manifestações da relação de comparação.

A proposta elaborada por Thompson (2019) contempla diferentes construções comparativas e insere na rede da comparação as denominadas construções comparativas assimilativas. De acordo com Thompson e Rodrigues (2020, p. 163), as comparativas assimilativas são entendidas como “aquelas que não apresentam correlação entre seus

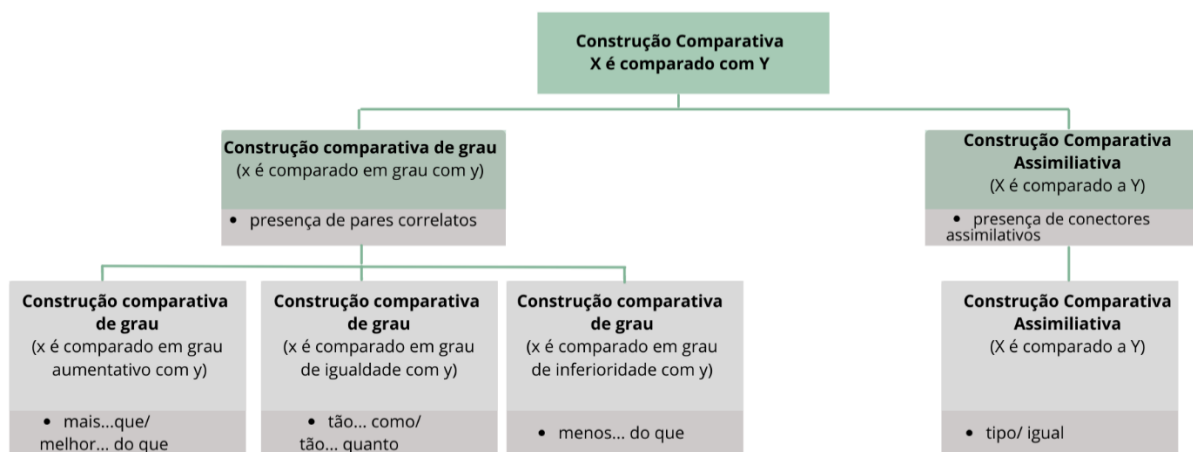
elementos conectores, mas que funcionam como uma unidade”. Vejamos o exemplo usado por Rodrigues (2020):

(20) Leonardo tem pavio curto *que nem* o pai

Em (20), entidades semelhantes são comparadas, Leonardo é comparado com o pai por ambos terem pavio curto. Nesse exemplo, *que nem* é a construção comparativa assimilativa que atua como uma unidade de sentido, um *chunk* e seus elementos não aparecem em correlação, conforme a definição de assimilativa dada pela autora.

Vale salientar que o termo *assimilativa* é usado por Thompson (2019) com uma denotação diferente do que vemos na tradição gramatical. Vimos, em Bechara (2009), que a comparativa pode ser assimilativa quando se assimila algo a alguma coisa mais impressionante, ou até mesmo mais conhecida – e *quantitativa* – quando a comparação indica a quantidade ou intensidade das coisas. O autor ainda menciona que construções assimilativas podem aparecer em correlação. Ao compararmos essas definições distintas para o termo *assimilativa* vemos que estamos falando de classificações diferentes, apesar da mesma nomenclatura. Por outro lado, verificamos que a classificação *quantidade* fornecida por Bechara (2009) equivale à *construção comparativa de grau (CCG)*. Essa proposta de descrição configura possibilidades de realização da comparação no português brasileiro. Enquanto a construção comparativa assimilativa não apresenta correlação entre os elementos que fazem conexão, a construção comparativa de grau se caracteriza justamente pela presença de elementos conectores correlatos.

As construções comparativas de grau são tratadas de maneira unânime nos mais diversos compêndios e gramáticas. São elas: construção comparativa de inferioridade, superioridade, igualdade, superlativa e a comparativa de preferencialidade. Thompson (2019) ainda menciona que a partir dessas ainda teremos a construção hiperbólica por símile e a construção comparativa superlativa disfêmica; contudo, nesta pesquisa não nos deteremos em detalhar o que esses tipos apresentam acerca da construção comparativa de grau, já que nosso objeto de análise não se apresenta em pares correlatos. De forma geral, considerando a pesquisa de Thompson (2019), temos o seguinte quadro (03), para as construções comparativas:



**Quadro 3: Estrutura da construção comparativa baseado em Thompson (2019).**

No quadro (03), vemos que as construções comparativas se dividem em dois tipos: *construção comparativa de grau* e *construção comparativa assimilativa*. A *comparativa de grau* se desdobra em três, como vemos também na tradição gramatical, *grau aumentativo*, *de igualdade* e *superioridade*. Nesses casos, X é comparado a Y com o auxílio de pares correlatos que podem variar de acordo com o grau, como é possível verificar no esquema. O segundo tipo de comparativa é chamado por Thompson (2019) de construção comparativa assimilativa e, para esse tipo, a autora apresenta os conectores que são objeto da sua pesquisa. Nos interessa as construções comparativas assimilativas, classificadas por Thompson (2019) como “qualquer pareamento forma-significado que, se concretizando nos moldes do padrão abstrato [X *conector comparativo assimilativo* Y], e apresente a relação de comparação entre duas entidades” (THOMPSON 2019, p. 84). A autora apresenta os seguintes exemplos para ilustrar esse tipo de construção comparativa:

- a. *Eu, quando eu ligo pa reclamar alguma coisa, eu falo assim, olha, eu sei que cê n tem nada a ver com isso, que \_ UNDEF [é uma cidadã como eu], que deve passar raiva do mesmo jeito, mas com quem que eu vou conversar. /*

(Corpus Oral Brasil, p.174)

- b. *A saudade bateu, foi que nem maré/ Quando vem de repente de tarde/ Invade e transborda esse bem me quer/[A saudade é que nem maré].*



(Trecho da música “Quem nem maré”, de Jorge Vercilo, p.174)

Nos exemplos supracitados, Thompson (2019) apresenta *como* e *que nem* como construções comparativas assimilativas que correspondem ao padrão abstrato [X *conector comparativo assimilativo* Y]. Essa classificação nos interessa, visto que as microconstruções comparativas aditivas que analisamos, nesta pesquisa, não ocorrem em pares correlatos e grande parte das pesquisas recentes sobre comparação destacam a correlação e seus conectores, como verificamos em Rosário (2017) e Barros (2019). Para ilustrarmos o padrão comparativo assimilativo, destacamos alguns *tokens* do *Corpus do Português*:

(21) *O Ponte foi uma grande surpresa, **assim como** Temer. Como vice-presidente ele foi parte importante desse modelo. Foi uma surpresa quando ele decidiu pular fora.*

(Corpus Now Folha de S.Paulo 18-06-30 BR)

(22). *Está prevista para agosto a chegada de representantes do Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) ao Ceará. Na ocasião, eles deverão acompanhar se as recomendações feitas pela CIDH ao Estado brasileiro, ainda em janeiro de 2016, estão sendo cumpridas. São exigências como “fornecer condições adequadas em termos de infraestrutura e pessoal, **bem como** nos aspectos relativos à higiene, alimentação, saúde, educação e tratamento médico”.*

(Corpus Now O POVO Online 17 –06- 30 BR)

(23) *Isso porque a nova geração do Tiguan acaba de desembarcar no mercado brasileiro com opção de sete lugares, **tal como** o Honda CR-V e Peugeot 5008. A nova geração do utilitário-esportivo (SUV) alemão cresceu, ganhou visual moderno e evoluiu dentro da cabine e também sob o capô.*

(Corpus Now Hoje em Dia 18-06-30 BR)

Consideraremos o padrão abstrato [X *conector comparativo assimilativo* Y] proposto por Thompson (2019) para a análise desses exemplos. Em (21), X é *O Ponte* – que faz referência ao projeto *Ponte para o Futuro* –, Y é Temer, que são comparados com o auxílio da construção comparativa assimilativa *assim como*, pela surpresa que ambos causaram. Nesse exemplo é possível verificar a ideia de adição ao comparar. No início do período temos uma surpresa, que é o Ponte e outra surpresa é acrescentada ao período – o Temer - e comparada à primeira.

Em (22), *X* é representado por uma sequência de ações que devem ser observadas pelo CNDH - *fornecer condições adequadas em termos de infraestrutura e pessoal* – e ligado pela construção comparativa assimilativa *bem como* a *Y*, que nesse exemplo são também exigências que o Estado do Ceará deve cumprir - *aspectos relativos à higiene, alimentação, saúde, educação e tratamento médico*. É possível notar uma característica da microconstrução *bem como*, que notamos em diversos outros exemplos do *corpus*: a associação a uma espécie de lista, ao comparar vários elementos dentro de um mesmo período. Nesse mesmo exemplo, o valor aditivo de *bem como* aparece com bastante nitidez, visto que esse conector acrescenta elementos do mesmo nicho. No capítulo de análise trataremos de maneira mais detalhada dessa característica de *bem como*.

No exemplo (23), considerando o esquema abstrato mencionado, *X* é *a nova geração do Tiguan*, enquanto *Y* é *o Honda CR-V e Peugeot 5008*. Nesse exemplo, a construção comparativa assimilativa que conecta *X* e *Y* é *tal como*, ao estabelecer o valor comparativo entre esses modelos de automóveis, além do valor aditivo ao introduzir um novo elemento que servirá para comparar.

As três amostras apresentadas são exemplos de estruturas comparativas compostas por duas ou mais entidades em comparação, ligadas por um conector não correlato. Tendo em vista esses aspectos propostos e analisados por Thompson (2019), passamos a considerar as microconstruções *assim como*, *bem como*, *tal como* como construções comparativas assimilativas.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Entre os modelos funcionais contemporâneos, destaca-se o modelo denominado de *Usage-based Linguistics* (LANGACKER, 1987; TOMASELLO, 2003; BARLOW & KEMMER, 2000 entre outros), que, no Brasil, é conhecido como Linguística Cognitivo-Funcional ou ainda Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Assim, “o termo LFCU identifica uma tendência funcionalista” (FURTADO DA CUNHA, BISPO & SILVA, 2013, p. 13), que estuda a “relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação” (MARTELOTTA, 2011, p. 55).

De acordo com Furtado da Cunha (2012), a LFCU concilia os pressupostos das abordagens Funcionalistas e Cognitivistas e a eles se associam pressuposto teórico-metodológicos que são adotados em ambas as teorias. São eles: (a) a rejeição à autonomia da sintaxe; (b) a incorporação da semântica e da pragmática às análises; (c) a não distinção estrita entre léxico e sintaxe; (d) a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação; e (e) o entendimento de que os dados, para a análise linguística, são enunciados que ocorrem no discurso natural.

No modelo da LFCU, há uma relação direta entre a estrutura linguística e seu uso, seja em termos de compreensão ou de produção. Dessa forma, os aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. Com isso, processos cognitivos como categorização, memória e frequência são tão importantes como processos de ordem formal.

Para melhor entendermos a influência de processos cognitivos na organização da estrutura linguística e seus usos, revisamos, brevemente, o que Bybee (2016) apresenta como processos de domínio geral, tendo em vista uma perspectiva baseada no uso. De acordo com Bybee (2016), “investigando processos de domínio geral, nós não apenas estreitamos a busca por processos específicos à língua. Mas também situamos a linguagem no contexto mais amplo do comportamento humano” (BYBEE, 2016, p. 26). Dessa maneira, destacamos uma premissa apresentada pela LFCU no que diz respeito ao conhecimento linguístico que, de acordo com essa linha teórica, é concebido da mesma forma como outros conhecimentos. São cinco os processos de domínio geral apresentados

pela autora: categorização, *chunking*<sup>2</sup> (agrupamento), memória enriquecida, analogia e associação transmodal.

A categorização é, segundo Bybee (2016), o processo mais difundido pela relação que estabelece com os demais processos. A categorização está associada à ideia de similaridade, pela qual ocorre o emparelhamento de identidade tanto de palavras e sintagmas, quanto de componentes, tendo em vista a associação desses com representações estocadas. Criar categoria é um processo cognitivo natural que se constrói a partir da experiência humana em qualquer língua, através da seleção de exemplares que se assemelham e da eleição de protótipos, que ocorre não apenas no âmbito linguístico como também organiza diferentes categorias perceptíveis de maneira empírica.

É a partir da perspectiva de categorização da *Teoria dos protótipos*, proposta por Rosch (1973), que entendemos a ideia de categoria, que reverbera de estudos da Psicolinguística. De acordo com Bybee (2016), a relação de prototipicidade está associada com níveis de pertencimento, desse modo elementos de uma dada categoria podem ser mais centrais ou mais marginais. Aos mais centrais chamamos elementos prototípicos, tendo em vista a presença de mais traços que caracterizam a categoria em análise. Essa relação é facilmente percebida em nossas experiências cotidianas, nas quais elegemos elementos que são mais prototípicos em um grupo do que outro. A fim de ilustrar Bybee apresenta a categoria das aves, que tem como membros prototípicos *sabiá* e *pardal* e *águia* e *pinguim* como membros marginais. Sendo assim, se colocássemos isso num gradiente, *sabiás* e *pardais* ocupariam posições centrais, enquanto *águias* e *pinguins* estariam mais distantes da centralidade. É fácil perceber essa gradiência se pensar que uma pessoa, ao ser solicitada para dizer o nome de uma ave, dificilmente diria *pinguim*, enquanto os nomes *pardal* e *sabiá* seriam respostas mais possíveis.

O mesmo acontece com outros elementos de uma língua. A respeito da categorização de construções, Bybee (2016) diz que

as construções são particularmente adequadas para modelos que assumem exemplares, já que elas são baseadas na superfície e podem emergir da categorização de enunciados previamente usados. Modelos que consideram exemplares, por sua vez, permitem um tratamento de construções que é essencial para a total compreensão das construções por armazenarem tanto instâncias específicas das construções quanto possibilitarem a abstração de uma representação mais generalizada (BYBEE, 2016, p. 131).

Em relação ao nosso objeto de pesquisa, percebemos que a depender da microconstrução ela apresentará sentidos mais centrais, ou seja, sentidos mais comparativos, e em outros exemplos, sentidos mais distantes do protótipo da ideia de comparação. Vejamos os dois exemplos, a seguir.

25. nesta segunda-feira (29) dá conta de que ela estará em Toronto, **assim como** as levantadoras Macris e Ana Tiemi, as centrais Adenízia, Bárbara e Angélica

26. “Hoje nos sustentamos com o ‘Bolsa Família’. Meus dois filhos mais velhos foram embora para São Paulo, porque aqui não tem trabalho, **assim como** eu fiz em 2008, quando fui trabalhar no corte de cana. Espero que um dia eles também voltem”, diz o agricultor emocionado.

Em (25) e (26) temos amostras que exemplificam a gradiência de sentido que uma mesma forma pode apresentar, como é possível verificar nesses casos em que vemos *assim como* ora mais aditivo, ora mais comparativo. Em (25), o fragmento tem como assunto o evento esportivo. Na primeira oração verificamos a presença do pronome – *ela* – que retoma um referente que não podemos retomar pela ausência de contexto e informa que *ela* estará em Toronto. Já na segunda oração, nomes de outras levantadoras são adicionados dando a ideia de que todas elas estarão em Toronto. Notamos nesse exemplo um sentido aditivo mais forte pelo fato de *assim como* introduzir uma sequência de outros nomes. O sentido comparativo – mais prototípico - também pode ser percebido, já que o exemplo estabelece uma relação de comparação ao indicar um traço comum entre os referentes, - estarem todas em Toronto. Entretanto, a adição parece sobrepor o sentido da comparação.

Notamos que em (26) a microconstrução *assim como* não parece apresentar forte valor aditivo como em (25). Vejamos que, nesse exemplo, a comparação está na ação semelhante de ir embora para São Paulo em busca de trabalho em *meus filhos mais velhos foram [...] assim como eu fiz*. A noção de comparação está mais evidente e acreditamos que isso ocorra pelo fato de o período em si não trazer informações exatamente novas ao período. O *eu* que aparece em *eu fiz* pode ser presumido pelo *meu* da primeira oração e o verbo *fiz* retoma toda a ação expressa na oração anterior. Sendo assim, o sentido aditivo aparece mais enfraquecido do que no exemplo anterior.

Relacionado à categorização, encontramos o processo o *chunking*, que numa tradução para o português brasileiro poderíamos chamar de *encadeamento*, todavia, neste trabalho decidimos pelo uso da nomenclatura original. De acordo com Bybee (2016), *chunking* é o processo por trás da formação e do uso de sequências de palavras formulaicas ou pré-fabricadas [...] e também é o mecanismo primário que leva à formação de construções e de estrutura constituinte (BYBEE, 2016, 65). Esse processo cognitivo contribui tanto para a produção quanto para a decodificação de expressões que se originam no curso da interação.

A frequência é um aspecto importante para o surgimento de um novo *chunk*, visto que, quando duas ou mais palavras passam a ser usadas juntas com frequência, essas desenvolvem uma nova construção, através de um tipo de relação que chamamos de sequencial. No português brasileiro, como também em outras línguas naturais, temos muitos exemplos de *chunks* como: *pagar mico*, *entregar os pontos*, *escolher a dedo*, etc. Segundo Newell (1990)

um *chunk* é uma unidade da organização da memória, criado pela união de um conjunto de *chunks* já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, levando, assim, a uma organização hierarquizada da memória. *Chunking* parece ser uma propriedade onipresente da memória humana (NEWELL, 1990, p 7).

É possível ver, por meio dos exemplos expostos, que o sentido da expressão (resultado final) não é produto da soma das partes, sendo assim, o sentido de expressões como essas é produzido e decodificado na interação. Após se tornarem frequentes na língua, essa compreensão ocorre de maneira mais natural entre os falantes. No caso de nosso objeto, o que temos em evidência é, de fato, um *chunk*. Vejamos o exemplo a seguir:

27. O secretário de Segurança Pública do Paraná, Wagner Mesquita, disse nesta quarta-feira (4) que os serviços de inteligência da polícia identificaram uma disputa entre duas facções criminosas, em novembro de 2016. Segundo ele, as informações recebidas davam conta de que poderia haver tumultos no sistema penitenciário do estado, **tal como** aconteceu no Amazonas e que levou à morte de 60 presos.

Em (27) temos a micronstrução *tal como* que introduz uma oração comparativa e instancia o sentido comparativo aditivo, uma microconstrução formada por dois elementos que formam uma nova unidade de sentido, um *chunk*. Se na oração **tal como**

*aconteceu no Amazonas e que levou à morte de 60 presos* retirarmos uma das partes dessa microconstrução, não podemos dizer que o sentido permanece o mesmo, poderá continuar comparando, o que já ocorre com *como* sozinho, mas poderá ter seu valor aditivo enfraquecido, já que uma forma sintaticamente diferente será semântica ou pragmaticamente dependente, de acordo com o princípio da não-sinonímia, proposto por Goldberg (1995).

O terceiro processo cognitivo de domínio geral apresentado por Bybee (2016) é a *memória enriquecida*. Assim como o *chunking*, a *memória enriquecida* está fortemente relacionada ao processo de *categorização*. Ainda de acordo com Bybee (2016), o que chamamos de memória enriquecida é mapeado em representações existentes pelo processo de *categorização*. Segundo a autora,

representações por um feixe de exemplares são representações de memória enriquecida; elas contêm, ao menos potencialmente, toda a informação que o usuário da língua pode perceber na experiência linguística. Essa informação consiste de detalhe fonético, incluindo traços redundantes e variáveis, de itens lexicais e construções usados, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico (BYBEE, 2016, p. 35).

Através dessa conceituação, acerca do que vem a ser o processo cognitivo denominado *memória enriquecida*, fica clara a influência de fatores extralinguísticos nas recorrentes e mais diversas situações de uso da língua. No que diz respeito aos aspectos linguísticos, ao considerarmos as implicações dos processos de domínio geral, entendemos que nossas análises devem extrapolar as questões meramente sintáticas e contemplar outros níveis da língua, que participam e implicam nos usos comunicativos de situações reais. Para entender isso, vejamos o exemplo a seguir:

28. Todavia, a nova pesquisa, realizada por meio de entrevistas com as crianças e seus pais, mediu o impacto de uma ampla gama de atos violentos. O levantamento analisou agressões físicas com e sem armas e a destruição ou roubo de propriedade, **bem como** ameaças, xingamentos e outros modos de intimidação psicológica. (Corpus Now - Alagoas 24 Horas- 13-06-29 BR)

Em situações de uso real, elementos da língua podem assumir novos sentidos e funções, além daqueles que já estão prescritos. É o que acontece em (28), com o *bem como* instanciando dois sentidos, o comparativo, mais prototípico, e o aditivo. Esse tipo de uso é um indício desse caráter flexível e emergente das línguas naturais, que são capazes de produzir novas formas e sentidos para atender às necessidades de uso. Com

essas mudanças, motivadas pelos contextos de uso, os falantes são capazes de enriquecer o sentido de uma forma, se compararmos com formas que apresentam apenas o sentido comparativo ou aditivo.

A *analogia* é o quarto processo de domínio geral listado por Bybee (2016). É o processo que possibilita a criação de novos enunciados a partir de enunciados existentes oriundos de situações comunicativas anteriores. Esse recurso cognitivo que chamamos de *analogia* também é capaz de provocar mudanças linguísticas, como também contribuir significativamente no processo de aquisição da linguagem por crianças e, assim como os processos mencionados anteriormente, também está associado à categorização. Destaco que neste trabalho nos interessa observar o recurso da *analogia* no processamento cognitivo.

De acordo com Bybee (2016), o termo *analogia* tem sido usado por muitos pesquisadores para fazer referência “ao uso de um novo item em padrão existente, com base em exemplares específicos armazenados” (BYBEE, 2016, p. 99). Contudo, a autora salienta ainda a forma geral adotada por ela para o uso desse termo:

analogia se refere ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção. Dada a especificidade das construções e o modo como elas são formadas por meio de experiências com a língua, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item são gradientes e se baseiam na extensão de similaridade com usos antigos da construção (BYBEE, 2016, p. 99).

É com base em padrões convencionalizados que criamos padrões por analogia, através de similaridades existentes entre o elemento já estabelecido na língua e novo elemento criado por analogização. Ainda em Bybee (2016) vemos a menção aos critérios semânticos e fonológicos para o surgimento de novas formações analógicas, visto que a *analogia* tem por base a semelhança semântica e fonológica para o surgimento de novos usos. Recorro aqui aos exemplos de *analogia* no português brasileiro apresentados por Lucena (2017), como os verbos “deletar”, “printar” ou a expressão “dar uma photoshopada” que foram produzidos na língua com base em padrões consolidados, o que contribui para que o ouvinte dessas criações possa mais facilmente inferir os significados que elas denotam. Entre os nossos dados também é possível notar a analogia como um processo que se observa na comparação. Vejamos os próximos exemplos:



29. Craig também afirma que as baleias são como humanos: tem dias bons e ruins. Quando não estão dispostas, simplesmente não participam dos shows. Com base em sua vivência com os animais, ele diz que as baleias parecem gostar do trabalho. Para o veterinário João Carlos Gomes Borges, diretor-presidente da Fundação Mamíferos Aquáticos, impor uma rotina desse nível não é algo tão simples assim. “Os animais mantidos com o propósito de entretenimento, **assim como** acontece com animais de circo, têm uma rotina bastante séria em termos de treinamento.” (*Corpus Now - Terra Brasil -15-06-30 BR*)
30. Nessas conversas e na reunião, deve-se coletar informações úteis, como os objetivos e expectativas do cliente, **bem como** sobre seu temperamento, além de informações específicas do caso. O cliente tem alguma experiência sobre o sistema jurídico? Na conversa, ele deu alguma indicação sobre sua capacidade de pagar os honorários? Qual é seu trabalho? Qual a sua formação? Ele já foi representado por outro advogado? O que ele diz sobre o outro advogado? (*Corpus Now - Consultor Jurídico - 15-06-30 BR*)
31. As iniciativas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas são variadas. Vão desde soluções para reduzir o consumo de água e energia (apontado por 40% das empresas) a ações para redução de poluentes (23%) e campanhas de educação e conscientização (12%). “Muitas empresas adotam medidas para lidar com os desafios da mudança climática, ou se preparam para adotar medidas para lidar com esses impactos e suas consequências, **tal como** a escassez de insumos como a água”, disse Carlos Rittl, secretário executivo do Observatório do Clima, em entrevista à Agência Brasil. (*Corpus Now- CartaCapita - 15-06-30 BR*)

Nesses exemplos, observamos que é possível fazer analogia de comparação mais adição com as três microconstruções, o que permite compreendermos cada uma como uma única construção. Em (29), *assim como* instancia uma oração na qual as baleias são comparadas com os animais de circo quanto à relação que estabelecem com o entretenimento. Ao referente da primeira oração – baleias – é adicionado um elemento do mesmo campo semântico – animais usados para entretenimento.

Em (30), *bem como* instancia uma oração que aborda questões pertinentes a clientes do meio jurídico. Nesse exemplo, vemos listadas informações úteis sobre esses clientes que devem ser coletadas, duas informações são apresentadas antes do conectivo *bem como* -entre elas estão os objetivos e expectativas dos clientes - e após *bem como* mais duas informações são adicionadas. Vemos que, além da adição de informações, elas também são comparadas por serem todas úteis.

Em (31), *tal como* instancia uma oração que aborda as medidas que empresas adotam para lidar com mudanças climáticas. Nesse exemplo, *tal como* introduz a oração que adiciona uma informação, que se compara demais impactos causados pela mudança climática. Essa microconstrução apresenta ainda outro sentido altamente recorrente nas amostras analisadas, que chamados de valor exemplificativo, em que a informação acrescentada geralmente funciona como um exemplo.

Em relação à associação transmodal, é uma representação integrada de elementos que coocorrem frequentemente na experiência, mesmo que tais elementos não apresentem qualquer relação intrínseca entre si. Do ponto de vista linguístico, o processo estaria na base da associação simbólica entre forma e significado, central para o próprio conceito de construção. Fornecem o elo entre significado e forma, ou seja, são as associações que fazemos dos acontecimentos. Envolve a relação entre situações que ocorrem simultaneamente e que passam a ser associadas cognitivamente. Entre os dados analisados, este processo foi o que não foi possível identificar através de exemplos.

## 2.1 A contribuição da Gramática de Construções

Recentemente, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), especialmente a vertente norte-americana, tem dialogado fortemente com os diferentes modelos de Gramáticas de Construções, como os desenvolvidos por Goldberg (1995; 2003) e, especialmente, por Croft (2001). De acordo com Wiedemer e Rosário (2014, p. 5) “o ‘casamento teórico’ dos estudos sobre gramaticalização com as pesquisas desenvolvidas no âmbito das gramáticas de construções originou o que temos chamado modernamente de *Teoria da Construcionalização*”. Nesse modelo, as construções são vistas como o pareamento forma/sentido de dois ou mais itens linguísticos (CROFT, 2001). De acordo com Wiedemer e Rosário (2014, p. 5),

a teoria da construcionalização é um modelo que objetiva reinterpretar os fenômenos de gramaticalização, lexicalização e degramaticalização por meio de um único modelo, além de propor uma investigação de níveis mais abstratos da organização linguística, no plano cognitivo (esquemas, subesquemas e microconstruções).

O princípio básico da construção gramatical é que nosso conhecimento é moldado e composto por uma rede taxonômica de construções, ou seja, pareamento de forma e significado (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; HOFFMANN; TROUSDALE, 2013), e nenhum nível de gramática é considerado autônomo (FRIED; OSTMAN, 2004). Além disso, esse modelo reúne os fenômenos de gramaticalização, lexicalização e degramaticalização por meio de um único modelo, além de propor uma investigação de

níveis mais abstratos da organização linguística no plano cognitivo (esquemas, subesquemas e microconstruções).

A integração das ideias construtivistas em pesquisa de gramaticalização levou a novas descobertas: (a) gramaticalização é acompanhada por mudanças na esquematicidade, produtividade e composicionalidade de toda a construção (TROUSDALE, 2008, 2010); (b) a percepção do grau de gradualidade, que se acentua no interior da teoria da gramaticalização, pode ser descrito como “micropassos” de mudanças em várias dimensões de uma construção (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010, 2013); (c) a questão dos elementos do “bleaching” semântico é paralelo às mudanças semânticas na construção em que fazem parte (HILPERT, 2008).

Traugott e Trousdale (2013) apontam os seguintes princípios compartilhados pelos diferentes modelos construcionistas, identificados por Goldberg (2013), sendo eles:

- a) A unidade básica da gramática é a construção, que é um emparelhamento convencional de forma e significado;
- b) A estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática da superfície, sem derivações;
- c) A variação interlinguística cruzada (e dialetal) pode ser explicada de várias maneiras, incluindo processos cognitivos de domínio geral (por exemplo, BYBEE, 2010) e construções específicas em cada variedade (por exemplo, CROFT, 2001; HASPELMATH, 2008);
- d) A linguagem/língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e links entre nós; associações entre alguns desses nós assumem a forma de hierarquias de herança (relações taxonômicas que capturam o grau de quais propriedades de construções de nível inferior são previsíveis a partir de mais gerais).

Além desses princípios, os autores destacam sobre o caráter holístico da gramática, que é um aspecto observado por todos os modelos construcionais. Dessa forma, a gramática não é compreendida como um modelo autônomo e, na perspectiva construcional, entende-se que níveis como semântica, morfossintaxe, fonologia e a pragmática associados traduzem o conhecimento gramatical que compõe as diferentes línguas.

A fim de ilustrar o modelo de construção adotado pela GC, destacamos, aqui, o modelo básico da representação da construção, conforme apontado em Traugott e Trousdale (2013, p. 11):  $[[F] \leftrightarrow [M]]$ .

Com isso, a abordagem construcional da gramática assume que a língua consiste em uma “*unidade simbólica convencional*” de pares de forma e sentido. Conforme Bergs e Diewald (2006), a abordagem construcional da gramática assume que a relação entre forma e sentido pode ser tratada com base na estrutura simbólica proposta por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004, p. 258), conforme disposto na Figura (1).



**Figura 1:** Modelo da estrutura simbólica de uma construção em Gramática de Construções Radical (Croft, 2001).

Como podemos observar na figura acima, o modelo procura captar todos os níveis de uso de determinada construção, através da análise das propriedades formais e das propriedades referenciais.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), o modelo de gramática construcional assume: (a) a unidade básica da gramática é a construção, um emparelhamento convencional de forma e significado; (b) a gramática é não-modular, morfossintaxe, fonologia, semântica, pragmática, função discursiva não podem ser estudadas separadamente, ou seja, é concebida de forma holística, nenhum nível é central; (c) língua, como outros sistemas cognitivos, é uma relação de “nós” e “ligações” entre eles; (d) a estrutura da linguagem é moldada pelo uso. Portanto, forma e significado devem ser considerados igualmente ao estudar a mudança linguística.

Goldberg (2006) e Croft (2001) dizem que a noção de construção por eles postulada se aplica a toda estrutura gramatical, por isso, construções podem ser morfemas,

palavras, expressões idiomáticas, padrões parcialmente preenchidos e padrões completamente não especificados ou esquemáticos.

Aos dizemos que as construções se organizam em rede, entendemos como rede um conjunto de nós ligados por eles, em que cada nó é uma construção. De acordo com Furtado da Cunha e Lacerda (2011), “a ideia de rede reflete o fato de que a língua é um sistema de entidades interconectadas, o que ecoa, de certo modo, a caracterização saussuriana de língua como um sistema de termos independentes” (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2011, p. 19).

Novos elos e novos nós são produzidos em rede, o que nos permite dizer que a noção de rede é dinâmica. Essa concepção parece corroborar e ampliar a noção de gramática emergente, apresentada por Hopper (1987), que postula o caráter dinâmico da língua ao dizer que a gramática de uma língua natural não está completa, está sujeita a mudanças.

Numa abordagem construcional, consideramos três propriedades importantes para a caracterização de uma construção, a partir do que é proposto em Traugott & Trousdale (2013), são elas: a esquematicidade, produtividade e a composicionalidade. Ao tratarmos dessas propriedades consideramos também a gradiência, característica das categorias linguísticas. Sendo assim, admitimos a existência de construções mais ou menos esquemáticas, com maior ou menor produtividade, como também, mais ou menos composicional.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a *esquematicidade* implica a abstratização, além de ser uma propriedade da categorização, o que significa dizer que um esquema é uma generalização taxonômica de categorias linguísticas ou não. Os esquemas de uma língua são grupos gerais que podem ser plenos quanto ao conteúdo ou ao processamento, como também mais ou menos esquemáticos, a depender do grau de esquematicidade. A partir do que nos apresentam Traugott e Trousdale (2013), sobre essa propriedade, entendemos um esquema como equivalente a uma macroconstrução. Esses esquemas podem ser preenchidos por subesquemas, que seriam equivalentes a mesoconstruções.

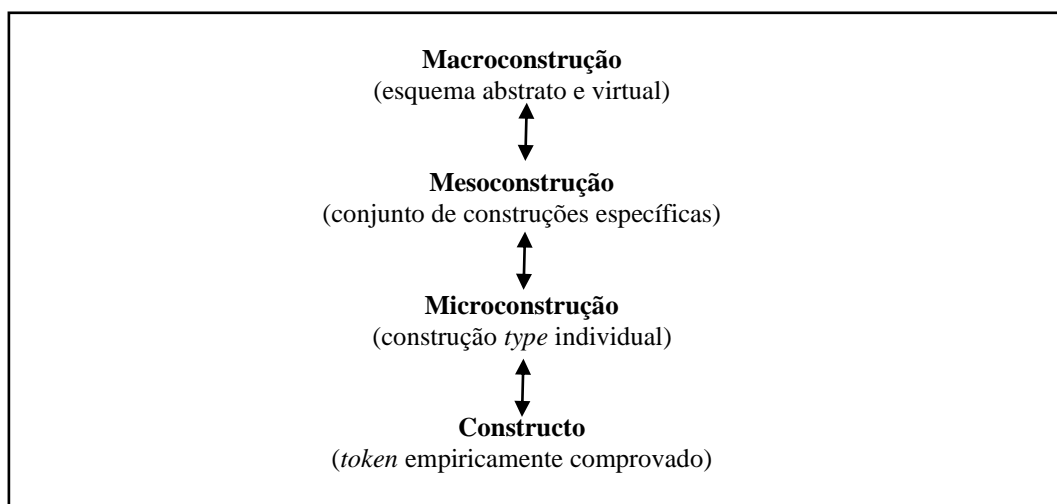
Uma construção pode ser mais ou menos produtiva, visto que essa propriedade é avaliada a partir da possibilidade que um esquema pode ter de abranger outras construções menos esquemáticas. Segundo Wiedemer e Oliveira (2019, p. 64) “a produtividade não é

concebida a partir de uma construção específica ou de um esquema específico, e sim de um uso frequente que pode levar à cristalização dos elementos participantes”.

As propriedades mencionadas – esquematicidade e produtividade – apresentam estreita relação entre si, tendo em vista que, quanto mais possibilidades de preenchimento um esquema oferece para a formação de novas construções, mais produtivo ele é. Dessa forma vemos como uma propriedade contribuirá para a compreensão e descrição da outra.

Já a composicionalidade é a terceira propriedade listada por Traugott e Trousdale (2013) para a caracterização de uma construção. Essa propriedade compreende a relação entre os níveis semânticos e sintáticos. Ao verificarmos o grau de composicionalidade de uma construção observamos a correspondência entre a forma e o sentido.

. De acordo com Traugott (2008) e Fried (2008), as construções podem ser consideradas como macroconstruções (esquemas maiores), mesoconstruções (grupo de microconstruções), microconstruções (construções individuais) e constructos (exemplares). Traugott (2008), com base em Croft (2001), propõe esses quatro estágios para observação e análise de mudanças, tendo em vista a escalaridade e a direcionalidade em que as mudanças precisam ser consideradas, tanto específica (micro) como esquemática (macro). As mudanças lexicais e gramaticais estão em um gradiente de conteúdo para o mais procedural, que precisam ser vistas como complementares, e não ortogonalmente, bem como ser entendidas em termos de rede. Vejamos a figura 2:



**Figura 2. Trajetória de mudança construcional, baseado em Traugott (2008)**

Observando a figura (2) é preciso perceber que os níveis instanciam expressões que se combinam idiomáticamente, porém em níveis de esquematicidade diversos e, por sua vez, de composicionalidade. Desta feita, a composicionalidade não pode ser vista como um mecanismo contrário à gramaticalização, mas sim é considerada enfraquecida.

Traugott e Trousdale (2013, p. 62) enfatizam a possibilidade de haver mudanças construcionais de uma rede. Tais mudanças não criam novos “nós” compartilhados pelos usuários de uma comunidade. O surgimento de um novo “nó” na rede é resultado da construcionalização. O surgimento de novos *types* e conseqüentemente o crescimento da rede são acontecimentos característicos da rede conceitual, oriundos de eventos de uso em que tanto a abstração quanto a extensão de construções anteriores são típicas. Famílias de construções *type* podem ser reunidas dentro de/em esquemas, às vezes em subesquemas. Algumas vezes, no entanto, subesquemas ou alguns de seus membros tornam-se obsoletos. *Links* na rede podem até ser quebrados.

De acordo com Cleres (2018, p. 28) “nós consideremos o crescimento a partir da perspectiva do ciclo de vida de construções, com particular atenção para a entrada em um esquema pelas margens, ficando na margem, e (tornando-se) “obsoleto” (pode ou não)”. A respeito dessas mudanças na rede construcional, vejamos o que Oliveira (2015) sobre questões semânticas e funcionais.

Um aspecto teórico-metodológico relevante e decorrente da proposição da escala contextual é a consideração da opacidade e da difusão, tanto semântica quanto funcional, como constitutivas do uso linguístico, como suas marcas indeléveis. Assim, a falta de clareza, de definição do sentido ou do estatuto categorial de uma expressão linguística pode não residir na dificuldade ou na incapacidade do analista, mas, sim, na própria opacidade e difusão de contextos específicos (OLIVEIRA, 2015, p. 29).

Se construções são elementos regulares no desenvolvimento da estrutura linguística, então o que se aplica ao estudo de outros elementos da linguagem também se aplicará a construções, e – especialmente, à importância da adoção de uma perspectiva social. Em termos teórico-metodológico-descritivos, esse tipo de abordagem torna-se multivariada, pois considera em termos de variedade fatores de ordem semântica, estrutural, discursiva, etc.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as inovações criadas na língua são criações que ocorrem na mente individual, como resultado de uso da língua, e podem ser reconhecidas como “mudanças” apenas quando convencionalizadas e tomadas por outros

falantes. Assim, as alterações de forma/significado acontecem em pequenos passos discretos (gradualidade ao longo do tempo), resultando em variação (gradiência). Para os autores, a gradiência permite a convencionalização de padrões e normas de usos linguísticos, e por sua vez, o surgimento de inovações ao longo do tempo.

Uma abordagem baseada no pareamento forma-significado (signos) elimina a necessidade da elaboração de interfaces entre os módulos da gramática. A capacidade de ver a língua como uma rede, esquemas, de perceber como microconstruções são criadas, de acompanhar o desenvolvimento de padrões, tanto do nível micro como do nível macro, permite ao pesquisador uma análise mais ampla, bem como fornece um panorama de usos mais realistas das restrições de padrões mais amplos. Além disso, podemos destacar que o modelo rejeita divisões entre léxico e gramática, entre semântica e pragmática.

Uma importante contribuição da abordagem construcional é considerar a organização da língua a partir de “rede de construções”, e isso ajuda a esclarecer as semelhanças e diferenças entre o desenvolvimento de construções procedurais (gramaticalização) e construções de conteúdo (lexicalização), o que oferece um *continuum* entre gramaticalização e lexicalização. Assim, quando uma nova construção é formada, ela pode estar estreitamente relacionada à construção de origem. Porém, no desenvolvimento da língua, ao longo de tempo, motivado pela rotinização em eventos de uso, essa nova construção pode se tornar cada vez mais autônoma.

Outra importante contribuição da abordagem construcional é considerar o papel dos interlocutores, dos usuários envolvidos nas práticas interacionais, conforme proposto por Traugott e Dasher (2005) e Bybee (2010). Assim, padrões de uso linguístico se iniciam a partir das pressões (inter) subjetivas exercidas no discurso, tais como crenças, valores, atitudes, opinião, sugestão, seja tanto por parte do locutor (subjetivização), como por parte do convencimento do interlocutor (intersubjetivização), estabelecendo-se o gradiente *objetividade > subjetividade > intersubjetividade*, envolvendo uma reanálise dos significados pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor.

Esse gradiente decorre de motivações pragmáticas, conforme a proposta de Traugott (1999), reafirmada em Traugott e Dasher (2005), de um modelo denominado *Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica* (TISMS), segundo o qual os casos de mudança semântica podem ser tratados de forma unificada como em determinadas situações em que uma dada forma codificadora de um dado significado



passaria a ser polissêmica, e, conseqüentemente, a codificar novos significados relacionados ou motivados ao significado anterior. Para Traugott e Dasher (2005, p. 11), uma “mudança semântica não pode ser estudada sem se recorrer a uma teoria de polissemia, por conta da natureza da mudança”. Assim, de acordo com a TISMS, a coexistência de significados associados à mesma forma é motivada pela mudança semântica via polissemia, e a grande força motivadora de tal processo é de ordem pragmática. Sob tal proposição, um processo de mudança desse tipo se daria quando uma *inferência apenas sugerida* em um evento de fala (contexto) específico passasse por um processo de generalização até que se tornasse uma referência convencionalizada.

Considerando a aplicação do modelo da Gramática de Construções aos níveis de macro, meso e microconstruções (vide Figura 2), há o que podemos chamar de “semelhanças de família”, ou seja, as construções formam, em diferentes níveis, “nós”, que se interligam, incorporando conhecimento sociolinguístico e estilístico (TROUSDALE, 2008c) por parte do usuário.

Adotamos nesta pesquisa as noções de macro, meso e microconstruções, bem como consideramos propriedades importantes para a caracterização de uma construção, de acordo com Traugott & Trousdale (2013).

### 3 METODOLOGIA

Apresentamos, neste capítulo – dividido em duas seções - os *corpora* utilizados neste trabalho, como também os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração e desenvolvimento desta pesquisa, que visa investigar os contextos de usos, no português brasileiro, das microconstruções *assim como*, *bem como*, *tal como*, *tal qual* e *tais quais*, a fim de demonstrar que essas apresentam o sentido comparativo e aditivo.

Esta pesquisa é prioritariamente sincrônica e se baseia em análises qualitativas e quantitativas. E, para o desenvolvimento organizamos o trabalho a partir das seguintes etapas: coleta de dados, análise e interpretação dos dados, classificação e descrição dos resultados obtidos. As etapas foram organizadas a fim de fornecer resultados que respondessem de maneira mais eficaz a nossa hipótese inicial de que as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* apresentam tanto o sentido comparativo – prescrito para essas formas – como também o sentido aditivo, o que demonstraria a gradiência dessa categoria.

Quanto a isso, Gil (2008) diz que:

a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados, de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 2008, p. 175).

Passamos agora para a seção na qual apresentaremos a descrição do *Corpus do Português* – banco de dados selecionado para esta pesquisa. Em seguida, apresentaremos a metodologia adotada na análise das microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* e os meios de investigação que nos valem.

#### 3.1. Descrição do *corpus*

Para a realização deste trabalho selecionamos amostras disponíveis no *Corpus do Português*, em razão do fornecimento de amostras mais recentes (sincronia atual) que o banco de dados oferece. O *Corpus do Português* se configura como um banco de dados *on-line*, formado por 3 *corpora* – 1. *Corpus Gênero/Histórico*; 2. *Web/dialetos*; 3. *Now (2012-2019)*, elaborado através da reunião de amostras de diferentes sincronias, bem como de outras nacionalidades que têm o português como língua materna. Dessa

diversidade de material fornecido, nos detivemos aos dados disponíveis do *Corpus Now*, em razão do caráter sincrônico desta pesquisa.

O *Corpus Now* (notícias da web) contém aproximadamente 1,4 mil milhões de palavras de jornais e revistas *on-line* desde 2012 até 2019. Esse *corpus* nos permite acessar textos recentes, o que favorece as pesquisas de viés sincrônico, já que seus dados possibilitam observar o movimento da língua até 2019. Assim como o *Web/dialetos*, o *Corpus Now* também oferece um material rico em variedade, através do acesso a uma quantidade muito significativa de notícias da web.

Dentre a diversidade de amostras que o acervo do *Corpus do Português* oferece, fizemos um recorte temporal na intenção de desenvolver uma pesquisa de viés sincrônico e, para tanto, nos detivemos nos *corpora* formados por dados mais recentes, no período entre 2012 e 2019. Ainda nesse recorte temporal, foi necessário descartar os dados do ano de 2019, já que para esse ano o *corpus* fornecia dados apenas dos seus seis primeiros meses, diferente dos demais anos, que contemplavam todos os meses do ano. Sendo assim, consideremos nesta pesquisa dados da web dos anos de 2012 a 2018, disponibilizados pelo *Corpus do Português*.

### **3.2 Procedimentos metodológicos**

Nesta pesquisa nos valem de análises qualitativas e quantitativas para o tratamento dos dados coletados. Para a análise da atuação das microconstruções, com valor comparativo aditivo, uma metodologia qualitativa nos é mais cara, entretanto, a adoção de métodos quantitativos contribuiu para a análise da frequência e produtividade dessas construções.

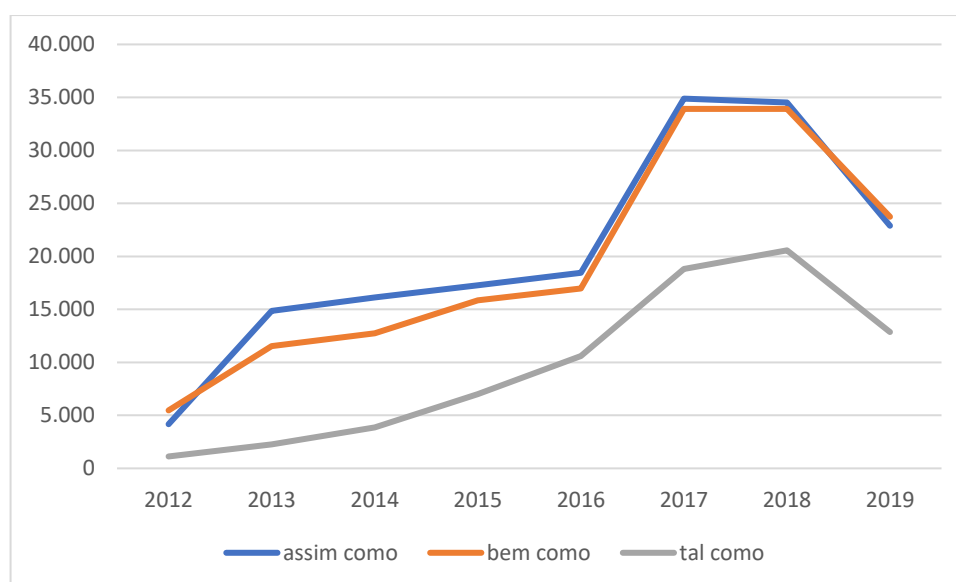
Após termos filtrado as amostras, percebemos a necessidade de se considerar aspectos quantitativos em nossa análise, pois o *corpus* selecionado é um banco de dados extenso e nos forneceu uma quantidade de dados muito superior ao que esperávamos. Considerando o número de dados encontrados, a análise quantitativa foi de grande valia para observarmos a atuação das construções em análises e a partir desses resultados construímos os gráficos e as tabelas dispostos neste trabalho.

Apresentamos, primeiro, a tabela (02):

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL
<i>assim como</i>	4.168	14.867	16.123	17.260	18.449	34.886	34.510	22.891	163.154
<i>bem como</i>	5.470	11.551	12.752	15.853	16.960	33.916	33.917	23.740	154.159
<i>tal como</i>	1.127	2.271	3.869	7.005	10.604	18.829	20.571	12.874	77.150
PPM <sup>2</sup>	37.416.09	115.401.366	127.704.946	148.030.562	170.166.791	332.004.970	313.067.369	199.262.841	14.056.388.45

**Tabela 02** - Levantamento da frequência de usos nas amostras de textos do português brasileiro no *corpus Now* (Século XXI)

Na tabela (02), acima apresentada, vemos o resultado da frequência referente às três microconstruções coletadas no *Corpus Now*, bem como o total de lexemas do *corpus* em cada período. Numa primeira análise, verificamos a alta frequência de *assim como*, e observamos que é a mais recrutada, se comparada com *bem como* e *tal como* – exceto no período de 2012. Além disso, é possível ver também que a frequência de *bem como* se aproxima muito da frequência da construção *assim como*. Em 2012, chega até ser mais frequente, de acordo com os resultados apresentados em números. E o menor quantitativo apresentado nessa tabela corresponde à frequência de *tal como*, a construção menos recrutada pelos falantes, entre as três em análise. Vejamos, agora, a síntese desses resultados no gráfico (01), a seguir:



**Gráfico 01** - Levantamento da frequência de usos de *assim como*, *bem como* e *tal como* nos corpora que compõem o *Corpus do Português* no período de 2012 a 2019

Ao avaliarmos o gráfico (01), é perceptível a diminuição de frequência de usos no ano de 2019. Dessa forma, nossa primeira decisão de análise é não considerarmos essa amostra, pois apresenta discrepância de dados em relação aos demais, conforme já ressaltamos no capítulo de metodologia. Assim sendo, passamos a observar os resultados referentes ao seguinte período, 2012 a 2018, conforme resultados dispostos na tabela (01). Se avaliarmos essa frequência de lexemas em cada período, temos um quantitativo de dados com proporções não equivalentes nos períodos analisados. Com isso, optamos por aplicar um cálculo que pudesse resultar em números significativos, sendo assim, verificamos o PPM (partes por milhão) e a proporcionalidade em cada período, através do seguinte cálculo: Nos valem da medida de razão com base 100 (porcentagem). Através do cálculo de porcentagem conseguimos aferir a proporcionalidade entre o número de ocorrências e o número de usos de cada lexema em cada período.

$$\frac{\text{Frequência total de lexemas do período}}{\text{Frequência total da microconstrução no período}} = x 10.000 =$$

Assim, foi necessário que fizéssemos um recorte, pois não seria possível verificar todas as amostras, tendo em vista a totalidade. Contemplamos 10% do total de ocorrências, sendo consideradas três casas numéricas no total dos resultados individuais. Após esse recorte, chegamos ao resultado de 3340 ocorrências, em uma primeira etapa de análise.

A análise quantitativa nos permitiu observar a frequência das construções analisadas e o crescimento das mesmas no decorrer dos anos, mais especificamente no período de 2012 a 2018. Esses resultados podem ser observados nos gráficos e tabelas dispostos no capítulo de análise.

Já em um viés qualitativo observamos as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como*, que compõem o esquema construcional, e consideramos 10% do total de ocorrências da amostra. A análise quantitativa foi de grande valia para que a frequência dessas microconstruções pudesse ser observada e analisada.

Depois de termos filtrado os dados e chegarmos à totalidade de 10% das ocorrências distribuídas no *corpus*, estabelecemos alguns parâmetros que nos ajudaram a verificar a atuação das microconstruções em análise, a partir de critérios claros. O primeiro parâmetro recai sobre a posição das construções *assim como*, *bem como* e *tal*

*como* na oração, que foram observadas ora no início – introduzindo períodos -, ora no meio – entre duas orações. Entendemos que esses períodos apresentam uma estrutura diferente, e, por isso, foi classificada como estrutura desgarrada. Levantamos a frequência dessas ocorrências e esse quantitativo foi subtraído do total de dados que continuaram a ser analisados.

Verificamos também outros exemplos de estruturas desgarradas nos quais as microconstruções eram precedidas por um *e* aditivo e que também configuravam uma estrutura distinta daquelas em que as micronstruções conectam períodos. Verificamos o quantitativo dessas ocorrências, que também foi subtraído do restante dos dados.

Após filtrarmos os dados até aqui, vimos ainda a necessidade de um recorte, tendo em vista o grande número de dados restantes, que nessa etapa totalizavam 2.974 dados. Dessa forma, em razão do número expressivo de dados, resolvemos realizar novo procedimento, considerar para a próxima etapa de análise a quantidade de 10% da totalidade de ocorrências.

Rastreando os estudos linguísticos sobre orações, encontramos o apontamento da proximidade de valores semânticos entre as orações comparativas e as conformativas. Além disso, há necessidade ainda de reconhecer aquelas que são denominadas de *pseudoconformativas*, que são constituídas na presença de uma preposição acidental ou de relatores adverbiais (cf. WIEDEMER & OLIVEIRA, 2020). Para verificar a existência desse tipo de ocorrência entre os dados, aplicamos o teste de conformidade. Para a realização do teste, as microconstruções deveriam ser substituídas pela locução *do modo que* e pela conjunção conformativa *conforme*. Nas amostras em que a substituição provocou alteração no sentido, vimos não ser possível a troca por essas formas de valor conformativo. Já nas amostras em que a substituição não provocou mudança de sentido, as consideramos como construções conformativas.

Em virtude da presença desses exemplos conformativos entre os dados, foi necessário fazer o levantamento desse quantitativo para que esse total pudesse ser subtraído do total de dados que permaneceriam na análise. Após termos aplicado esses critérios que filtraram os dados, chegamos ao total de 228 dados.

Após essas primeiras etapas metodológicas, passamos a explorar mais especificamente as propriedades da construção assimilativa aditiva. Para tanto, avaliamos as seguintes propriedades, estavelecidades tendo em vista tanto o que nos propõe a tradição para as comparativas, tanto pelas indissincrasias das amostras coletadas:

Posição do elemento <i>assim como</i> , <i>bem como</i> e <i>tal como</i> na sentença: (i) relacionando duas orações; (ii) iniciando oração;
Elemento subsequente à microconstrução <i>assim como</i> , <i>bem como</i> e <i>tal como</i> : (i) preposição; (ii) substantivo; (iii) verbo; (iv) pronome; (v) artigo; (vi) advérbio; (vii) adjetivo;
Elipse: (i) sujeito expreso na segunda oração; (ii) elipse do sujeito na segunda oração;
Interdependência das orações: (i) dependente; (ii) independente.
Teste de substituição: - substituição por “de modo que” e “conforme”: (i) sentido conformativo, quando possível a troca; (ii) sentido comparativo aditivo, quando não possível a troca.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta pesquisa, conforme já indicamos, nossa primeira etapa de análise recai sobre a verificação da frequência (*token/type*) dos dados em *corpora*, com os seguintes intuítos: (i) observar a frequência de ocorrências de cada microconstrução analisada (*assim como*, *bem como*, *tal como*); (ii) avaliar a frequência de ocorrências em cada período do tempo; (iii) depreender os padrões construcionais existentes para cada microconstrução; e (iv) (iii) verificar o aumento da extensibilidade dos esquemas construcionais. A seguir, passamos a apresentar essas etapas de análise desenvolvidas.

### 4.1 PANORAMA GERAL DE USOS

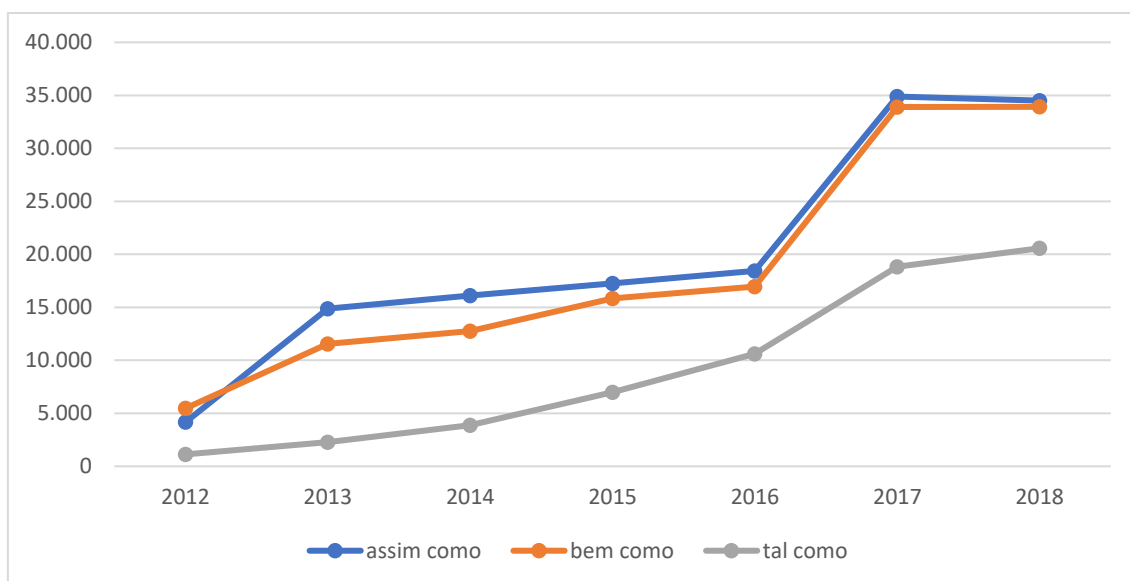
O *Corpus do Português* nos permitiu observar a frequência desses *tokens* a partir de amostras de textos do presente século (XXI) dos anos de 2012 a 2018. Inicialmente, apresentamos o quantitativo da formação (*assim como*, *bem como*, *tal como*) observado no *Corpus Now*, um dos *corpora* que compõe o *Corpus do Português*:

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
<i>assim como</i>	4.168	14.867	16.123	17.260	18.449	34.886	34.510	163.154
<i>bem como</i>	5.470	11.551	12.752	15.853	16.960	33.916	33.917	154.159
<i>tal como</i>	1.127	2.271	3.869	7.005	10.604	18.829	20.571	77.150
<b>PPM<sup>2</sup></b>	37.416. 09	115.401 .366	127.704 .946	148.030 .562	170.166 .791	332.004 .970	313.067 .369	14.056. 388.45

**Tabela 03** - Levantamento da frequência de usos nas amostras de textos do português brasileiro no *corpus Now* (2012-2018)

Vejamos esses resultados dispostos no gráfico, a seguir:





**Gráfico 2** - Levantamento da frequência de uso de *assim como*, *bem como* e *tal como* nos corpora que compõem o *Corpus do Português* no período de 2012 a 2018

No gráfico (02), a análise quantitativa dos dados mostra um movimento crescente no uso dos itens analisados, no período de 2012 a 2018. Vemos um crescimento que se apresenta de maneira semelhante e com certa regularidade para as três formas em análise, visto que as três microconstruções ocupam basicamente as mesmas posições na análise de maior ou menor recrutamento. Sendo assim, em todos os períodos vemos *assim como* e *bem como* sendo as microconstruções mais recrutadas, na respectiva ordem, e *tal como* sendo a construção entre as três a menos recrutada pelos falantes do português brasileiro. No período de 2016 e 2017, verifica-se um aumento expressivo da frequência de uso em relação aos períodos anteriores, enquanto em 2017 e 2018, certa estabilidade.

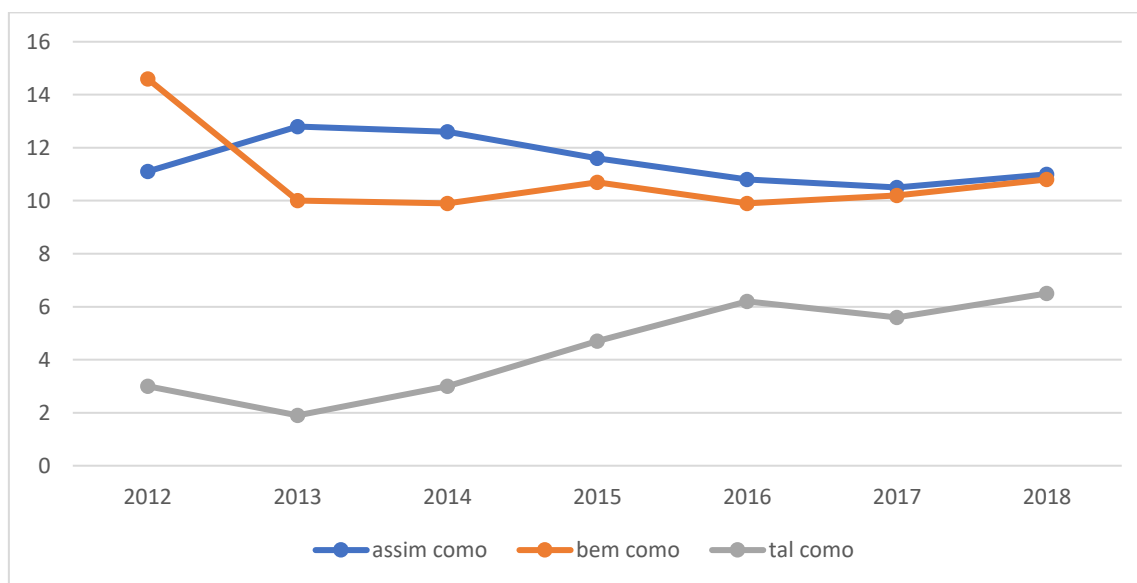
Passamos, agora, a considerar os valores totais em relação ao número de lexemas no *corpus* investigado. Retomamos os valores totais de lexemas no *corpus* (ver tabela 03). Aqui, vamos considerar o PPM e a proporcionalidade em cada período, conforme apresentamos na metodologia. A seguir, na tabela (04), apresentamos os resultados da proporcionalidade:

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
<i>assim como</i>	11,1	12,8	12,6	11,6	10,8	10,5	11,0
<i>bem como</i>	14,6	10,0	9,9	10,7	9,9	10,2	10,8

<i>tal como</i>	3,0	1,9	3,0	4,7	6,2	5,6	6,5
-----------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

**Tabela 04** – Frequência PPM e proporcionalidade de usos nas amostras de textos do português brasileiro no *corpus Now* (Século XXI)

Na tabela (04), temos os resultados do cálculo da proporcionalidade referente às três microconstruções ao longo dos períodos de 2012 e 2018. Para melhor visualização e comparação dos resultados, apresentamos gráfico (03), a seguir:



**Gráfico 3** – Proporcionalidade de uso de *assim como*, *bem como* e *tal como* nos corpora que compõem o *Corpus do Português* no período de 2012 a 2018

No gráfico (03), vemos que os resultados obtidos de *assim como* e *bem como* ratificam a alta frequência dessas microconstruções. É possível observar, também, a partir de 2015, que os números que exemplificam a frequência de uso de *assim como* e *bem como* estão mais próximos do que estavam nos anos anteriores. A partir de 2017 observamos que esses valores são praticamente equivalentes.

Apesar da diferença expressiva entre a frequência de *assim como* e *bem como*, se comparadas com a frequência de *tal como*, o que nos chama mais atenção não é a diferença quanto à proporção e sim quanto ao movimento crescente da construção *tal como*, que vemos no gráfico (03) e que não se apresentava de forma tão clara no gráfico (02). Verificamos que o resultado mais expressivo desse gráfico está no crescimento significativo de *tal como* entre os anos de 2013 a 2016. A partir de 2016 os dados nos permitem perceber uma certa estabilidade dessa mesma construção.

Como o *Corpus do Português* é formado por diferentes *corpora*, resolvemos comparar os resultados encontrados na amostra *Now*, disposta até aqui, com outra amostra. Para tanto, utilizamos os dados disponíveis no *corpus Web/Dialetos*, que nos forneceu a frequência de ocorrência do período de 2013 e 2014. Tanto o *Corpus Now* quanto o *Web/dialetos* são formados por amostras de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), porém, aqui nos detivemos aos dados referentes ao Brasil, que estão dispostos na tabela (05), a seguir:

	<i>assim como</i>	<i>bem como</i>	<i>tal como</i>
<b>Tokes</b>	115.297	52.013	18.553

**Tabela 05:** Levantamento da frequência de usos nas amostras de texto do português brasileiro no *corpus Web/dialetos* (2013 – 2014)

Com os dados dessa tabela (05), corroboramos o que verificamos na tabela (03) e no gráfico 02, a respeito das construções *assim como*, *bem como* e *tal como*, visto que *assim como* permanece sendo a mais frequente, *bem como* em posição intermediária e *tal como* sendo a menos frequente entre as três formas. Nesse *corpus* trabalhamos com um recorte temporal menor, porém, apesar disso, conseguimos verificar o que o gráfico (02) já elucidava: vemos *bem como* concorrendo com *assim como* em posição inferior, e até com uma boa diferença em termos quantitativos. O que essa tabela não mostra, mas que verificamos no gráfico (02), é o aumento da frequência de *bem como*, o que faz com que em alguns períodos essa microconstrução concorra de maneira mais equivalente, como vemos acontecer a partir de 2016.

Retomando os resultados apresentados na tabela (03), temos um total de 334.958 ocorrências na amostra investigada (*Corpus Now*), o que já demonstra a produtividade das microconstruções analisadas. Langacker (2005, 2008) comenta que a produtividade está relacionada à *vitalidade construcional* (com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema construcional).

Até aqui estamos avaliando a frequência de ocorrências de cada microconstrução em cada período do tempo. Para podermos verificar os possíveis padrões construcionais de cada microconstrução aqui estudada, necessitamos considerar uma amostra de dados menor, em função da alta frequência de ocorrências encontradas, conforme já discutido.

Assim, a partir dos dados apresentados na tabela (01), consideramos 10% de ocorrências, sendo consideradas três casas numéricas no total dos resultados individuais. Após esse recorte, chegamos ao seguinte resultado disposto na tabela (06), de 3340 ocorrências, que passamos a analisar, nesta primeira etapa:

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
<i>assim como</i>	41	148	161	172	184	348	345	<b>1399</b>
<i>bem como</i>	54	115	127	158	169	339	339	<b>1301</b>
<i>tal como</i>	11	22	38	70	106	188	205	<b>640</b>
<b>Total</b>	106	285	326	400	459	875	889	<b>3340</b>

**Tabela 06**– Amostra de usos nas amostras de textos do português brasileiro no *corpus Now* (Século XXI)

#### **4.2 Padrões construcionais: caracterização das ocorrências de *assim como*, *bem como* e *tal como***

A análise dos dados permitiu observação de diferentes usos para *assim como*, *bem como* e *tal como*, por isso nessa seção apresentamos a caracterização dos diferentes padrões construcionais encontrados e as idiosincrasias de cada um deles. São eles: *a construção comparativa desgarrada* – que apesar do valor comparativa, se configura um padrão distinto pela diferença da estrutura -, *a construção conformativa* – mencionada em estudos linguísticos de comparação pela aproximação semântica que apresentam- e por fim apresentamos o que chamamos de *construção assimilativa aditiva*.

##### **4.2.1 Construção comparativa desgarrada**

Entre as amostras coletadas para este trabalho, observamos usos nos quais as construções *assim como*, *bem como* e *tal como* se encontravam à esquerda, ou seja, exemplos em que essas construções introduziam uma oração. Essa observação nos permite dizer que nessas amostras temos uma estrutura diferente daquelas que apresentam essas mesmas microconstruções relacionando orações. Vejamos exemplos dessa formação, a seguir:

- (32) “São Paulo decretou estado de emergência na sexta-feira passada e tem operado com frota de ônibus coletivos reduzida. Na terça-feira, 60 a 70 por cento da frota da cidade deverá operar, informou a prefeitura. **“Assim como** todos os brasileiros, a Uber acompanha com atenção as notícias sobre a crise de abastecimento no país. Neste momento, reforçamos nossos canais de atendimento para estar em contato permanente com os parceiros e usuários e prestar o suporte que for possível”, afirmou a companhia, que no início do ano informava ter mais de 150 mil motoristas vinculados à sua plataforma no Estado de São Paulo. ...”

(Corpus Now- [UOL - 18-05-29 BR](#))

- (33) “A Masan esclarece que nunca forneceu absolutamente nenhum produto ou serviço - entenda-se quentinha ou qualquer tipo de alimentação para os presos da Seap. **“Bem como** nunca forneceu merenda escolar para as escolas estaduais do Rio de Janeiro”.

(Corpus Now- [Globo.com 18-04-11 BR](#))

- (34) “Também suspenderá a operação de elevadores e escadas rolantes durante as horas de pico e durante a noite. **“Tal como** foi pensada, a medida afetaria os funcionários que aproveitam a pausa do almoço e as primeiras horas da noite para comprar os escassos produtos básicos. O impacto sobre restaurantes e lanchonetes ainda não foi contabilizado e é um dos argumentos dos afetados pela medida para buscar uma decisão menos drástica”.

(Corpus Now- [EL PAÍS Brasil16-02-08 BR](#))

Nesses três exemplos, observamos que as microconstruções intruduzem períodos, o que produções como Decat (2009) denomina de “estrutura desgarrada”. Ainda em Decat (2009), vemos que esse tipo de “estrutura desgarrada” tem sido recorrente tanto na oralidade quanto na escrita e a autora justifica esse uso pela necessidade de o falante dar ênfase, foco a determinadas informações do seu discurso. Esse recurso, de acordo com Decat (2009), é observado como uma escolha de quem fala/escreve “com vistas a reforçar a argumentação, em decorrência dos objetivos comunicativos do usuário da língua” (DECAT, 2009, p. 2141), como também para “caracterizar, designar, rotular, resumir, recapitular, avaliar, identificar, classificar, abreviar ou especificar uma SITUAÇÃO ou um REFERENTE” (DECAT, 2009, p. 2142).

Nos três exemplos apresentados – (32), (33) e (34) -, vemos três ocorrências das microconstruções em análise, introduzindo períodos. Ao analisarmos essas ocorrências a partir do parâmetro da posição que ocupam, é possível verificar a tendência de cada uma dessas microconstruções quanto ao valor que apresentam em posição inicial.

Em (32), temos *assim como* que introduz um tópico, e que, além do seu valor comparativo, também é usado para inserir uma espécie de adendo, que acrescenta um novo dado ao que anteriormente foi mencionado. Nesse exemplo, *assim como* compara *os brasileiros e a Uber*, já que ambos estão com suas atenções voltadas para a situação do abastecimento do país. Além de comparar, acrescenta uma informação nova, que atua de maneira relevante em relação à primeira informação dada.

Segundo Decat (2009), é comum que estruturas desgarradas tenham o valor de adendo - pelo próprio valor de informação suplementar que as desgarradas têm, “por força de objetivos argumentativos que se materializam na focalização, no realce” (DECAT, 2009, p. 2149).

Costa e Wiedemer (2019), ao analisarem as construções hipotáticas não finitas iniciadas por advérbio preposicional, também aludem que elas podem atuar como estruturas de realce. Para os autores, essas estruturas podem estar pospostas ou antepostas à oração matriz a depender da função comunicativa de realce. Assim, a relação entre uma oração matriz e a hipotática de realce é decorrente de esta última ser responsável por expandi-la ou ampliá-la a fim de apresentar uma relação circunstancial. Sobre essas relações, os autores apontam para as possibilidades de tempo, efeito ou resultado, mas acreditamos que outras relações lógico-argumentativas podem ser vistas em estruturas de realce, como as aqui apresentadas.

Já em (33), vemos *bem como* sendo usado para introduzir um período, com a função de comparar e também adicionar uma informação ou elemento. Nesse exemplo observamos uma comparação mais atenuada entre a prestação de serviço de uma determinada empresa para duas instituições, entretanto, é possível notar que o valor aditivo fica mais perceptível. Em um primeiro momento, um tipo de serviço/produto é mencionado para justificar o que a empresa não faz – quentinha ou alimentação para os presos. Em seguida, *bem como* introduz um novo período com a finalidade de adicionar uma nova informação, um novo serviço que a Masan diz não fazer, como fornecer merenda para as escolas estaduais do Rio de Janeiro.

Por fim, em (34) temos *tal como* que introduz um período e funciona como recurso de retomada, visto que serve para recuperar o período anterior, tratando como “medida” o que foi descrito anteriormente, como “a operação de elevadores e escadas rolantes durante as horas de pico e durante a noite”. Acreditamos que o valor original de *tal*, como demonstrativo, implica nessa função de retomada, acrescentando um valor dêitico a esse

tipo de comparação. Vemos que *tal como* não apenas retomou nesse exemplo uma informação já exposta, como ampliou essa informação com mais detalhes, o que funciona, nesse caso, de maneira aditiva.

A respeito da frequência de amostras nas quais verificamos *assim como*, *bem como* e *tal como* introduzindo período, vide a tabela que se segue:

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
<i>assim como</i>	9	34	47	40	33	53	67	<b>283</b>
<i>bem como</i>	-	1	1	2	-	1	2	<b>07</b>
<i>tal como</i>	1	2	7	12	15	13	11	<b>61</b>
<b>Total</b>	10	37	55	54	48	122	80	<b>351</b>

**Tabela 07** – Amostra de usos em início de períodos nas amostras de textos do português brasileiro no *corpus Now* (Século XXI)

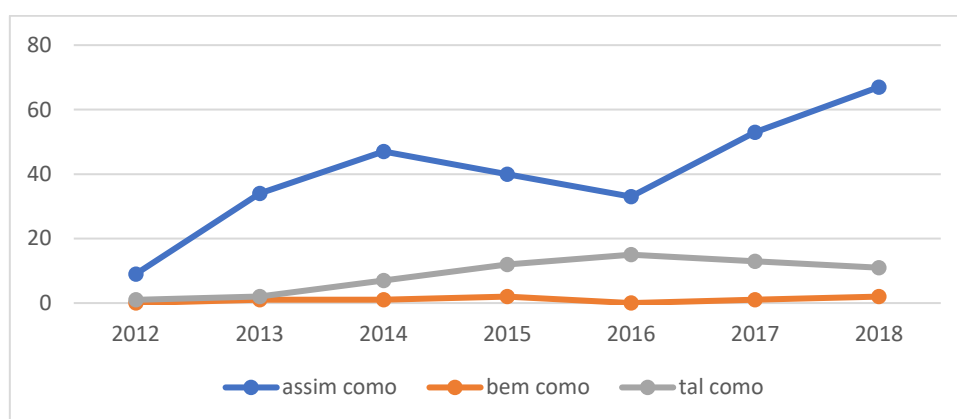
Na tabela (07), vemos que *assim como* continua sendo a construção mais frequente entre as três analisadas, entretanto é possível observar uma diferença expressiva quanto à frequência de *bem como* e *tal como*. Os dados, dessa tabela, nos permitem algumas análises acerca da quantidade expressa para cada uma dessas microconstruções. Vimos até então, com base nas tabelas e gráficos apresentados, *assim como* e *bem como* com maior frequência de uso do que *tal como* - nessa etapa considerávamos todos os dados coletados.

Após encontrarmos as ocorrências dessas mesmas construções, mas agora no início de frase, verificamos *assim como* em posição inicial, ainda como a construção mais recrutada, entretanto, *bem como* que, numa análise geral dos dados, apresentava alta frequência e se mostrou bem pouco frequente nesse tipo de estrutura. Acreditamos que isso demonstra que *bem como* tenha caráter mais aditivo, o que parece ser uma restrição de uso desse elemento em início de orações desgarradas. Em contrapartida, é possível verificar *tal como* sendo mais frequente introduzindo frases, do que *bem como*. Essa diferença fica ainda mais clara se pensarmos no total de dados coletados de *tal como* que é bem inferior se comparado com as outras construções. Aqui, vale a pena retornar que *tal como*, em seu sentido original, apresenta a função de intensificação, característica do sentido adverbial, o que pode promover a microconstrução a ser utilizada também como

escopo da oração, ou seja, além de apontar para comparação, alude a ideia de intensificação do trecho sob o escopo adverbial *tal*.

*Bem como* e *assim como* apresentaram frequência alta e semelhante nas ocorrências em que apareceram entre orações. Contudo, vemos que esse resultado se altera bastante nas amostras em que essas mesmas construções iniciam um período. Dessa forma, *assim como* continua com alta frequência, porém *bem como* passa a ser a construção menos recrutada nesse tipo de estrutura, que chamamos de “desgarrada”.

O gráfico a seguir ilustra com mais clareza essa mudança observada quanto à frequência de *bem como* numa posição sintática diferente. Enquanto nos gráficos anteriores víamos *tal como* em posição inferior às demais, nesse gráfico vemos que *bem como* assume essa posição, com baixa recorrência entre as amostras analisadas:



**Gráfico 04** – Frequência de uso de *assim como*, *bem como* e *tal como* em início de período nos corpora que compõem o *Corpus do Português* no período de 2012 a 2018

Ainda no gráfico (04) é possível observar um expressivo crescimento na frequência de *assim como* em estruturas desgarradas ao longo dos períodos analisados. Essa construção cresceu no que diz respeito ao uso, visto que em 2012 sua frequência, em início de período, era bem baixa e, ao final desse recorte temporal, verifica-se o resultado desse crescimento, visto que temos no ano de 2018 o ponto mais alto desse gráfico.

O crescimento de *assim como* em estruturas desgarradas nos mostra que essa microconstrução tem sofrido mudanças significativas e que os usuários da língua passaram a recrutá-la em instâncias diferentes do seu uso original. Essa mudança sofrida



por *assim como* nos leva a acreditar que essa microconstrução tem grande probabilidade de se desenvolver para um marcador discursivo (MD).

Não são apenas os dados dispostos no gráfico que nos fazem acreditar nessa possibilidade. Verificamos entre produções de nossa linha teórica – como em Martelotta (1996), e em pesquisas mais recentes, trabalhos diversos que descrevem e analisam o uso de *assim como* MD, como em Lopes-Damásio (2008). Apesar de não termos verificado a microconstrução *assim como* listada entre os MD em nossos dados, nem em trabalhos que analisam estruturas semelhantes, acreditamos que da mesma maneira que *assim* passou a exercer funções de MD na língua, o mesmo pode ocorrer com *assim como*, na modalidade escrita, já que, em amostras da modalidade oral, encontramos ocorrências dessa função mais abstrata.

Além disso, observando o gráfico (04), acreditamos que os resultados apontam também para outro caminho de investigação, que a microconstrução *assim como* possui sentido mais comparativo e de realce, podendo ser utilizada em diferentes posições da oração. Essa liberdade de escopo dessa construção parece promover novos usos para essa construção, tais como MD, conforme já comentado. Por outro lado, como estamos assumindo a ideia de fluidez de classes gramaticais a partir de uma perspectiva cognitivo-funcionalista, temos que reconhecer também a categorização linguística em um *continuum categorial*. Dessa forma, vemos que as microconstruções *bem como* e *assim como* apresentam sentido mais aditivo, o que parece promover uma maior integração/encaixamento entre as porções oracionais. Vamos retomar essa discussão mais à frente.

Para justificar a mudança provocada por essa análise que considerou a posição das construções na sentença, precisaremos verificar que alterações a mudança desses elementos na estrutura sintática pode provocar no uso dessas construções. A seguir apresentamos alguns exemplos:

- (35) “os pré-candidatos expusessem suas ideias. ” Ele queria ganhar as prévias por exclusão. Assim como acha que vai para o segundo turno por exclusão e ganhará a presidência [...]”

(Corpus Now – Diário de Pernambuco 18-02-23 BR)

(36) “Para participar de as eleições presidenciais, o sr. Lula de a Silva, **assim como** todos os outros pretendentes, precisa adequar-se a as regras eleitorais”.

(Corpus Now – Opinião Estadão 18-01-22 BR)

Selecionamos os exemplos (35) e (36) para observamos o comportamento de *assim como* a depender da posição que ocupa na frase. Vemos que a mudança da posição sintática não altera o valor comparativo dessa microconstrução, contudo, a manutenção do sentido não é suficiente para dizermos que se trata de uma mesma estrutura. Em (35), temos um exemplo de *assim como* introduzindo uma frase.

Rodrigues e Silvestre (2018) já mencionam a verificação de comparativas desgarradas ao destacarem um exemplo usado por alguns gramáticos em suas obras: “A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. **Como desejava**. (Almada Negreiros, OC, III, 61). E aludem a Perini (1989) que fala sobre encontrar-se “atualmente” a possibilidade e “com certa frequência a separação de orações adverbiais em um segundo período” (PERINI, 1989, p. 220). Cunha e Cintra (1985) atribuem essa segmentação de períodos a um recurso comum aos escritores modernos.

Em (35), vemos *assim como* introduzir uma sentença sintaticamente independente –desgarrada – e essa sentença sozinha é capaz de constituir uma unidade de informação. Rodrigues e Silvestre (2018) referem-se mais uma vez a Decat (2011) para elucidar essa possibilidade de subordinadas desgarradas – o que vemos acontecer em (35) - e sobre isso dizem que se define o “*desgarramento* como possibilidade de orações ‘subordinadas’ constituírem sozinhas unidades de informação sem estarem vinculadas sintaticamente com a principal ou matriz, não funcionando assim como constituinte desta” (RODRIGUES; SILVESTRE (2018, p. 218).

Se observamos os pares (36) e (38), veremos estrutura desgarrada ocorrendo com as construções *bem como* e *tal como*, respectivamente, conforme já evidenciado na tabela (05):

(36) “A ambiência positiva se deve principalmente a o início de as operações de o hub de a Air France-KLM e Gol em Fortaleza. **Bem como** a alta de o dólar, que vem levando o viajante

*brasileiro a preferir circular por destinos de o País. " Iniciadas as atividades de o hub, várias empresas começaram a ampliar seu quadro".*

(*Corpus Now – Diário do Nordeste BR 18-06-29*)

- (37) “*Seu comentário está sujeito a moderação. Não serão aceitos comentários com ofensas pessoais, **bem como** usar o espaço para divulgar produtos, sites e serviços.[...]*”.

(*Corpus Now – Jornal do Comércio 18-04-05 BR*)

- (38) “*de as políticas públicas tornou um mito a versão de a grande classe média. **Tal como** em as economias desenvolvidas, o Brasil repete a possibilidade – cada vez mais [...]*”.

(*Corpus Now – Outras palavras 14-05-08 BR*)

- (39) “*decisão hoje proferida reforça as violações a garantias fundamentais de o ex presidente, **tal como** exposto em o comunicado feito em 28/07/2016 a aquela instância internacional. [...]*”.

(*Corpus Now – UOL 18-01-25 BR*)

Ao observarmos os exemplos, entendemos que apesar de vermos as mesmas microconstruções – em (36) e (37) *bem como* e em (38) e (39) *tal como* – não podemos adotar o mesmo tratamento para diferentes usos. Acreditamos que considerar a posição da microconstrução no período é um fator relevante, tendo em vista a configuração de outra estrutura e, sendo assim, é também um uso distinto dos demais. Nesses exemplos – como também em outros do *corpus* - que recrutamos a fim de comparar a atuação dessas estruturas, observamos que, após as microconstruções *bem como* e *tal como* em início de período, temos um SN. Já essas mesmas construções conectando períodos são frequentemente sucedidas por verbos, como se pode ver em (37) e (39).

Em continuidade à análise, outra possibilidade de formação sintática, observada nos dados coletados, envolve ocorrências em que as microconstruções *assim como* e *tal como* foram precedidas pela conjunção *e*. A construção *bem como* foi a única das três analisadas que não apareceu em nossos dados precedida por *e*, fato esse que corrobora o que pressupomos acerca do forte valor aditivo que essa construção carrega. Acreditamos que não haveria necessidade de reforçar esse valor aditivo com o auxílio da conjunção aditiva *e*. Listamos na tabela a seguir o quantitativo encontrado dessa estrutura:

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
[...] e <i>assim como</i> [...]	-	3	2	-	-	2	1	8
E <i>assim como</i> [...]	-	-	-	1	2	1	-	4
[...] e <i>tal como</i> [...]	-	-	-	-	-	-	1	1
E, <i>tal como</i> [...]	-	-	1	-	-	-	1	2
<b>TOTAL</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>15</b>

**Tabela 08:** Frequência de ocorrências precedidas por *E* em início de período em amostras de textos do português brasileiro no *Corpus Now* (Século XXI)

O número de ocorrências dessas microconstruções precedidas por *e* é reduzido dentro do recorte de dados mencionado anteriormente. Contudo, esses números já nos permitem refletir sobre alguns pressupostos acerca do comportamento dessas construções. Vejamos os exemplos a seguir:

(40) “Ronaldo esteve em o CT de Valdebebas em a manhã de esta quinta-feira e, ***assim como*** os atletas que começaram a partida contra o Borussia Dortmund, fez apenas um”

(Corpus Now, [Fox Sports 14-04-03 BR](#))

(41) “em colégio particular. # Também não pode ter diploma de graduação. E, ***assim como*** o Sisu, não vale ter tirado zero em a redação. A nota [...]”

(Corpus Now [Correio da Bahia 15-01-24 BR](#))

(42) “A música a ajudou a descobrir o amor próprio # Willow é cantora e ***tal como*** seu irmão, Jaded Smith, de 19 anos, também ela se estreou [...]”

(Corpus Now [Blasting News 18-01-26 BR](#))

(43) “alvos sírios após Assad ser acusado de lançar gases venenosos contra opositores. E, ***tal como*** em 2017, a retaliação não deve passar disso, salvo se confirmada uma [...]”.

(Corpus Now [Folha de S.Paulo 18-04-15 BR](#))

Vemos exemplos de estrutura “desgarrada” ocorrendo em (41) e (43). Sobre esse tipo de estrutura já mencionamos a independência sintática e a autonomia para sozinha configurar uma unidade de informação. O quantitativo encontrado não nos permite dizer se essas estruturas desgarradas, nas quais *e* precede *assim como* e *tal como*, são mais ou

menos frequentes do que as que não são “desgarradas”. Entretanto, esse mesmo quantitativo nos permite observar que, em todas as estruturas nas quais analisamos as três microconstruções, *assim como* foi sempre a microconstrução que apresentou a maior frequência, além de reiterar as análises desenvolvidas até aqui, acerca da atuação de *assim como*. Acreditamos que o recrutamento mais frequente de *assim como* em detrimento das outras microconstruções comparativas está associado a esse valor comparativo mais forte, que pode ser percebido e recrutado mais rapidamente pelos usuários da língua.

Neste trabalho observamos o valor comparativo das três microconstruções mencionadas – *assim como*, *bem como* e *tal como* – e em diversas ocorrências notamos o valor aditivo que essas mesmas construções podem ter. É sabido também do valor aditivo de *e* e da noção de adição que é básica nas línguas naturais.

No tratamento dos dados coletados, verificamos a presença das microconstruções em análise em estruturas distintas, como vimos em exemplos anteriores. Essas foram recrutadas em amostras nas quais relacionam orações e para introduzir períodos, funcionando como estrutura desgarrada. Entre as desgarradas, encontramos também aquelas que são precedidas por *e*.

Na tabela (09) apresentamos o quantitativo de dados, agora sem os contextos de usos de estruturas desgarradas e as estruturas com *e*, conforme apresentado nas tabelas (07) e (08):

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
<i>assim como</i>	32	111	112	131	149	292	277	1.104
<i>bem como</i>	54	114	126	156	169	338	337	1.294
<i>tal como</i>	10	20	30	58	91	175	192	576
<b>TOTAL</b>	96	245	268	345	409	805	806	2974

**Tabela 9:** Total de ocorrências nas amostras do português brasileiro no *Corpus Now* (Século XXI) sem amostras de estruturas desgarradas

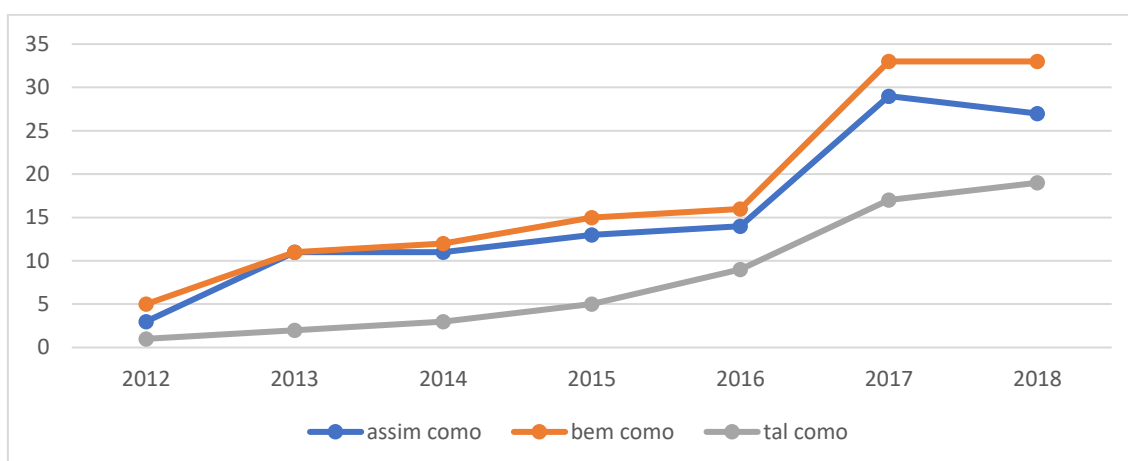
Os números dispostos na tabela (09) nos mostram que, ao filtramos os dados a fim de retirar as amostras de estruturas desgarradas, *bem como* foi a microconstrução que teve menos alteração quantitativa, já que números referentes à sua frequência permaneceram bem próximos dos que tínhamos na tabela (4). Isso se deu pelo fato de *bem como* ser a microconstrução que teve menor ocorrência em estruturas desgarradas. As ocorrências de

*bem como* foram observadas de maneira expressiva relacionando orações. Por termos nessa etapa um número expressivo de dados, resolvemos realizar um novo procedimento e considerar para a próxima etapa de análise a quantidade de 10% da totalidade de ocorrências. Com isso, temos o seguinte panorama de usos disposto na tabela a seguir:

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
<i>assim como</i>	3	11	11	13	14	29	27	108
<i>bem como</i>	5	11	12	15	16	33	33	125
<i>tal como</i>	1	2	3	5	9	17	19	56
<b>TOTAL</b>	9	24	26	33	39	79	79	289

**Tabela 10:** Total de ocorrências consideradas nas amostras do português brasileiro no *Corpus Now* (Século XXI) tendo em vista a totalidade de 10% dos dados.

Vemos a partir do quantitativo da tabela (10) que, após eliminarmos as amostras com exemplos de estruturas desgarradas, o número de ocorrências de *bem como* passou a ser superior ao número de ocorrências de *assim como*. Nas tabelas e gráficos apresentados anteriormente víamos que *assim como* apresentava resultados próximos aos de *bem como*, entretanto, *assim como* apresentava número maior de ocorrências, conforme disposto no gráfico (05), a seguir:



**Gráfico 05** - Total de ocorrências consideradas nas amostras do português brasileiro no *Corpus Now* (Século XXI) tendo em vista a totalidade de 10% dos dados.

Os resultados apresentados na tabela (10) nos permitem algumas leituras acerca dos usos das microconstruções *bem como*, *assim como* e *tal como*. Inicialmente, vimos

um aumento de usos das três microconstruções ao longo dos anos. Acreditamos que isso se deva ao valor argumentativo/enfático promovido por essas estruturas, algo a ser investigado em outros trabalhos futuros. Além disso, é perceptível que a frequência superior de ocorrências de *bem como* não anula o fato de *assim como* ser, de um modo geral, mais recorrente na língua nas construções comparativas, se considerarmos os resultados das tabelas anteriores. Esse resultado se deve ao fato de termos eliminado as estruturas desgarradas. Por outro lado, isso demonstra que a microconstrução *assim como* parece ser a que apresenta maior extensibilidade de significado, podendo ser utilizada em diferentes contexto e posições na oração ou ainda se desenvolver para MD.

Além disso, ao observarmos os dados expostos no gráfico (05), podemos lançar mão da seguinte hipótese. A microconstrução *bem como* parece atuar mais com o sentido aditivo em comparação à *assim como*, haja vista sua restrição de posição na oração. Por outro lado, a microconstrução *assim como* parece que desenvolveu certa expansão de significado e passa a apresentar novos significados mais subjetivos, podendo ser utilizadas em diferentes contextos de usos, por exemplo, MD. Dessa forma, apesar de as duas microconstruções *bem como* e *assim como* apresentarem sentidos comparativos, vimos, até aqui, que cada uma, a depender do contexto de uso, apresenta especializações de significados.

#### **4.2.2 Construção conformativa**

Em nossa introdução, destacamos o papel do princípio da economia linguística. Dessa forma, é comum encontramos diferentes significados para uma mesma forma linguística. Um exemplo disso pode ser observado quando consultamos um dicionário, que encontramos várias definições para uma mesma palavra. Porém, o usuário da língua não atua na língua analisando-a como um pesquisador da mesma, ele faz uso desse sistema, que é possível de comparações, analisabilidade e extensões de significados. Dessa forma, apesar de indicar diferentes construções, comparativa e conformativa, temos a seleção das três formas aqui analisadas para os dois tipos de construções.

Retomando Cunha e Cintra (2016, p. 583), a conjunção comparativa “inicia uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto: que, do que (depois de mais, menos, maior, menor, melhor e pior), qual (depois de tal), quanto (depois de tanto), como, assim como, bem como, como se, que nem”. Já as conformativas,

“iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. São as conjunções: conforme, como (com o significado de conforme), segundo, consoante, etc.”.

Rastreando os estudos linguísticos sobre orações, encontramos o apontamento da proximidade de valores semânticos entre as orações comparativas e as conformativas. Por exemplo, Rosário e Oliveira (2020, p. 368) aludem que, entre os diferentes tipos de comparativas, é possível verificar a existência da “conformidade híbrida, que, entendemos, apresenta mais características de modo e/ou comparação do que de conformidade propriamente dita”.

Além disso, há necessidade ainda de reconhecer aquelas que são denominadas de *pseudoconformativas*, que são constituídas pela presença de uma preposição acidental ou de relatores acidentais (cf. WIEDEMER & OLIVEIRA, 2020), por exemplo: *Agiu como/assim como/conforme* as regras. Este exemplo não configura uma oração conformativa, pois estabelece a formação apenas de sintagma nominal, ou seja, noção de conformidade.

Sobre a diferenciação das orações comparativas e conformativas, Carvalho (2010) apresenta o seguinte teste: “se *como* ou *assim como* puder ser substituído pela locução subordinativa *do modo que*, a oração será conformativa” (p. 2439). O autor apresenta o exemplo que se segue:

“*Foi eleito como/conforme esperava. Foi eleito do modo que esperava*”.

Fonte: Carvalho (2010, p. 2439)

No sentido de avaliarmos a noção de conformidade, aplicamos o teste de substituição das construções *assim como/bem como/tal como* por “*do modo que*” e “*conforme*”, de acordo com o que é proposto em Carvalho (2010), nos 289 dados dispostos na tabela (10).

Utilizamos como critério para essa análise o “comprometimento” semântico e/ou sintático, sendo assim, as substituições de *assim como/bem como/tal como* pela locução *do modo que* ou *conforme* não poderia trazer mudança de significado, ou seja, quando acionado o significado conformativo, estamos diante de outra construção, quando não,



diante de uma construção comparativa aditiva. Outro critério foi a manutenção do aspecto mais natural da língua. Dentre as amostras da modalidade escrita que analisamos verificamos exemplos nos quais a substituição pudesse ser feita sem grandes prejuízos, contudo, percebemos que nesses casos a substituição poderia não configurar uma escolha facilmente feita pelos usuários da língua, mesmo sendo exemplos da modalidade escrita. Vale lembrar que estamos nos valendo do aspecto do observador da língua. Acreditamos que a realização de testes subjetivos de avaliação, em trabalhos futuros, poderá complementar a análise/hipótese aqui empreendida. Vejamos um exemplo:

- (44) “*exige muita dedicação*”. *Yassunaka evita falar em dinheiro, mas diz que, **assim como** a uva, a orquídea também tem seus bons e difíceis momentos*”.

(Corpus Now- [odiario.com](http://odiario.com) 13-06-30 BR)

“*exige muita dedicação*”. *Yassunaka evita falar em dinheiro, mas diz que, **do modo que** a uva, a orquídea também tem seus bons e difíceis momentos*”.

“*exige muita dedicação*”. *Yassunaka evita falar em dinheiro, mas diz que, **conforme** a uva, a orquídea também tem seus bons e difíceis momentos*”.

Em (44), acima, vemos que a substituição não pode ser aceita, visto que provocaria entranhamento para o ouvinte. A impossibilidade dessa substituição não permite a leitura conformativa, quando aplicado o teste. No enunciado, a locução *assim como* expressa valor de nexos comparativo e aditivo, em que *uva* é comparada à *orquídea*, ambas exigem dedicação, ou seja, temos a comparação de elementos da mesma natureza referencial, no caso, “plantações”. Assim, esses dois elementos são comparados em relação de igualdade à exigência de dedicação. Como vimos, os gramáticos tradicionais incluem *assim como* entre as locuções introdutoras de oração comparativa, que é o caso aqui.

Raposo et al. (2013) comentam que essas construções formadas por *assim como* não correspondem originalmente às construções comparativas típicas, pois não envolvem uma comparação de grau, conforme defendemos também nesta pesquisa. Assim, a locução *assim como* poderia ser utilizada em contextos aditivos também, em que apresentem uma relação copulativa introduzida pela conjunção *e*, por exemplo. Assim,

em (44), temos tanto o significado de adição como comparação, ou seja, a acumulação dos dois valores.

Vejamos outro exemplo de substituição da microconstrução *assim como* que, ao ser trocada pela locução *do modo que*, não apresenta alteração de significado, como se pode observar em (45):

- (45) “considerou positivo o convite e informou que a OAB/RJ atuará em sistema de plantão, **assim como** ocorre desde o início de a série de manifestações, com advogados voluntários fiscalizando”.

(Corpus Now - [Rede Brasil Atual 13-06-30 BR](#))

“considerou positivo o convite e informou que a OAB/RJ atuará em sistema de plantão, **do modo que** ocorre desde o início de a série de manifestações, com advogados voluntários fiscalizando”.

“considerou positivo o convite e informou que a OAB/RJ atuará em sistema de plantão, **conforme** ocorre desde o início de a série de manifestações, com advogados voluntários fiscalizando”.

A possibilidade de substituição da microconstrução *assim como* pela locução *do modo que* indica a presença da noção de conformidade, o que significa dizer que se trata de uma oração conformativa e não comparativa. Nesse exemplo (45), verificamos posterior à *assim como* a presença do verbo “*ocorre*”, característica das orações conformativas. Soma-se que a microconstrução “*assim como*” atua na composição do tempo, outra característica desse tipo de estrutura.

Sobre as conformativas, vemos poucas menções nas gramáticas tradicionais. Na maior parte das obras, a noção de conformidade é abordada apenas ao se tratar das conjunções conformativas. Numa perspectiva funcionalista, observamos o que Neves diz acerca dessas construções:

A construção conformativa expressa por um período composto é constituída pelo conjunto de uma oração nuclear, ou principal, e uma conformativa. Em português, a análise das construções conformativas pode ser representada na análise das orações iniciadas pela conjunção conforme (NEVES, 2011, p. 924). As construções conformativas referem-se a presente, passado ou futuro. Quanto ao modo verbal, elas ocorrem com verbo no indicativo ou no subjuntivo, exceto as iniciadas pela conjunção como, que só se constroem com indicativo (NEVES, 2011, p. 926).

Vemos, nessa citação, Neves (2011) mencionar especificidades do modo verbal em relação às construções conformativas. Essa menção destaca tanto o valor do verbo para esse tipo de construção, como também corrobora o que vimos ocorrer no teste de conformidade – a substituição das microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* pela locução *do modo que* foi possível com mais recorrências em períodos com verbo, plenos ou locuções verbais. Além disso, essa citação confirma a ideia de que esse tipo de construção atua na composição de tempo, característica destacada por Neves (2011) no trecho supracitado.

É possível observar essa diferença nos exemplos a seguir, nos quais a microconstrução em análise não é sucedida por uma forma verbal, mas, sim, por um SN ou pronome nominal:

- (46) “Em determinado momento, Drake canta: " Minha casa é cheia de supermodelos, **assim como** Mohamed Hadid ", que, em o caso, é o pai de”.

(Corpus Now - Jornal O Di 18-06-30 BR)

“Em determinado momento, Drake canta: " Minha casa é cheia de supermodelos, **do modo que** Mohamed Hadid ", que, em o caso, é o pai de”.

“Em determinado momento, Drake canta: " Minha casa é cheia de supermodelos, **conforme** Mohamed Hadid ", que, em o caso, é o pai de”.

- (47) “o jogo com os suíços, Tite estava inquieto por estreir em uma Copa – **assim como** ele, o Mundial de a Rússia é o primeiro de a maioria de”.

(Corpus Now - Esportes Estadão 18-06-30 BR)

“o jogo com os suíços, Tite estava inquieto por estreir em uma Copa – **do modo que** ele, o Mundial de a Rússia é o primeiro de a maioria de”.

“o jogo com os suíços, Tite estava inquieto por estreir em uma Copa – **conforme** ele, o Mundial de a Rússia é o primeiro de a maioria de”.

Nos exemplos (46) e (47), a cima, vemos amostras nas quais a substituição de construção *assim como* pela locução *do modo que* não foi possível, por conferir

estranhamento às sentenças, podendo até torná-las agramaticais. Identificamos como característica comum, entre as amostras que aceitaram a substituição proposta pelo teste, a presença de verbo, principalmente no modo subjuntivo. Em (47), observamos também não ser possível substituir *assim como* por *do modo que* em situações em que esses foram sucedidos por um pronome pessoal do caso reto, como vemos nos exemplos (48) e (49):

- (48) “*é um momento difícil pra todos nós. Vocês têm a minha admiração, **assim como** ele ”. # Assim que o vídeo foi publicado, internautas começaram a”.*

(Corpus Now - [Purepeople.com.br](http://Purepeople.com.br) 15-06-30 BR)

“*é um momento difícil pra todos nós. Vocês têm a minha admiração, **do modo que** ele ”. # Assim que o vídeo foi publicado, internautas começaram a”.*

“*é um momento difícil pra todos nós. Vocês têm a minha admiração, **assim conforme** ele ”. # Assim que o vídeo foi publicado, internautas começaram a”.*

- (49) “*isso seja verdade, ele nunca me contou e eu soube por as notícias, **assim como** vocês, que a ex de ele está grávida. É como se eu”.*

(Corpus Now - [Ofuxico](http://Ofuxico.com.br) 16-06-30 BR)

“*isso seja verdade, ele nunca me contou e eu soube por as notícias, **do modo que** vocês, que a ex de ele está grávida. É como se eu”.*

“*isso seja verdade, ele nunca me contou e eu soube por as notícias, **conforme** vocês, que a ex de ele está grávida. É como se eu”.*

Diferente do que ocorreu com as amostras de *assim como*, que aceitaram mais vezes a substituição, *bem como* foi a microconstrução que apresentou menor possibilidade de ser substituída pela locução *do modo que* ou *conforme*, visto que, das 125 ocorrências analisadas, apenas 4 aceitaram a substituição e estão dispostas a seguir:

- (50) “Vale de o Mucuri –, e cuidou direta e pessoalmente de sua execução, **bem como** dele se beneficiou, direta e indiretamente ”, e essa conclusão não”

(Corpus Now Estado de Minas 15-06-30 BR)

“Vale de o Mucuri –, e cuidou direta e pessoalmente de sua execução, **do modo que** dele se beneficiou, direta e indiretamente ”, e essa conclusão não”

“Vale de o Mucuri –, e cuidou direta e pessoalmente de sua execução, **conforme** dele se beneficiou, direta e indiretamente ”, e essa conclusão não”

- (51) “Clínica Renal, como forma de garantir a continuidade de os tratamentos de hemodiálise, **bem como** proceda à transferência de o respectivo montante para a conta judicial. #”

(Corpus Now - Folha de Boa Vista 18-06-29 BR)

“Clínica Renal, como forma de garantir a continuidade de os tratamentos de hemodiálise, **do modo que** proceda à transferência de o respectivo montante para a conta judicial. #”

“Clínica Renal, como forma de garantir a continuidade de os tratamentos de hemodiálise, **conforme** proceda à transferência de o respectivo montante para a conta judicial. #”

- (52) “Constituição Federal afastou a intervenção e interferência de o Estado em a organização sindical, **bem como** tornou não obrigatória a filiação ou manutenção de a filiação sindical, de forma”

(Corpus Now - Política Estadão 18-06-30 BR)

“Constituição Federal afastou a intervenção e interferência de o Estado em a organização sindical, **do modo que** tornou não obrigatória a filiação ou manutenção de a filiação sindical, de forma”

“Constituição Federal afastou a intervenção e interferência de o Estado em a organização sindical, **conforme** tornou não obrigatória a filiação ou manutenção de a filiação sindical, de forma”

- (53) “Dan Larimer, sugerisse a revisão de a constituição de o projeto, **bem como** fosse feita uma recalibração de sua estrutura de governança”.

(Corpus Now - Webitcoi 18-06-30 BR)

“Dan Larimer, sugerisse a revisão de a constituição de o projeto, **do modo que** fosse feita uma recalibração de sua estrutura de governança”.

“Dan Larimer, sugerisse a revisão de a constituição de o projeto, **conforme** fosse feita uma recalibração de sua estrutura de governança”.

Ao aplicarmos o teste de substituição, nos exemplos de (50) a (53), vimos ser possível a substituição de *bem como* por *do modo que*, que, em uma primeira análise, pode levar-nos a interpretar o significado conformativo. Porém, observando esses usos, percebe-se que são construções consecutivas. Além do valor consecutivo, é possível também perceber que, nesses quatro exemplos, o valor aditivo de *bem como* não está tão realçado como em outros usos – já que não relaciona elementos semelhantes, de mesma natureza, e, por isso, entendemos ser possível a substituição sem prejuízo semântico. Entretanto, na maior parte das nossas amostras, vemos *bem como* com forte valor aditivo, o que impossibilita a substituição da microconstrução comparativa pela locução *do modo que*, como podemos verificar em (54) e (55), exemplos nos quais a substituição provoca estranhamento:

- (54) “*também foi chamado para um encontro semelhante (esse sim ficou registrado), **bem como** representantes de companhias telefônicas e de ONGs de direitos humanos interessadas em o assunto*”

(Corpus Now - Galileu 15-06-30 BR)

também foi chamado para um encontro semelhante (esse sim ficou registrado), **do modo que** representantes de companhias telefônicas e de ONGs de direitos humanos interessadas em o assunto (*Resultado negativo para o teste*)

também foi chamado para um encontro semelhante (esse sim ficou registrado), **conforme** representantes de companhias telefônicas e de ONGs de direitos humanos interessadas em o assunto (*Resultado negativo para o teste*)

- (55) “*a as 14h, serão lembradas as grandes Festas Juninas realizadas em a cidade, **bem como** os grupos que se apresentavam em forma de quadrilha, como a tradicional Quadrilha*”

(Corpus Now - ABCdoABC 18-06-29 BR)

a as 14h, serão lembradas as grandes Festas Juninas realizadas em a cidade, **do modo que** os grupos que se apresentavam em forma de quadrilha, como a tradicional Quadrilha (*Resultado negativo para o teste*)

a as 14h, serão lembradas as grandes Festas Juninas realizadas em a cidade, **conforme** os grupos que se apresentavam em forma de quadrilha, como a tradicional Quadrilha (**Resultado negativo para o teste**)

No exemplo (54) verificamos que *bem como* relaciona períodos comparando e adicionando informações. Entendemos que o usuário fala de *alguém* que *foi chamado para um encontro* e adiciona um novo elemento, de mesma natureza, para comparar, que são os *representantes de companhias telefônicas e de ONGS de direitos humanos*.

A última microconstrução analisada foi *tal como* e observamos que essa microconstrução, entre as três comparativas investigadas, foi a que aceitou o teste de substituição mais vezes. Das 56 ocorrências de *tal como* analisadas, 31 aceitaram a substituição, um percentual de aceitação muito mais alto do que observamos ocorrer nas amostras de *assim como* e *bem como*. Nos exemplos (56) e (57), a seguir, é possível observar uma amostra na qual a microconstrução *tal como* não pode ser substituída pela locução e outra em que essa substituição é permitida, respectivamente. Vejamos os exemplos:

- (56) “o cinema para de alguma forma dar continuidade a as sagas de heróis juvenis, **tal como** Harry Potter. O filme, que é um prato cheio para quem gosta” (**Resultado negativo para o teste**)

(Corpus Now - Cabine Cultural 16-06-26 BR)

“o cinema para de alguma forma dar continuidade a as sagas de heróis juvenis, **do modo que** Harry Potter. O filme, que é um prato cheio para quem gosta” (**Resultado negativo para o teste**)  
 “o cinema para de alguma forma dar continuidade a as sagas de heróis juvenis, **conforme** Harry Potter. O filme, que é um prato cheio para quem gosta” (**Resultado negativo para o teste**)

- (57) “– em o caso, a população grega. # Já os gregos foram retratados **tal como** ficaram após a guerra: arrasados, com expressões desanimadas e alguns mortos.” (**Resultado positivo para o teste**)

(Corpus Now - Universia Brasil 14-06-30 BR)

“– em o caso, a população grega. # Já os gregos foram retratados **do modo que** ficaram após a guerra: arrasados, com expressões desanimadas e alguns mortos.” (**Resultado positivo para o teste**)

“– em o caso, a população grega. # Já os gregos foram retratados **conforme** ficaram após a guerra: arrasados, com expressões desanimadas e alguns mortos.” **(Resultado positivo para o teste)**

Em (56) temos uma amostra na qual a substituição pela locução *do modo que* não é possível, tendo em vista a alteração de sentido que essa substituição provocaria. Nesse mesmo exemplo, posterior a *tal como*, temos um SN – *Harry Potter*. Esse SN é usado nessa fala com um valor comparativo menos evidente. Ao comparar *Harry Potter* com outras *sagas de heróis juvenis* apresentadas nos cinemas, vemos ainda mais evidente o valor exemplificativo de *tal como*, que utiliza esse mesmo SN para exemplificar o tipo de *saga de heróis juvenis* que seriam apresentadas.

No exemplo (57) analisamos outra amostra com a microconstrução *tal como*, entretanto, nesse exemplo, a substituição pela locução *do modo que* é possível, já que não provocaria alteração no significado, sendo assim, nessa amostra temos um exemplo de estrutura conformativa. Vejamos que posterior a *tal como* está o verbo *ficaram*. A presença de uma forma verbal no período em que as microconstruções se encontram foi um aspecto relevante para que a substituição de umas das microconstruções pela locução *do modo que* pudesse ocorrer.

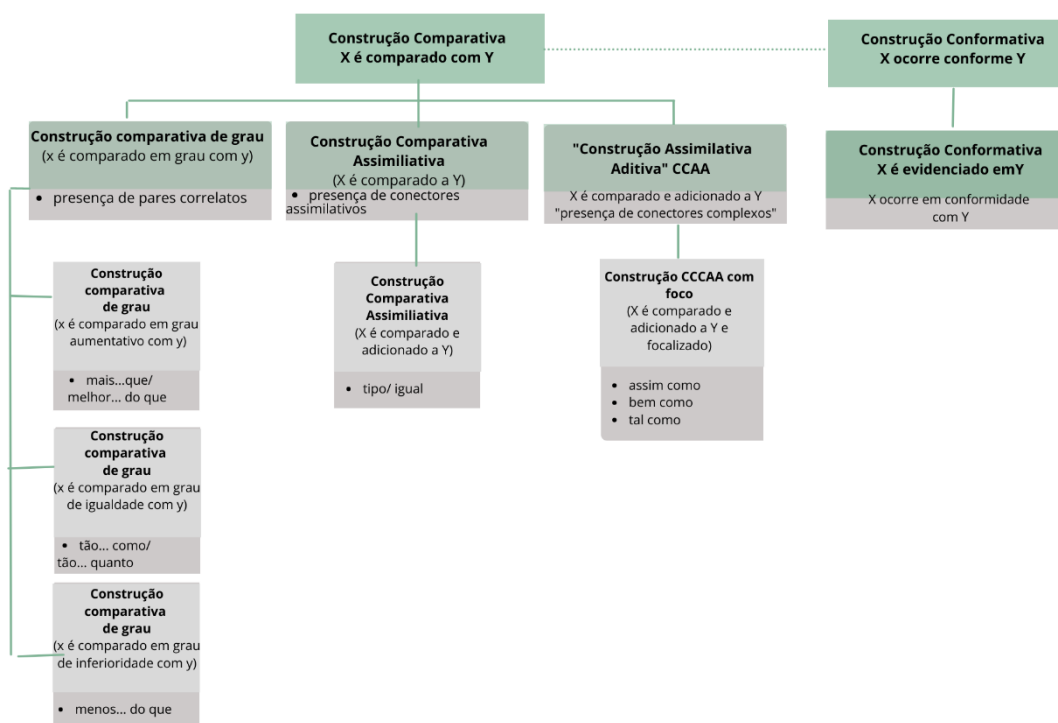
Voltando aos dados dispostos na tabela (10), após a aplicação do teste de substituição, encontramos 57 ocorrências de construções conformativas, nas quais a substituição de umas das três microconstruções em análise pela locução *do modo que* foi possível. Entretanto, verificamos que o quantitativo de amostras que “permitiram” a substituição, sem que houvesse prejuízo semântico e sintático, variou de acordo com cada microconstrução.

Dentre as 108 ocorrências de *assim como*, em 26 houve possibilidade de substituição, o que equivaleria a 24% dos dados. Das 125 ocorrências de *bem como*, apenas 4 aceitaram a substituição proposta nesse teste, o equivalente a 3% do total de ocorrência dessa microconstrução. Já em relação a *tal como*, das 56 amostras, em 31 foi possível fazer a substituição, ou seja, 55% dos exemplos aceitaram a substituição dessa microconstrução pela locução *do modo que*.

Após considerarmos os testes aqui empreendidos e a pesquisa de Rosário e Oliveira (2020), vamos denominar essa construção de “construção conformativa híbrida”



dentro do quadro das construções conformativas, conforme se observa na representação, a seguir.



**Quadro 04:** Rede construcional comparativa/conformativa baseado em dados de Thompson (2019) e na presente pesquisa.

No quadro 04, que se assemelha à representação anterior, do quadro 04, vemos que entre as ocorrências de *assim como*, *bem como* e *tal como*, verificamos uso de construções conformativas. Pesquisas linguísticas recentes já sinalizam a aproximação semântica das comparativas e conformativas, o que justifica a possibilidade de conformativas serem tratadas como comparativas.

#### 4.2.3 Construção assimilativa aditiva

Após termos analisados as construções que desempenham o papel de desgarradas, bem com as construções conformativas, passamos a analisar as construções comparativas assimilativas aditivas. Conforme já ressaltamos em outros momentos, acreditamos que essa construção desempenha o significado de comparação conjuntamente com o significado de adição.

Para tanto, passamos a analisar com mais atenção essa construção. Inicialmente, apresentamos a frequência de uso de cada microconstrução, conforme disposto a seguir.

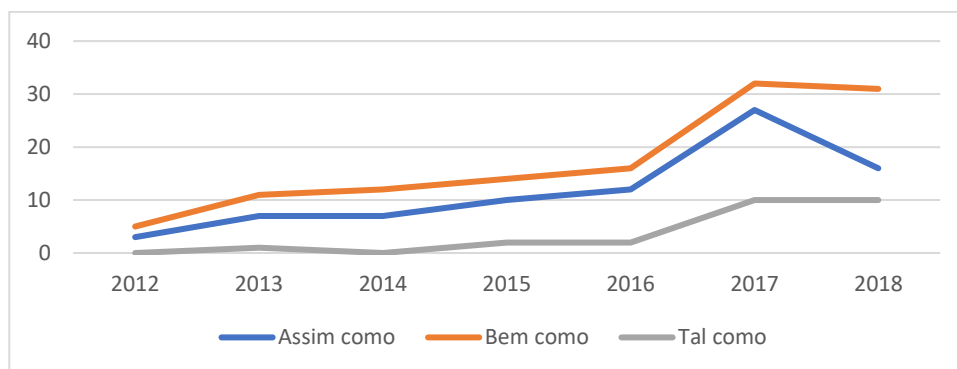
	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
<i>Assim como</i>	3	7	7	10	12	27	16	82
<i>Bem como</i>	5	11	12	14	16	32	31	121
<i>Tal como</i>	-	1	-	2	2	10	10	25
<b>TOTAL</b>	8	19	19	26	30	69	57	228

**Tabela 11: Total de ocorrências consideradas nas amostras do português brasileiro no *Corpus Now* (Século XXI) da construção assimilativa aditiva**

Ao compararmos as tabelas (10) e (11) vemos uma significativa mudança quantitativa no total de dados – que diminuiu de 289 para 228 - após descartarmos as amostras com valor conformativo. Observamos que, apesar da verificação de valores conformativos entre os exemplos do *corpus* selecionado, esse tipo de estrutura - por [*bem/assim/tal + como*] - não é tão comum entre os usuários do português brasileiro para uso conformativo. Em estudos futuros, há necessidade de verificar esses casos e as particularidades de desenvolvimento do sentido conformativo.

O total disposto na tabela (11) nos indica que *bem como* é a microconstrução comparativa aditiva que ocorre com mais frequência conectando orações. É provável que seja essa a forma que ocorra mais frequentemente em competição com o *e* aditivo prototípico, visto que foi a microconstrução, entre as analisadas, que apresentou de maneira mais evidente seu valor aditivo. Pesquisas futuras com ênfase na variação poderão verificar essa hipótese.

As frequências dessas ocorrências podem ser melhor observadas a partir das informações do gráfico (06), a seguir:



**Gráfico 06: Construções Assimilativa Aditiva**

Ao observarmos o gráfico 06, notamos a maior frequência de *bem como* como valor comparativo aditivo, com diferenças expressiva de *tal como* e valor mais aproximado de *assim como*.

Vale salientar que esse resultado não indica que *bem como* já seja a microconstrução mais recrutada pelos usuários para fazer comparação, *assim como* ainda ocupa essa posição, entretanto, *assim como* ocorreu muitas vezes em estruturas desgarradas.

Dando continuidade à nossa pesquisa, para podermos caracterizar a construção assimilativa aditiva, empreendemos a análise das seguintes propriedades configuracionais: (i) características do contexto subsequente; (ii) relação de independência das orações; (iii) representação do sujeito na oração, que a seguir serão detalhadas.

#### **4.2.3.1 Construção assimilativa aditiva: características do contexto subsequente**

Após a classificação dos elementos subsequentes às microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como*, obtivemos os seguintes resultados, conforme se observa na tabela (12):

	Elemento subsequente							TOTAL
	ART	PREP	VERB	ADJ	ADV	SUB	PRON	
<b>Assim como</b>	36	14	18	1	4	19	14	108
<b>Bem como</b>	36	38	23	2	1	19	6	125
<b>Tal como</b>	9	1	29	--	1	6	10	56
<b>TOTAL</b>	81	53	70	3	6	44	30	289

**Tabela (12):** Elementos subsequentes às microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como*

Ao avaliarmos as frequências dos elementos, percebemos que podemos fazer algumas amalgamações dos resultados encontrados, que passamos a apresentar. Em relação ao elemento *adjetivo*, observamos apenas três ocorrências de uso no *corpus* investigado. Vejamos duas dessas ocorrências nos exemplos (01) a (02), a seguir.

- (58) “O impacto d’O Grito é tamanho que Munch estará para sempre associado à pintura. Mas, ao longo de toda a vida, como explica o curador Marcos Moraes, trabalhou também com gravura em madeira, **assim como boa** parte dos artistas filiados ao chamado expressionismo alemão. Um interesse que tem a ver com a estética. É bacana notar como uma linguagem conversa com a outra: a pintura de Munch carregando no óleo o mesmo dilaceramento, a mesma agressividade de uma incisão feita em madeira. A linha dura, muito marcada, as camadas de cor sobrepostas na tela como se fossem os veios da madeira”.

(Corpus Now - Metrópolis - 18-06-30 BR)

- (59) “Mas no geral, os mercados de capital acionário na Ásia têm sido “muito receptivos em termos de emissões... houve um grande número de IPOs muito importantes, **bem como grandes** transações”, disse Khullar, referindo-se a recentes ofertas de ações”.

(Corpus Now - DCI - 18-06-29 BR)

Nos exemplos supracitados, verificamos que os adjetivos usados após *assim como* e *bem como* têm por função caracterizar os substantivos aos quais se referem, ou seja, atuam na determinação do referente subsequente, sem contribuir exatamente para o significado e relação das orações comparadas. No exemplo (58) *Munch* é comparado à boa parte de artistas do expressionismo alemão, que assim como ele trabalharam com gravura em madeira. Nesse exemplo, a microconstrução comparativa aditiva *assim como* é sucedida pelo adjetivo *boa*, que acrescenta uma característica ao substantivo *parte*.

Já no exemplo (59), o *grande número de IPOs - initial public offering, que no português significa oferta pública inicial* – é comparado a grandes transações. Verificamos novamente o adjetivo atuar como determinante do nome que ele antecede, como vimos em (1). Observamos que a atuação desses adjetivos não interfere na relação de comparação estabelecida entre as orações, apenas cumprem a função de acrescentar uma característica ao elemento comparado.

Castilho (2019) tratará o que chamamos aqui de *determinante*, como *especificador* e dirá que “o termo é usado em sua dimensão gramatical, entendendo-se por ele as classes gramaticais que povoam a margem esquerda dos sintagmas e das sentenças” (CASTILHO, 2019, p. 488). Entre os *especificadores*, Castilho (2019) lista os artigos, demonstrativos, possessivos e quantificadores indefinidos. Observamos que a classe dos adjetivos não aparece nessa lista, entretanto, o gramático apresenta traços dos *especificadores* que podem ser observados entre os adjetivos. Sobre esses traços, Castilho (2019, p. 489) diz: “a semântica dos Especificadores compreende (i) a determinação definida ou indefinida; (ii) a quantificação; e (iii) a qualificação”.

Nos exemplos (58) e (59) verificamos o primeiro traço semântico dos determinantes (especificadores) – (i) a determinação definida ou indefinida. No caso do adjetivo “boa”, que determina o substantivo *parte* e de “grandes” que determina *transações*, temos exemplos de determinação indefinida, já que não se pode mensurar quanto seria *boa parte dos artistas*, bem como estipular o que seriam *grandes transações*. Ao adjetivo *grandes*, podemos ainda associar o terceiro traço semântico dos determinantes - (iii) *a qualificação* – já que *grandes transações* também pode ser uma característica positiva para uma ação bem-sucedida, como também pode ser interpretada como uma transação de grande porte, se comparadas com outras de proporções menores. Esse terceiro traço semântico é comumente visto entre os adjetivos.

Verificamos também, após as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como*, oitenta e uma ocorrências de artigos. Essa classe de palavras ocorreu de maneira mais expressiva do que as demais classes, antecedendo os substantivos, conforme se observa nos três contextos, a seguir:

- (60) “Sobre o atual momento do Flamengo, Dudu, como todo rubro-negro, mostrou um ar de insatisfação. Ele, entretanto, encontra motivos para otimismo. Para o músico, os reforços que estão por vir, **assim como o** possível retorno de Adriano, podem ser uma boa”.

(Corpus Now - [Globo.com](#) -12-06-30 BR)

- (61) “Cada encontro abordará um tema diferente, passando pelo conteúdo teórico, desenho, vivência de aromaterapia com óleos naturais, pintura sobre suportes naturais com a utilização de tintas naturais, vegetais e minerais, tingimento de fios e tecidos naturais, pintura corporal, vivência de danças típicas, bordado, cerâmica e tecelagem. Ao final da oficina, haverá também uma exposição das obras e artigos produzidos pelos alunos durante as aulas, **bem como uma** roda de conversa sobre as experiências vivenciadas e entrega de certificados”.

(Corpus Now - [Carta Campinas](#) -17-06-30 BR)

- (62) “Sobre Homens e Tubarões possui 208 páginas com excelente projeto gráfico de Felipe Rosa. A escolha da foto de Silvio Piesco para ilustração da capa é certa, **tal como as** imagens internas, todas muito bem selecionadas. Gabriel Ganme, especialista em Medicina Esportiva, atua como mergulhador há 30 anos e já viajou por vários locais do planeta, tendo encontrado diversas espécies de tubarões, animais incríveis que se adaptam às condições dos seus ambientes e passam por um opressor processo de caça que aquece a economia formal e informal”.

(Corpus Now - [Plano Crític](#) - 18-06-03 BR)

Nos exemplos (60), (61) e (62) observamos ocorrências dos artigos *o*, *uma* e *as*, respectivamente, que assim como os adjetivos, atuam como determinantes do substantivo. Com base nesses exemplos, verificamos a presença de um dos traços semânticos dos determinantes, de acordo com Castilho (2019) - (i) a determinação definida ou indefinida. Sobre o *artigo*, Castilho (2019, p. 489) diz

que é um marcador pré-nominal, átono, associado necessariamente ao substantivo, com o qual constitui um vocábulo fonético. As gramáticas portuguesas atuais registravam apenas as formas definidas *o*, *a*, *os*, e *as*. A subdivisão ocorreu no século XIX, aparentemente por algum critério semântico.

Castilho (2019) amplia ainda a discussão acerca dessa classe de palavras ao falar dos *artigos indefinidos*. O gramático, após alguns testes, assinala “que o chamado artigo indefinido *um/uma* é na verdade um pronome. As gramáticas posteriores ao século XIX incluem esses vocábulos ao mesmo tempo entre os artigos indefinidos e os pronomes indefinidos” (CASTILHO, 2019, p 490). Dessa constatação, nos interessa observar que,

como artigo ou pronome indefinido, *um* e *um* permanecem entre os determinantes – ou especificadores, nos termos de Castilho (2019).

Vimos nos contextos apresentados que tanto artigo como adjetivo funcionam como determinante do substantivo. Em função disso, em nossa análise, serão agrupados com os substantivos.

Além de adjetivos e artigos, que atuam caracterizando e determinando o substantivo subsequente, também temos ocorrências de preposições que exercem essa função, como é possível verificar nos exemplos a seguir:

- (63) *“Pelo princípio da boa-fé que deve reger as relações contratuais, em especial a relação trabalhista, cuja assimetria é patente notadamente em face de empregado analfabeto, deveria a reclamada ter proporcionado condições para que o trabalhador tivesse pleno conhecimento do conteúdo do documento que estava assinando, **assim como das** consequências do seu ato, como forma de preservar a higidez na manifestação de vontade do empregado”, disse a juíza”.*

(Corpus Now - Consultor Jurídico - 15-06-30 BR)

- (64) *“A estrutura referente à reforma dos armazéns da Conab situados na região de Elesbão Veloso apresenta como principais elementos: recuperação da cobertura do galpão, **bem como da** calçada, porta e basculantes, execução de piso de cerâmica e reboco de paredes e a aquisição de portões de ferro. Foram realizadas ainda revisão das instalações elétricas e hidro-sanitárias; assim como a execução de uma cerca de proteção. A área total do depósito, após a reforma foi de 360 m<sup>2</sup>”.*

(Corpus Now - Cidadeverde.com- 13-06-29 BR)

Nesses exemplos vemos que a preposição *da* antecede os substantivos exercendo função de determinante, como vimos acontecer com o adjetivo e a preposição. Tanto em (63) quanto em (64) a preposição atua como determinante do nome, estabelecendo uma relação de sentido. Sobre o sentido das preposições, Castilho (2019) salienta que, com frequência, gramáticos dizem que as preposições são palavras de “sentido vazio”, acreditamos que isso aconteça por causa da dificuldade existente em atribuir sentido a essa classe de palavras. Entretanto, Castilho (2019) não aceita essa característica atribuída para a preposições, por acreditar que palavras sem sentidos seriam ruídos, aberrações. Adotamos nesse trabalho a semântica das preposições.

Em (63), o fragmento trata de relações contratuais em ambiente de trabalho e destaca o direito do trabalhador de conhecer as consequências do que assina. Nesse exemplo, *das* é determinante de *consequências* e contribui para o sentido desse nome, dessa forma *das consequências* assume o valor de assunto que deve ser conhecido pelo trabalhador.

Em (64), a amostra tem como tema reformas dos armazéns da Conab. Nesse exemplo, *da* é determinante de *calçada* e contribui para o sentido desse sintagma que exemplifica o tipo de reforma que deve ser feita, a reforma *da calçada*.

Nos contextos analisados observamos *adjetivo*, *artigo* e *preposição* exercendo função de determinante, atuando em prol do substantivo como uma unidade significativa, que tem como núcleo o substantivo, configurando um sintagma nominal (SN). Dessa forma, essas ocorrências serão agrupadas com os substantivos e classificadas como SN.

Verificamos ainda seis ocorrências de advérbios após as microconstruções *bem como* e *tal como*. A respeito dos advérbios, Castilho (2019) diz que, “sintaticamente, os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes que ele toma por escopo” (CASTILHO, 2019, p. 543). Nas poucas ocorrências de advérbios que encontramos entre os dados após as microconstruções, foi possível verificar contextos nos quais os advérbios apresentam uma circunstância, modificando o verbo. Vejamos os exemplos a seguir:

- (65) “*Em cumprimento à promessa realizada aos desportistas rondonienses, o governador Jorge Teixeira, inaugurou o Cláudio Coutinho em 10 de abril de 1982, com capacidade para seis mil pessoas sentadas. Desde então, o ginásio se transformou num dos maiores ginásios da Amazônia e se tornou referência na realização de grandes eventos esportivos da região Norte, bem como já foi palco de grandes atrações*”.

(Corpus Now - *Diário da Amazônia*- 17-06-30 BR)

- (66) “*Quem sabe num futuro muito breve, o Gartner não venha a diagnosticar o uso da TI bimodal como mais um dado banal da realidade do setor, tal como hoje encaramos a realidade da nuvem e da conectividade sem limites*”.

(Corpus Now - *CIO* - 15-06-29 BR)

Nos dois contextos supracitados temos ocorrências de advérbios que denotam circunstância de tempo. Em (65), o fragmento relata a construção de um ginásio, prometido pelo governador aos rondonienses e que se tornou um dos maiores da



Amazônia. Nesse contexto, o advérbio *já* atua em função do verbo *foi*, e o modifica ao acrescentar noção de tempo encurtado para o verbo que está no pretérito. Além disso, esse advérbio atua como realce, possibilitando o leitor entender que, em menos tempo do que se imaginaria, o ginásio ganhou grandes proporções.

Já em relação às ocorrências com pronomes após as microconstruções, encontramos dois tipos de uso, um que retoma o referente da primeira oração, conforme exemplo (67), e outro, associado ao substantivo da oração subsequente. Vejamos os dois exemplos:

- (67) “Para o MPF, “é possível afirmar que João Lúcio Magalhães Bifano foi o grande mentor do funcionamento do esquema – que foi utilizado dezenas de vezes nos municípios do Leste mineiro e do Vale do Mucuri –, e cuidou direta e pessoalmente de sua execução, **bem como dele** se beneficiou, direta e indiretamente”, e essa conclusão não decorre de “mera ilação, mas de provas contundentes que lastrearam a Ação Civil por Ato de Improbidade Administrativa n. 8934-66.2012.4.01.3813”, atualmente em trâmite na Justiça Federal em Governador Valadares”.

(Corpus Now - Estado de Minas - 15-06-30 BR)

- (68) “Também em maio a Rocco publicará uma edição especial do livro infantil “A mulher que matou os peixes”, em cuja dedicatória Clarice cita tanto seus filhos quanto netos que viessem a nascer. E é justamente uma de suas netas, Mariana Valente, quem assina o projeto gráfico, com técnicas de colagem. Ela conta que optou por fugir de ilustrações infantis, a fim de redescobrir o papel da imagem, **tal como sua** avó redescobria constantemente o das letras”.

(Corpus Now - Jornal O Globo - 17-05-04 BR)

Em (67), o fragmento apresenta um *esquema* que teve como mentor *João Lúcio Magalhães Bifano* e diz ainda que, além de mentor do esquema, João Lúcio *dele se beneficiou*. A leitura isolada da segunda oração não nos permitiria saber a que se refere o pronome *dele*, contudo, na primeira oração conseguimos recuperar esse referente e descobrir que *dele* substitui o substantivo *esquema*. Sabendo disso, a sentença poderia ser lida da seguinte forma: *bem como do esquema se beneficiou direta e indiretamente*. Esse tipo de substituição é muito comum no português brasileiro em termos de economia linguística.

Vejamos o que ocorre com o pronome em (68). Nesse fragmento, temos o anúncio de uma edição especial que a Editora Rocco lançará de uma obra de Clarice Lispector.

No trecho vemos ainda a menção à Mariana Valente, neta de Clarice Lispector, responsável pela ilustração da obra. Ao falar da relação de parentesco entre elas, vemos o pronome *sua*, que antecede o substantivo *vó*. Diferente do ocorre em (67), exemplo no qual o pronome retoma o referente da oração anterior, em (68) o pronome está ligado ao referente subsequente. Nos dois casos vemos que o pronome atua em função do substantivo, retomando ou antecipando o nome, por essa razão essas ocorrências serão agrupadas como SN, do mesmo modo que os casos de adjetivo, artigo e preposição.

Tendo analisado os elementos subsequentes às microconstruções, chegamos a dois grupos: o primeiro formado por Sintagmas Nominais (SN) e outro formado por Sintagmas Verbais (SV), com as seguintes configurações formais:

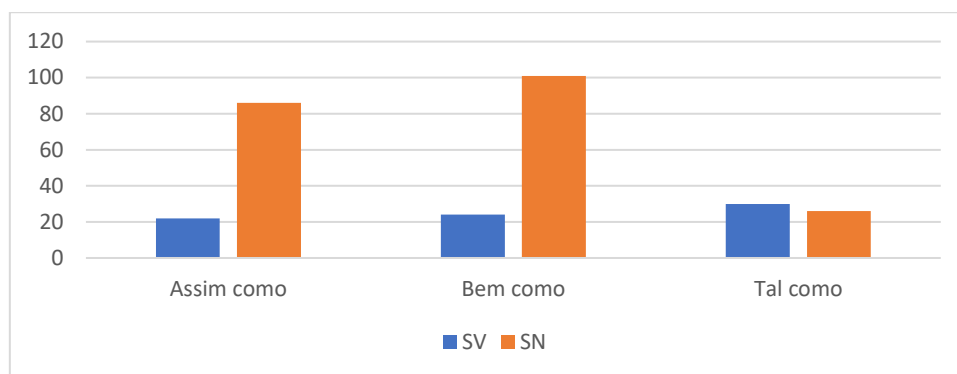
[Oração <i>assim como/bem como/tal como</i> SN (Det/Adj/Pronome/ + Subt.)]	[Oração <i>assim como/bem como/tal como</i> SV (Adv/ Verbo)]
---	---

Após a definição desses dois grupos, temos o seguinte resultado, conforme disposto na tabela (13), a seguir:

	SV	SN	TOTAL
<b>Assim como</b>	22	86	108
<b>Bem como</b>	24	101	125
<b>Tal como</b>	30	26	56
<b>TOTAL</b>	76	213	289

**Tabela 13:** Distribuição das microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* por sintagmas.

Ao analisarmos a tabela (13) notamos que as microconstruções apresentam diferenças significativas quanto ao tipo de sintagma em que ocorrem com mais frequência. *Tal como* é a microconstrução que ocorre de maneira mais equilibrada, com quantidades bem próximas de SN e SV. Já as microconstruções *assim como* e *bem como* ocorrem com mais frequência em SN, com destaque para *bem como*, que apresentou o maior número de ocorrências em SN. Essa diferença pode ser observada facilmente no gráfico (07), a seguir:



**Gráfico 07:** Distribuição das microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* por sintagmas

As informações dispostas no gráfico nos permitem observar mais facilmente a distribuição dos SN e SV para cada microconstrução. A diferença entre esses sintagmas nas ocorrências de *tal como* é discreta, quase não se nota, já nas outras microconstruções a diferença é expressiva, com a predominância dos SN sobre os SV.

Postulamos, neste trabalho, um gradiente para as microconstruções comparativas assimilativas aditivas em análise, em que uma microconstrução pode ser *mais ou menos* comparativa, como também *mais ou menos* aditiva. Acreditamos que a diferença entre a frequência dos sintagmas, que vimos no resultado da tabela (13) e no gráfico (07), é motivada pelo caráter mais aditivo de *bem como* e *assim como*.

Como vimos em seção anterior, *bem como* é entre as três microconstruções a que apresenta valor aditivo mais forte, e que comumente adiciona mais elementos – característica que vimos em muitos exemplos em que essa microconstrução adicionou uma série de elementos numa espécie de lista. No que diz respeito à ação verbal, observamos nos contextos de *bem como* a elipse do verbo na segunda oração, característica que esperávamos confirmar pelo forte valor aditivo dessa microconstrução e que também contribuiu para a baixa ocorrência de SV.

O resultado exposto no gráfico (07) mostra que *assim como* também ocorreu com mais frequência em SN, o que também pode ser justificado pelo valor aditivo dessa microconstrução, que em gráficos e tabelas anteriores apresentou números próximos ao de *bem como*. Já os resultados de *tal como* apresentaram diferença expressiva dos de *bem como* e *assim como*. Acreditamos que da mesma forma que traço mais aditivo de *bem como* e *assim como* influenciou para maior ocorrência de SN, o traço menos aditivo de

*tal como* contribuiu para maior ocorrência de SV. A seguir, apresentamos alguns exemplos a partir da classificação dos sintagmas:

- (69) “A Copa do Mundo no Brasil está agitando o povo brasileiro e estrangeiro que circula pelo território nacional e, com isso, o interesse sobre o nosso País cresce, **assim como** a curiosidade em relação aos diferentes adversários que a nossa seleção enfrenta no Mundial. Pensando nisso, elaboramos uma lista especial com as raças caninas originárias dos quatro primeiros adversários da seleção canarinho”. (SN)

(Corpus Now - [Terra Brasil](#) - 14-06-30 BR)

- (70) “De acordo com o coordenador do programa, Larte Honorato, **assim como** foi feito com Osmaura, a internação domiciliar é indicada como alternativa à internação hospitalar. Um dos objetivos do serviço é garantir mais qualidade de vida e uma melhor recuperação a pacientes de média e alta complexidade, que não estarão sujeitos a contrair infecções hospitalares devido à baixa imunidade”.

(Corpus Now - [Globo.com](#) - 13-06-30 BR)

- (71) “Durante todo o concurso a equipe organizadora observa a harmonia física, simpatia, atitude e facilidade de comunicação de todas as misses. Essa avaliação se somará a do corpo de jurados, que estará atento aos critérios de harmonia física, facial, corporal, elegância e destreza na passarela, **bem como** no traquejo e desembaraço durante a participação das candidatas em entrevistas”.

(Corpus Now - [Globo.com](#) - 12-06-30 BR)

- (72) “A ordem dos advogados do Brasil, dentre o rol de atribuições legais de sua incumbência, sustenta como finalidades a defesa da constituição, da ordem jurídica do estado democrático de direito, dos direitos humanos e da justiça social, **bem como** pugnar pela boa aplicação das leis, pela rápida administração da justiça e pelo aperfeiçoamento da cultura e das instituições jurídicas, conforme enumerado no artigo 44, inciso I, da lei nº 8.906/94 (Estatuto da Advocacia e a ordem dos advogados do Brasil)”.

(Corpus Now - [Gospel+](#) - 12-06-29 BR)

- (73) “E, engana-se quem acha que, por ser a única herdeira mulher, ela teve um tratamento diferenciado em casa. “A gente era tratado tudo igual. Eu até falava às vezes: ‘Pô, mas eu sou menina’”, lembrou, a artista, valorizando - **tal como** sua colega de trabalho [Isis Valverde](#) - a importância do feminismo: “A mulher veio de uma batalha muito severa, não podia conhecer seu próprio corpo, seu emprego mais bacana era ser secretária de um homem bonito e talvez casar com ele um dia”.

(Corpus Now - [Purepeople.com.br](#) +- 17-04-14 BR)

- (74) “Apesar da ordem de serviço ter sido assinada ontem, segundo o diretor da Tectran, há uma semana as pesquisas já começaram a ser realizadas. “Criamos uma Olinda virtual, **tal como** existe hoje, para fazermos uma macro e micro simulação de veículos e, posteriormente, testar as intervenções nas vias públicas”, completa. No que tange à elaboração do PMO, Coelho diz que Olinda traz algumas peculiaridades que dificultam na produção do plano”.

(Corpus Now - Diário de Pernambuco - 16-03-19 BR)

Em (69), (71) e (73) temos ocorrências de SN. Nos três exemplos, vemos que o sintagma tem o substantivo como núcleo da unidade de sentido, com diferença apenas no determinante. Já em (70), (72) e (74) temos ocorrências de SV, que tem o verbo como núcleo da unidade de sentido.

Reconhecemos que outras microconstruções comparativas – como *tal qual* e *tais quais* - podem concorrer no português brasileiro com *tal como*, entretanto, a análise dessas microconstruções não caberia no escopo desta pesquisa. Sendo assim, acreditamos que futuramente essa relação de concorrência, além de outras peculiaridades dessas formas podem ser investigadas.

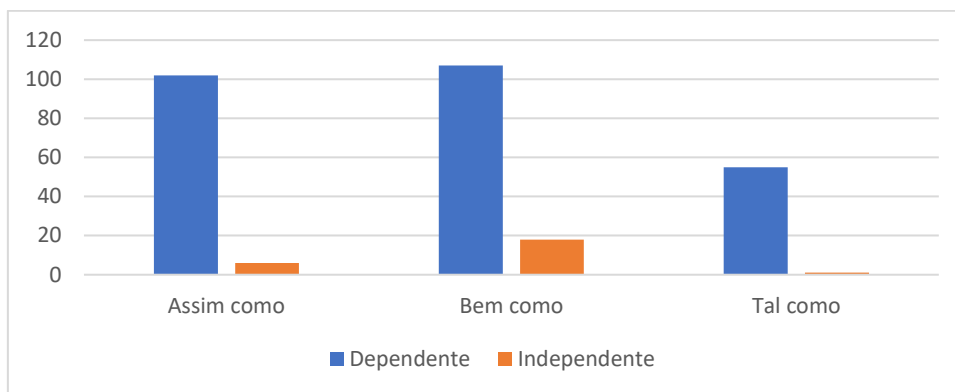
#### 4.2.3.2 Construção assimilativa aditiva e a relação de dependência

Entre as propriedades configuracionais listados para análise dos dados temos ainda a relação de dependência e independência das orações. A tradição gramatical, como vimos no primeiro capítulo, arrola as comparativas entre orações subordinadas adverbiais, que são orações classificadas como dependentes, por ser a dependência uma característica atribuída às subordinadas, enquanto a independência é um traço das orações coordenadas. A análise dos dados selecionados para esta pesquisa gerou o resultado disposto na tabela a seguir:

	<b>D</b>	<b>I</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Assim como</b>	102	6	108
<b>Bem como</b>	107	18	125
<b>Tal como</b>	55	1	56
<b>TOTAL</b>	264	25	289

**Tabela 14:** Relação de (in)dependência das orações comparativas aditivas

Os números mostram que as orações comparativas são mais dependentes (D) do que independentes (I), visto que as independentes representam uma parte mínima do valor total dos dados analisados. Essa diferença pode ser observada no gráfico (08).



**Gráfico 08:** Relação de (in)dependência das orações comparativas aditivas

Vemos nesse gráfico que os valores que representam as ocorrências de orações independentes são escassos e pouco significativos se comparados com os valores que representam as ocorrências de orações dependentes. Vejamos alguns exemplos da relação de dependência e independência das orações nos contextos de uso apresentados a seguir, a começar pelos casos de independência:

- (75) “O britânico *Andy Murray* e a norte-americana *Serena Williams*, que venceu por 21 vezes torneios de *Grand Slams*, defenderão a medalha de ouro que conquistaram nos *Jogos de Londres em 2012*, **assim como** a dupla norte-americana formada pelos gêmeos *Bob e Mike Bryan* e as irmãs *Serena e Venus Williams* defenderão os títulos olímpicos que conquistaram nas duplas. Os *Jogos* também terão um torneio de duplas mistas”.

(*Corpus Now - Jornal Extra - 16-06-30 BR*)

- (76) “Atualmente, tramitam outras ações referentes ao Cermac. A questão estrutural já foi decidida e está em fase de cumprimento de sentença; **bem como** questão de medicamentos e suplementos nutricionais destinados a portadores de HIV que também já foi sentenciada”.

(*Corpus Now - Istoe - 16-06-30 BR*)

- (77) “Albert Einstein foi o primeiro cientista pop da história da humanidade, tal como Pablo Picasso se tornou o primeiro pintor mundialmente famoso ainda em vida. E isso se deve, em boa medida,

ao trabalho da imprensa e, sobretudo, à disposição cada vez mais frequente dos cientistas de traduzir a complexidade de duas ideias para uma linguagem acessível”.

(*Corpus Now - VEJA.com - 18-03-16 BR*)

Em (75), (76) e (77), observamos três exemplos nos quais se observa a relação de independência entre as orações, tendo em vista tanto aspectos semânticos quanto sintáticos. Não há um consenso entre os gramáticos acerca da natureza da independência oracional, haja vista as diferentes definições, ora baseadas em aspectos semânticos, ora sintáticos. Apesar das possíveis divergências, tomaremos como base o que preconiza a LFCU, de acordo com os dizeres de Rosário e Wiedemer (2020, p. 293):

Na LFCU, propõe-se que não haja essa cisão entre plano sintático e plano semântico, tendo em vista que esses dois planos são contrapartes da construção, em seu sentido teórico, tal como apresentado por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) e outros. Aliás, no Funcionalismo Clássico, já se afirmava que “nenhuma oração é totalmente independente de seu contexto oracional imediato, existe uma relação icônica entre a integração de orações e a integração dos eventos” (Givón, 1990). Assim, tanto o polo formal quanto o polo funcional são importantes na descrição dos fenômenos linguísticos em geral.

Sendo assim, as análises aqui tecidas consideram tanto aspectos semânticos quanto sintáticos.

Em (75), o fragmento relata a participação de grandes duplas de jogadores que disputarão novos jogos a fim de defenderem seus títulos olímpicos. Na primeira oração, vemos a menção à dupla formada pelo britânico Andy Murray e a norte-americana Serena Williams, que é comparada às duplas Bob e Mike Bryan e as irmãs Serena e Venus Williams, que também defenderão seus títulos.

É possível notar que se as duas orações forem lidas separadamente terão sentido completo – o leitor será capaz de entender que determinada dupla de prestígio disputará em um dado torneio e terá a chance de manter seu título – e também identificar os termos essenciais para a independência dessa oração. Nesse exemplo, *assim como* é a microconstrução recrutada para estabelecer relação de comparação entre os elementos das duas orações e também adicionar informação nova à primeira.

Em (76), apresenta ações referentes ao Cemarc (Centro Estadual de Referência em Média e Alta Complexidade). A primeira ação apresentada está ligada a questão

estrutural e aparece na primeira oração – (*Atualmente, tramitam outras ações referentes ao Cermac. A questão estrutural já foi decidida e está em fase de cumprimento de sentença*). Outra ação do Cermac é acrescentada e comparada à primeira- (*a questão de medicamentos e suplementos nutricionais destinados a portadores de HIV que também já foi sentenciada*). É possível perceber que as orações não apresentam relação de dependência, visto que podem ser compreendidas quando lidas separadamente.

A leitura isolada da segunda oração nos permitira supor a existência de uma oração anterior pela presença de *também*, contudo, esse aspecto não impossibilita a compreensão de cada uma das orações isoladamente. Vale ainda destacar que nesse exemplo o valor aditivo de *bem como* fica evidente e se sobrepõe ao valor comparativo, já que numa primeira leitura é mais fácil perceber o acréscimo de uma nova ação do que a relação de comparação existente elas.

Em (77), o fragmento textual mistura Ciência e Arte e traz nomes de figuras importantes desses espaços. Einstein, na primeira oração, é apresentado como o primeiro cientista pop da história da humanidade, enquanto a segunda oração menciona Picasso, como primeiro pintor mundialmente famoso ainda em vida. As duas orações podem ser lidas e compreendidas separadamente, o que atribui a elas status de oração independente. Nesse exemplo, *tal como* introduz a segunda oração a fim de estabelecer uma relação de comparação com a oração anterior, no caso, o caráter precursor desses grandes nomes da Ciência e das Artes. É possível perceber que essa microconstrução adiciona uma informação nova, entretanto, o valor aditivo dessa microconstrução é menos evidente se comparado com as ocorrências de *bem como* e *assim como* em exemplos anteriores.

A análise desses dados proporciona questionamentos importantes acerca do status de oração subordinada no qual as comparativas tradicionalmente são arroladas. As subordinadas são amplamente difundidas pela tradição grammatical como orações dependentes. Se as comparativas são sempre orações subordinadas, como podemos ter casos de orações independentes? Essa reflexão é capaz de reiterar a insuficiência da dicotomia *coordenação/subordinação*, como já apontam diversos pesquisadores, entre eles Rosário e Wiedemer (2020), ao dizerem que “outro ponto bastante central na LFCU, no tocante à integração de orações, é que a dicotomia *coordenação vs. subordinação* não é suficiente para espelhar as muitas formas como a integração de orações se dá no plano discursivo” ROSÁRIO e WIEDEMER (2020, p. 293).



Tendo analisado casos de oração comparativa independente, trataremos as ocorrências de orações comparativas dependentes:

- (78) “O serviço atualiza o contrato mensalmente de forma automática, **assim como** qualquer outro. Por isso, assim que finalizar os 3 meses, você já estará utilizando os serviços pagos, normalmente, e os valores serão enviados à sua fatura. Por isso, é bom que já saiba como desabilitar a renovação automática. A dica é do Mac Magazine”.

(Corpus Now - [TudoCelular.com](http://TudoCelular.com) - 15-06-30 BR)

- (79) “Durante todo o concurso a equipe organizadora observa a harmonia física, simpatia, atitude e facilidade de comunicação de todas as misses. Essa avaliação se somará a do corpo de jurados, que estará atento aos critérios de harmonia física, facial, corporal, elegância e destreza na passarela, **bem como** no traquejo e desembaraço durante a participação das candidatas em entrevistas”.

(Corpus Now - [Globo.com](http://Globo.com) - 12-06-30 BR)

- (80) “No que diz respeito ao mérito dos projetos apresentados pelo Governo, não há como aprová-los **tal como** enviados pelo Executivo. Respalda os projetos originais representa jogar a maior parte do ônus das reformas sobre os ombros dos que historicamente são chamados apenas na hora de pagar a conta dos privilégios das elites brasileiras”.

(Corpus Now - [JC Online](http://JC Online) - 17-04-27 BR)

Em (78), o fragmento tem como assunto um contrato de serviço mensal que se atualiza automaticamente. A primeira oração apresenta um determinado serviço que se atualiza dessa forma. Esse serviço é comparado na segunda oração, com os demais serviços que funcionam da mesma maneira – *assim como qualquer outro*. Essa interpretação pode ser depreendida do fragmento a partir da leitura das duas orações. Nesse exemplo, é possível notar a existência de uma oração principal e de outra – a segunda oração – que depende da primeira. A oração *assim como qualquer outro*, quando lida isoladamente, não é capaz de apresentar uma informação com sentido completo, sua compreensão depende de elementos que estão expressos na primeira oração.

Essa relação de dependência entre orações também pode ser observada em (79). Esse exemplo tem como contexto um concurso de misses e, como todo concurso desse gênero, considera diferentes aspectos que devem ser avaliados pelos jurados. A primeira oração dessa relação comparativa apresenta os primeiros critérios que serão avaliados

pelos jurados, critérios físicos - harmonia física, facial, corporal, elegância e destreza na passarela, - porém, esses não serão os únicos, outros critérios foram adicionados na segunda oração instanciada por *bem como* – o traquejo e desembaraço das candidatas durante a entrevista. Apesar das duas orações apresentarem conteúdos semelhantes – os critérios que serão avaliados pelos jurados–, vemos que a segunda oração depende da primeira para estar completa, um exemplo de oração dependente.

Em (80), o trecho tem como contexto os projetos que foram apresentados pelo governo e que não puderam ser aprovados do modo que foram enviados pelo Executivo. Mais uma vez, vemos que a estrutura comparativa é formada por uma oração principal e outra que depende dessa primeira, já que a oração *enviados pelo Executivo* não pode ser compreendida se lida separadamente.

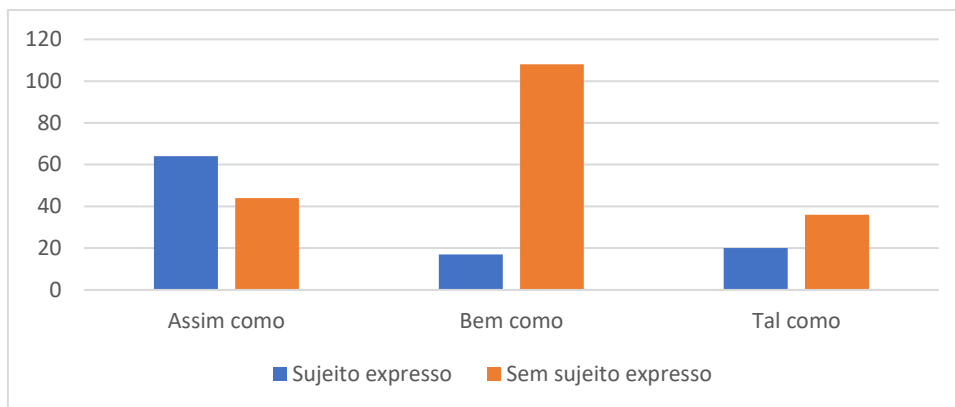
#### 4.2.3.3 Construção assimilativa aditiva e a expressão do sujeito

Contemplamos também na análise dos dados considerações acerca do sujeito das orações. A partir desse critério de análise separamos os dados em dois grupos: (S) para as orações em que o sujeito aparece expresso e (SE) para as ocorrências de sujeito elíptico. Vejamos os resultados dessa classificação na tabela (15):

	Sujeito expresso	Sem sujeito expresso	TOTAL
<b>Assim como</b>	64	44	108
<b>Bem como</b>	17	108	125
<b>Tal como</b>	20	36	56
<b>TOTAL</b>	101	188	289

**Tabela 15:** Construção assimilativa aditiva e a expressão do sujeito

Os resultados da tabela (15) mostram que a maior parte das ocorrências analisadas têm o sujeito elíptico. Essa informação fica mais nítida nos números relativos a *bem como*, que teve o sujeito elíptico em 108 ocorrências de 125. *Assim como* e *tal como* apresentaram resultados mais equilibrados, como é possível observar no gráfico (09) a seguir:



**Gráfico 09:** Construção assimilativa aditiva e a expressão do sujeito

Nas informações dispostas nesse gráfico, vemos, mais uma vez, que os resultados de *bem como* são os que se destacam pela disparidade com os demais resultados. Mais de oitenta por cento das ocorrências das orações comparativas aditivas instanciadas por *bem como* apresentaram elipse do sujeito. Atribuímos esse resultado ao traço mais aditivo dessa microconstrução que pode ser explicado da seguinte maneira:

[+ *aditivo*] – microconstrução de forte valor aditivo que instacia novos elementos em sequência, numa espécie de lista<sup>2</sup>;

[+SN] – *bem como* ocorre frequentemente em sintagmas nominais que atuam como complemento do verbo. Se no sintagma nominal temos o complemento do verbo e não o sujeito da oração, entendemos que esse sujeito deve estar elíptico, como mostra o resultado do gráfico.

Vejamos as ocorrências de uso a seguir, a fim de observar as considerações feitas acerca do sujeito das orações comparativas aditivas:

- (81) *"Sempre tive esse desejo de mexer com o cinema, é uma linguagem mais exigente, assim como uma série televisiva exige mais do que a novela, em termos de dramaturgia e estética", acredita Marcílio Moraes, 72 anos".*

(Corpus Now - Diário de Pernambuco - 17-06-30 BR)

- (82) "Circunstâncias e a dinâmica do ocorrido. "A identidade da vítima, **bem como** o "desacato" que teria cometido não foram revelados pelos militares".

<sup>2</sup> A ideia de adição de lista será explorada na próxima seção.

(Corpus Now - CartaCapita - 15-06-30 BR)

- (83) “Depois de uma semana lendo as notícias, nacionais e internacionais, nos veículos tradicionais e nas redes sociais, parece cada vez mais evidente o caráter político da prisão de Lula, **tal como** afirma, dentre outros renomados juristas, Luigi Ferrajolio em “Uma agressão judiciária à democracia”: “O caráter não judiciário, mas político de todo esse caso é revelado pela total falta de imparcialidade dos magistrados que promoveram e celebraram o processo contra Lula”.

(Corpus Now - Diário do Centro do Mundo - 18-04-17 BR)

Nesses três exemplos, temos ocorrências de orações assimilativas aditiva em que o sujeito está expresso. Em (81), *assim como* introduz uma oração independente na qual podemos identificar o sujeito – *uma série televisiva*. Nesse exemplo, o nível de *exigência para mexer com cinema* é comparado com a *exigência de se produzir uma série televisiva*. Em (82), *bem como* introduz uma oração comparativa adicionando uma nova informação, como uma espécie de adendo. Nesse exemplo também é possível identificar o sujeito da oração comparativa aditiva – *o desacato*. O mesmo acontece em (83), cujo sujeito da oração é o jurista *Luigi Ferrajolio*.

Além dos casos em que o sujeito da oração comparativa aditiva estava expresso, temos os casos de elipse do sujeito, que tiveram uma frequência maior. A seguir, podemos observar amostras dessas ocorrências:

- (84) “Eu fiz ‘Babilônia’? Não me lembro”, disse a jornalista, que caiu na gargalhada. Fátima participou como ela mesma da história, **assim como** fez em “Cheias de Charme”, “A Grande Família”, “Geração Brasil”, “Tá no Ar – A TV na TV”, “Alto Astral”, “I Love Paraisópolis” e “Mister Brau”.

(Corpus Now - Tananetua- 16-06-30 BR)

- (85) “Agro 2018 contou com o dobro de expositores em relação ao ano passado, **bem como** de espaço físico.” Nosso intuit com a feira não é ganhar dinheiro...”

(Corpus Now - DCI - 18-06-29 BR)

- (86) “no caso da população grega. Já os gregos forma retratados **tal como** ficaram após a Guerra: arrasados, com expressões desanimadas e alguns mortos”.

(Corpus Now - Alagoas 24 Horas - 16-02-18 BR)

Em (84), o fragmento tem como contexto a participação em programas televisivos. Nesse exemplo, *assim como* instancia uma oração comparativa aditiva ao comparar a participação de Fátima em diferentes histórias (novelas, programas etc.) e adicionar uma lista de programas dos quais ela também participou. O sujeito para as duas orações que *assim como* relaciona é o mesmo – *Fátima* – que está elíptico na segunda oração, já que o fato de estar expresso na primeira possibilita que essa repetição seja evitada.

Em (85), a amostra de texto apresenta informações a respeito de um evento agropecuário. Nesse exemplo *bem como* instancia uma oração comparativa aditiva, mas que tem a adição mais evidente do que a própria comparação, ao acrescentar um aspecto novo sobre o evento naquele ano. Temos um sujeito para as duas orações e, na segunda, o sujeito, que é o nome do evento do qual se fala, não aparece expresso.

Em (86), o fragmento aborda a representação dos gregos em obras de arte. Nesse exemplo, *tal como* instancia uma oração que compara a representação feita dos gregos com outras que não podemos precisar pela ausência de um contexto maior. As duas orações têm um mesmo sujeito – *os gregos* – e, como vimos nos exemplos anteriores, é comum que nesses casos o sujeito não seja repetido na segunda oração por questões de economia e, também, de estilo.

Como exposto nos capítulos iniciais deste trabalho, apoiados em Rodrigues (2002), adotamos o termo *construção comparativa* para nomearmos as estruturas comparativas do português brasileiro, já que esse seria um termo mais abrangente e dessa forma compreenderia estruturas comparativas oracionais e não-oracionais. Entretanto, na análise verificamos a predominância de estruturas oracionais – com verbo expresso e também elíptico, por isso, em um dado momento da análise o termo *orações comparativas* passou a ser usado para designar estruturas que realmente são orações. Essa constatação não nos impede de usar o termo *construções comparativas*, já que reconhecemos que na língua podemos encontrar estruturas comparativas sem verbo.

Após a apresentação e discussão dos critérios de análise e as propriedades de cada microconstrução é possível apresentar algumas considerações sobre o uso dessas microconstruções. Para tanto, consideramos as semelhanças e diferenças encontradas em nossa análise:

	Tipo de sintagma	Dependência das orações	Tipo de sujeito
assim como	+ SN	+ dependente	+ sujeito expresso
bem como	+ SN	+ dependente	+ sujeito elíptico
tal como	+ SV	+ dependente	+ sujeito elíptico

**Tabela 16:** Resultados das propriedades analisadas de *assim como*, *bem como* e *tal como*

O sinal da adição é usado para indicar a característica mais expressiva em termos quantitativos das microconstruções em cada fator analisado. Vemos que *assim como* e *bem como* ocorrem de maneira mais frequente em sintagmas nominais, diferente do que acontece com *tal como* que é mais frequente em sintagmas verbais. Quanto à dependência das orações, vimos que as três microconstruções instanciam de maneira bastante expressiva orações dependentes. O último traço observado foi a forma do sujeito na oração – expresso ou elíptico – e observamos que das três microconstruções *assim como* foi a única que apresentou mais ocorrência com o sujeito da oração comparativa expresso, enquanto *bem como* e *tal como* tiveram mais ocorrências de sujeito elíptico.

A disposição das informações na tabela (16) facilita observarmos que *assim como* e *bem como* apresentam mais características que se assemelham. As microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* comumente são tratadas como sinônimas, contudo, de acordo com o princípio da não-sinonímia, postulado por Goldberg (1995, p. 67) “se uma construção é sintaticamente distinta de outra (s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta”, ou seja, não teremos sinônimos perfeitos.

#### **4.2.4 Construção assimilativa aditiva e suas funções: sequenciação de elementos e exemplificação**

Além da avaliação das propriedades configuracionais também investigamos se a construção assimilativa aditiva apresenta funções específicas a depender do contexto de uso. Dessa forma, após a avaliação desses contextos, encontramos duas funções, sendo: (a) sequenciação de elementos; (b) exemplificação, que passamos a comentar.

A análise dos dados nos permite observar essas construções funcionando com valor comparativo e aditivo ao mesmo tempo. Entretanto, verificamos que entre elas é possível perceber uma relação gradiente, na qual vemos maior ou menor valor de adição. Entendemos que *bem como* é a construção com maior valor aditivo, é a que nos deixa perceber de maneira mais explícita a adição de uma nova informação ou elemento, por

isso, a ausência do *e* aditivo. Em muitos exemplos nos quais *bem como* é recrutado, notamos que essa construção arrola para si um número maior de elementos, como se pode observar nos exemplos a seguir:

(87) *Nesta promoção gastronômica, que consagra a excelência dos produtos através da marca “Sabores de Chaves”, não faltaram a alheira, a linguiça, o salpicão, os chouriços variados, o presunto, **bem como** o pão centeio, a bola de carne e o Pastel de Chaves, valorizados e renovados em demonstrações culinárias apresentadas pelos conceituados chefes que participaram nos vários showcooking realizados durante o evento.*

(Corpus Now *A Voz de Trás-os-Monte 18-02-06 PT*)

(88) *Nelson Mandela voltaria a casar-se, tendo como segunda mulher Graça Machel, que tinha sido casada como Samora Machel. Foi a ela, aos filhos e netos, **bem como** colaboradores, escolas e seu partido, o Congresso Nacional Africano (ANC) que deixou a sua propriedade, não tendo contemplado Winnie no seu testamento. A decisão do tribunal garante que assim ficará.*

(Corpus Now *SAPO 24 18-01-19 PT*)

(89) *Seu comentário está sujeito a moderação. Não serão aceitos comentários com ofensas pessoais, **bem como** usar o espaço para divulgar produtos, sites e serviços. Para sua segurança [...]*

(Corpus Now *Jornal do Comércio 18-02-25 BR*)

Nos três exemplos apresentados anteriormente conseguimos observar uma tendência do uso da construção *bem como* atrelada a uma espécie de lista ou sequência de elementos. Em (87), vemos após a construção *bem como* uma lista com nomes de alimentos que não poderiam faltar numa dada feira gastronômica (“não faltaram a alheira, a linguiça, o salpicão, os chouriços variados, o presunto, **bem como** o pão centeio, a bola de carne e o Pastel de Chaves”).

Em (88), os elementos que compõem essa espécie de lista são nomes de órgãos ou instituições que foram beneficiados num testamento (“Foi a ela, aos filhos e netos, **bem como** colaboradores, escolas e seu partido, o Congresso Nacional Africano (ANC) que deixou a sua propriedade”). Estrutura semelhante pode ser observada em (89),

em que a lista introduzida por *bem como* é formada por tipos de divulgações que não poderão ser feitas naquele espaço, tendo em vista a finalidade do mesmo.

Sabemos que o uso de *bem como* acompanhado de uma espécie de lista não se verifica em todos os dados, o que pode ser esperado, já que falamos em gradiência. Ao analisarmos um gradiente vemos que uns valores se sobrepõem a outros, e é isso que vemos ocorrer com *bem como* com seu valor aditivo e que também aparece fortemente ligado à estrutura de lista.

Esse valor aditivo com estrutura de lista parece não ocorrer da mesma forma com *assim como* e *tal como*. Observando os dados notamos que as construções *assim como* e *tal como*, ao atuarem com valor de nexos comparativo, também acrescentam um novo elemento ou informação. Entretanto, esse valor aditivo nos parece menor se comparado com o valor aditivo de *bem como*. Acreditamos que isso ocorra em razão dos valores originais de *assim* e *tal*. Entre os valores mais originais de *assim* está o valor de advérbio de modo e a natureza adverbial contribui para que *assim como* tenha seu valor comparativo perceptível de maneira bem evidente, o que faz com que os próprios falantes o recrutem mais ao fazerem uma comparação.

Vemos também a influência do valor original de *tal* para a construção do sentido de *tal como*. O valor de pronome demonstrativo é uma das possibilidades de classificação para essa forma e que acreditamos influenciar o sentido de *tal como*, acrescentando a essa construção um forte **valor exemplificativo**, tendo em vista a possibilidade de apontamento que pronomes como *tal* podem ter. Vejamos os exemplos a seguir:

(90) [...] SUV virou esportivo. Isso sem contar os carros grandes com motores bem pequenos, **tal como** sedã de o segmento D com motor 1.0 (turbo, mas [...])

(Corpus Now Noticias Automotivas 17-04-09 BR)

(91) a Europa, joias, vinhos, festas. Era a velha corrupção, **tal como** praticada por o PMDB, PSDB e que tais. Com o PT, [...]

(Corpus Now Folha de S.Paulo 17-01-03 BR)

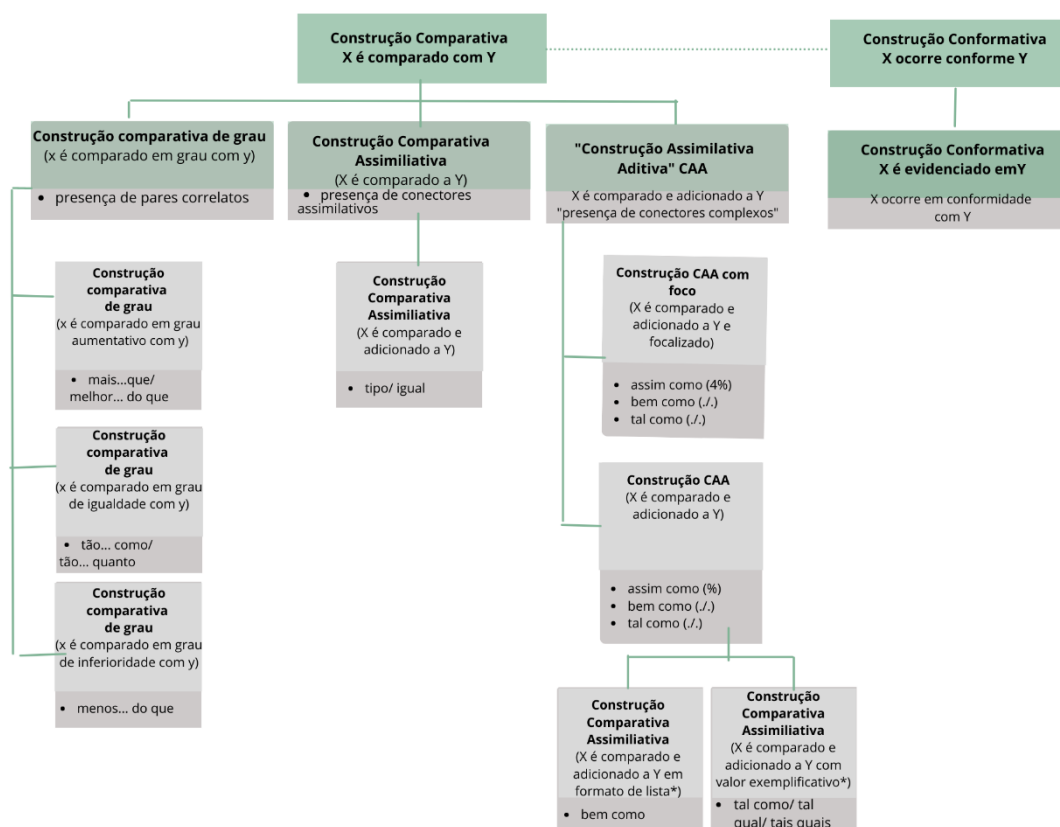
(92) de transporte individual privado de passageiros baseado em tecnologia de a comunicação em rede, **tal como** a Uber. # PL 16. 946/17 – Ambulatório Médico em grandes eventos obriga

(Corpus Now Diário Catarinense 17-02-12 BR)



Em (90), (91) e (92) podemos ver esse valor fortemente exemplificativo de *tal como*. Nesses dados é possível perceber que essa construção além de estabelecer uma relação comparativa também é recrutada com recorrência para usos em que a comparação se faz através da exemplificação. Em (90), *tal como* é usado para introduzir um exemplo de carros que se tornaram esportivos, *tal como* o sedã. Em (91), *tal como* introduz exemplos da velha corrupção, *tal como* PMDB, PSDB e que tais. Já em (92), *tal como* introduz um exemplo de transporte de passageiros individual e privado, *tal como* a Uber.

A seguir, oferecemos a rede construcional após a avaliação das propriedades configuracionais, bem como das funções:



**Quadro 05:** Rede construcional comparativa

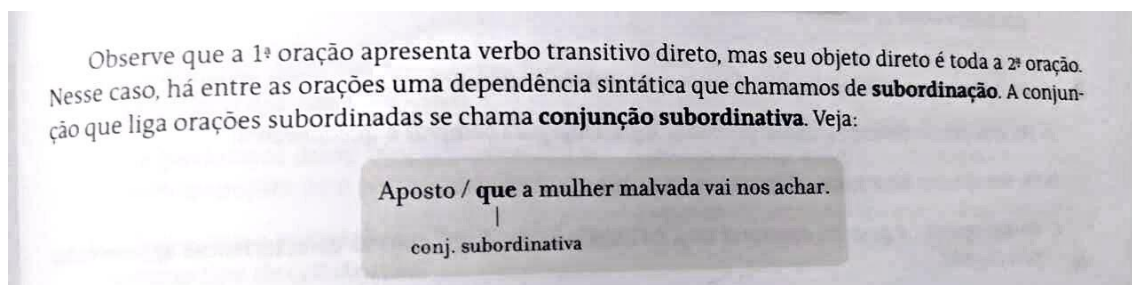
O quadro 05 nos oferece a representação completa da rede construcional das comparativas. Nele verificamos o que propõe Thompson (2019), bem com os resultados obtidos nas análises aqui apresentadas. Como se pode observar nessa representação, as comparativas podem ser tanto de grau – como nos aponta a tradição – quanto assimilativa – como nos propõe Thompson (2019). Entre as comparativas assimilativas, verificamos nessa pesquisa as que também têm valor aditivo, que podem ocorrer em estrutura

desgarrada, que passamos a chamar *Construção CCA com foco*. As demais assimitivas aditivas – amostras finais deste trabalho – apresentaram extensão de sentido ao assumirem valor exemplificativo, como em *tal como* e também em razão de formato de lista – como vimos ocorrer frequentemente em amostras de *bem como* – o que realça o valor aditivo da construção que intancia esse tipo de ocorrência.

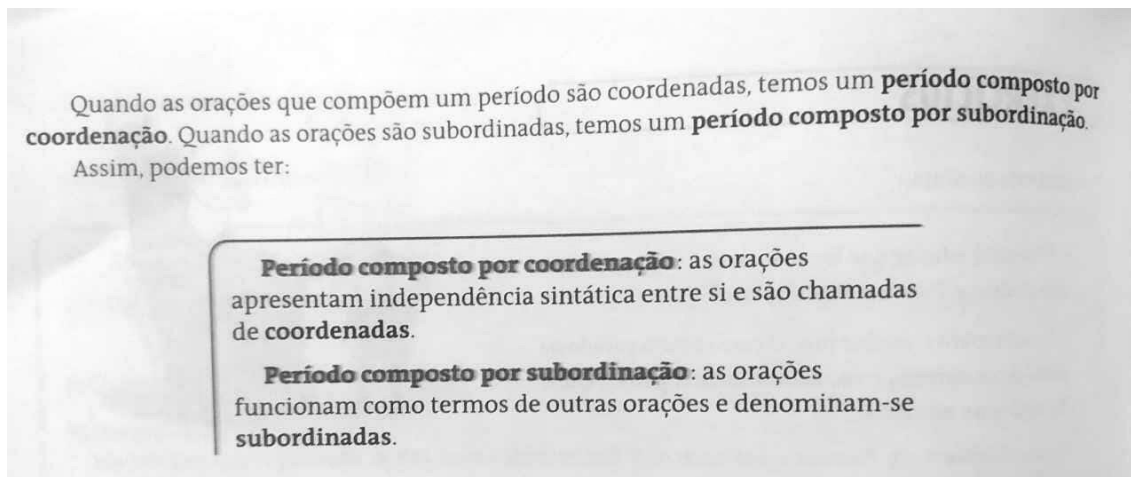
## 5. As orações comparativas e o ensino de língua portuguesa: breves reflexões

Ao longo desta pesquisa, evidenciamos que a comparação é uma estratégia cognitiva e discursiva muito expressiva na língua portuguesa e, como consequência, nas línguas naturais, bem como identificamos ainda, que, no PB, essa capacidade cognitiva de comparar pode ser materializada de diferentes formas linguísticas e em diferentes contextos de uso. Além disso, se entendemos que a comparação é uma habilidade de tanto relevo na língua, cogitamos também que essa temática mereça destaque, não somente entre as pesquisas acadêmicas, mas também entre os espaços formativos de língua materna, entre esses: a escola.

As construções comparativas são apresentadas, nos diferentes contextos das salas de aula, como um tipo de oração subordinada adverbial, conforme propõe a tradição gramatical. Ao observarmos alguns manuais frequentemente adotados vemos a que a subordinação é apresentada de maneira reducionista, o que ocorre também com as comparativas. Vejamos os exemplos a seguir: Para exemplificação, podemos verificar essa visão nos seguintes dizeres encontrados no livro *Português – Linguagens (8º ano)*:



**Figura 03:** Conjunção subordinativa segundo abordagem do livro didático *Português – Linguagens (8º ano)*:



**Figura 04:** Definição de período composto segundo abordagem do livro didático *Português – Linguagens* (8º ano):

As figuras 03 e 04 são fragmentos de um livro didático muito adotado nas aulas de língua portuguesa da educação básica. Nesse livro, esses foram os únicos comentários sobre o período composto, o que mostra o tratamento reducionista e limitado que o mesmo vem recebendo. Percebemos que nessa obra também não apresentada os tipos de oração coordenada e subordinada.

Outra obra intitulada *Português – Língua Portuguesa*, destinada ao nono ano do Ensino Fundamental apresenta de maneira bastante reduzida os processos sintáticos da coordenação e subordinação e também um pequeno quadro com uma breve caracterização para cada tipo de oração coordenada e subordinada. Sobre as comparativas lemos assim nesta obra que é são as que exprimem comparação, que é o ato de comparar a fim de buscar semelhanças e diferenças.

Para além dos materiais didáticos, as práticas docentes revelam que muitos professores ainda não veem a gramática “como um sistema de regras da língua em funcionamento” (NEVES, 2021, p. 40). A autora revela que mais de 70% das propostas mais aplicadas nas aulas de língua materna abordam o reconhecimento e categorização das palavras em classes, bem como análise sintática.

Na abordagem das comparativas e aditivas na escola vemos predominantemente o foco na memorização das conjunções. Esse tipo de prática não é suficiente e não tem apresentado resultados satisfatórios e eficazes no ensino de língua materna. Ao usar esse tipo de estratégia para trabalhar com comparativa, aditivas e as demais construções do

período composto, o professor deve se perguntar o que o aluno fará se a memória falhar, já que dessa forma a memorização das conjunções é muitas vezes o único recurso usado.

Entretanto, vimos, ao longo desta pesquisa, que as construções comparativas apresentam vários aspectos e significados, que são decorrentes de diferentes contextos de uso, os quais ainda carecem de tratamento adequado nos manuais e/ou nos livros didáticos. Em geral, observamos que o tratamento que elas recebem não contribuem para a construção de uma descrição clara, que alcance a diversidade das diferentes estruturas comparativas. Entre as construções aditivas também é possível notarmos a mesma visão baseada na tradição gramatical vigente, muitas vezes limitada ao reconhecimento e classificação do significado de algumas conjunções.

Os resultados da educação básica quanto ao desempenho na área de Linguagens mostram a ineficácia de um estudo reducionista da língua, com ênfase em reconhecimento e classificações descontextualizadas. Esses resultados ficam muito evidentes nos estudos dos processos sintáticos de subordinação e coordenação, nos quais se inserem as orações comparativas e aditivas, respectivamente.

No que tange às práticas de ensino de LP com essas estruturas, em contexto escolar, observamos, com frequência, o estudo de estruturas complexas e variadas ser reduzido a classificação de conjunções e orações, a partir do que é prescrito pela tradição gramatical. Em geral, não encontramos, nestes manuais, usos linguísticos que reflitam sobre a realidade da língua, conforme vimos ao longo deste trabalho. Esses fatores contribuem para que, em muitos casos, o estudante se sinta ainda mais distante da língua que estuda, ou seja, a sua própria língua.

A adoção de uma abordagem normativa nas salas de língua portuguesa implica diretamente nas escolhas e tratamento das formas e estruturas linguísticas trabalhadas. A opção por apresentar apenas o que tradição gramatical arrola sobre o período composto, por exemplo, situa as estruturas comparativas sob *status* das orações subordinadas adverbiais comparativas. Entretanto, com base em Rodrigues (2002) e na análise aqui empreendida, evidenciamos a necessidade de um tratamento que considere diferentes situações comunicativas e os usos que delas derivam.

Nas aulas de língua portuguesa, o ensino de gramática é a prática predominante em grande parte das salas de aula, principalmente, o ensino prescritivista. Conceitos, definições, por vezes pouco claras e descontextualizadas são comuns entre as práticas

docentes. Sobre esse tipo de abordagem metodológica recorrente, Neves (2021, p. 19) comenta “que a maioria (cerca de 80%) dos professores leva seus alunos à conceituação por meio da definição, enquanto uma minoria operacionaliza o conceito [...]”.

Neves (2021) destaca duas questões que norteiam sua análise e que devem também permear a prática docente para que esta seja eficaz e significativa: a. *para que se “ensina” a gramática?*; b. *para que se usa a gramática que é ensinada?* As respostas dadas pelos professores para essas perguntas foram sintetizadas pela própria autora nos pontos a seguir (NEVES, 2021, p. 11):

Indicações duplas de utilização da gramática aprendida reúnem:

- ser aprovado em concursos e vencer na vida;
- expressar-se corretamente e ser bem-aceito na sociedade;
- usar a língua padrão/norma culta e ser bem –sucedido na vida.

Indicações múltiplas reúnem:

- conhecer a língua e: ter segurança nas situações de comunicação; expressar-se melhor; ser bem-sucedido na vida;
- expressar-se bem e: sair-se bem em concursos; sair-se bem profissionalmente.

A partir dessas respostas vemos como os professores entendem o ensino de língua materna na escola e as relações que estabelecem com o ensino de gramática na Educação Básica.

Sobre a importância da formação linguística do docente, consideremos os dizeres de Brito e Lopes (2001, p. 50):

[...] o professor de língua materna de todos os níveis de ensino precisa de ter uma sólida formação linguística para poder tomar decisões adequadas sobre os processos de tratamento dos conteúdos gramaticais e sobre a sua articulação com os outros domínios de ensino da língua. Essa formação é também essencial se queremos resolver alguns dos graves problemas de insucesso na aprendizagem de língua materna. Na realidade, para que o professor seja capaz de determinar o percurso a seguir com cada grupo de alunos em função das competências e das dificuldades dos próprios alunos, não basta que lhe seja dada autonomia para o fazer, é também necessário que lhe seja dada formação para que saiba fazer criteriosamente.

Neste trabalho, adotamos uma abordagem cognitivo-funcional da língua, em que, para pensarmos as contribuições de uma pesquisa funcionalista para a escola, tomamos a concepção de língua assumida em Cunha e Tavares (2016), de que ela é uma “atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada” (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 8). Assim, entendemos que a língua é uma estrutura maleável e emergente e que seus níveis se articulam no uso. É a partir dessa compreensão que

podemos investigar os usos linguísticos. É necessário que essa concepção de língua, que já permeia diversas pesquisas acadêmicas, alcance as salas de aula e contribua para os estudos de língua materna na Educação básica.

A partir da identificação da dificuldade que as escolas ainda enfrentam com o ensino de língua materna, muitos trabalhos se detiveram em pensar propostas que contribuam de maneira significativa para a mudança no ensino de língua na Educação Básica, principalmente entre os alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Um exemplo dessa visão pode ser visto em Cunha e Tavares (2016), na obra intitulada *Funcionalismo e ensino de gramática*. As autoras enfatizam que essa produção visa “contribuir para o preenchimento de uma grande lacuna existente entre a academia e a escola, ou seja, entre o pesquisador nas Universidades e o professor???? [...]” (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 7).

Cunha e Tavares (2016) salientam ainda a necessidade de se estabelecer relações entre funções e formas em âmbitos gramaticais diversos, além de práticas que dialoguem com parâmetros educacionais. A abordagem funcionalista está a favor de uma linguística baseada no uso, que considera tanto o contexto linguístico, quanto a situação extra-linguística. A respeito do papel do professor a partir dessa perspectiva, Cunha e Tavares (2016, p 38) comentam que

Um dos papéis do professor de língua materna é o de atuar como orientador do processo de construção do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experienciarem a língua em suas múltiplas faces, em situações de uso real. Desse modo estará criando oportunidades para a amargência dos padrões gramaticais heterogêneos, e para o refinamento das estratégias de manejo desses padrões, com a ampliação da capacidade de adequá-los a situações de uso variadas.

Acreditamos ainda que entre as contribuições de pesquisas funcionalistas está a reflexão acerca dos gêneros textuais escolhidos. É comum vermos a opção quase absoluta entre os professores do Ensino Fundamental e Médio por obras literárias, textos consagrados ou trechos de compêndios e nós reconhecemos a relevância dessas produções. Entretanto, percebemos que a opção dominante por esses textos reforça as práticas normativas de análise e não contempla a diversidade linguística.

Não estamos dizendo com isso que essas obras devem se ausentar das aulas de gramática na escola, mas que a elas outros tipos de textos podem ser associados. A seleção

de materiais disponíveis em *corpus* eletrônicos, materiais impressos como jornais e revistas, bem como exemplos de uso trazidos pelos alunos dos mais diferentes contextos são opções riquíssimas para um estudo atual e reflexivo em língua materna.

A opção por determinados textos e obras para esse trabalho voltado para a gramática da língua, e de modo especial refletimos nesta pesquisa sobre as sentenças comparativas – centralidade deste trabalho - podem sustentar a classificação adotada pela tradição e pelos livros didáticos, no entanto, vemos que essa solução não é satisfatória. Para desenvolver um trabalho que visa promover tratamento e análises linguísticas que contribuam para a participação significativa e crítica dos alunos em práticas sociais diversas, é necessário considerar a língua em uso, por isso, acreditamos no benefício de pesquisas funcionalistas para a prática docente.

Neste trabalho, analisamos e exemplificamos casos de construções comparativas que, além do valor comparativo usual, apresentam também valor aditivo, o que chamamos de *construções assimilativas aditivas*. Dessa maneira, é possível refletir sobre o que comumente se diz das classes de palavras na escola, que quase sempre são apresentadas de maneira rígida, ignorando a maleabilidade da língua. Apresentamos também outras extensões de significado que as microconstruções analisadas nesta pesquisa podem apresentar. Esse tipo de análise corrobora o que os estudos linguísticos afirmam acerca do caráter emergente das línguas naturais, que não estão prontas e fechadas.

A ausência de estratégias reflexivas sobre os procedimentos e formas de usos da língua é algo evidente nas aulas de língua portuguesa na Educação Básica como um todo. Refletir sobre os diferentes usos, bem como as relações estabelecidas entre as unidades da língua, enunciados, os textos e seus propósitos é fundamental para maior eficiência das aulas de língua materna.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nosso objetivo de pesquisa foi investigar os contextos de usos, no português brasileiro, das microconstruções *assim como*, *bem como*, *tal como*, e com isso demonstrar que essas possuem o sentido comparativo e aditivo. Para tanto, nossa hipótese inicial era de que essas microconstruções apresentassem, além do valor comparativo prescrito para essas formas, também o sentido aditivo, o que demonstraria a gradiência dessa categoria.

Inicialmente, a revisão bibliográfica da temática investigada nos permitiu perceber que estamos diante de diferentes construções comparativas. Para tanto, nos apoiamos na pesquisa de Thompson (2019) e indicamos as construções: (i) comparativa de grau; e (ii) comparativa assimilativa. Diante dessa classificação iniciamos nossa investigação.

Para podermos dar conta do nosso objetivo de pesquisa e de nossa hipótese, lançamos mão da análise de 289 dados, que foram coletados no *Corpus Now*. Inicialmente, procedemos várias etapas de filtragem de dados, bem como a seleção das microconstruções analisadas. Acreditamos que esses passos metodológicos adotados nos permitiram configurar uma amostra representativa, bem como promover análises acuradas sobre a frequência de ocorrências de cada microconstrução (*assim como*, *bem como*, *tal como*). Os resultados gerais indicam que as microconstruções em análise apresentaram um número alto de ocorrências.

Inicialmente, do quantitativo de amostras coletadas, *assim como* foi a microconstrução mais recrutada pelos falantes e *bem como* apresentou resultados quantitativos próximos ao de *assim como*, com número expressivo de ocorrências. Já em relação a *tal como*, desde o início da análise foi possível verificar que era a microconstrução menos frequente. Em razão da quantidade expressiva de dados, entendemos a necessidade de um recorte para que fosse possível analisá-los com mais precisão.

Após essa etapa, ao analisarmos os contextos de usos em que ocorrem as microconstruções *assim como*, *bem como*, *tal como*, encontramos diferentes configurações morfossintáticas, como por exemplo, estruturas desgarradas. Encontramos 351 ocorrências dessa estrutura – o que acreditamos ser um número expressivo – e dentre elas, 283 foram ocorrências de *assim como*, ou seja, 80% dos casos. Entretanto, *bem*

*como*, que numa análise geral dos dados apresentava alta frequência, se mostrou bem pouco frequente nesse tipo de estrutura. Acreditamos que isso demonstra que *bem como* tenha caráter mais aditivo, o que parece ser uma restrição de uso desse elemento em início de orações desgarradas. Em contrapartida, é possível verificar *tal como* sendo mais frequente introduzindo frases, do que *bem como*. Essa diferença fica ainda mais clara se pensarmos no total de dados coletados de *tal como* que foi bem inferior, se comparado com as outras construções.

Pelo desenvolvimento da microconstrução *assim como* em diferentes micropassos da mudança, acreditamos que esta seja a microconstrução que permite maior valor comparativo, pois possui maior mobilidade na sentença. Além disso, é possível que a ocorrência de *assim como* em início de oração seja decorrente de um processo de focalização, algo a ser investigado em pesquisas futuras. Soma-se, ainda, que essa reanálise dos constituintes da sentença – mecanismo linguístico importante no processo de mudança-, seria um início de um processo de construcionalização gramatical, algo a ser analisado por outras pesquisas.

Além disso, após a aplicação de teste de conformidade, encontramos diversos casos de construção conformativa. Porém, acreditamos que essa construção guarda, em certa medida, alguma relação com a construção comparativa, algo a ser aprofundando em pesquisas futuras. Vale apontar que alguns autores funcionalistas já indicam os usos conformativos mais híbridos, que apresentam traços comparativos.

Conforme já indicamos, procuramos confirmar que, no português brasileiro, encontramos uma construção gramatical que apresenta sentido híbrido, ou seja, apresenta um novo sentido comparativo e aditivo. Dessa forma, além das construções comparativas de grau, da construção assimilativa e da construção conformativa, nossa questão de pesquisa, a respeito da possibilidade de formação de uma nova categoria, levou-nos a aprofundar a análise da construção assimilativa aditiva. Para tanto, controlamos diferentes propriedades configuracionais - Posição do elemento *assim como*; elemento subsequente à microconstrução *assim como*, *bem como* e *tal como*; representação do sujeito; e relação de dependência da oração.

Em relação aos resultados, no que se refere ao elemento subsequente às microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como*, encontramos o seguinte quadro: os artigos, preposições e verbos foram as classes de palavras mais recorrentes na posição subsequente a cada uma das microconstruções; as demais classes – pronomes, advérbios e adjetivos foram menos frequentes; os artigos, adjetivos, preposições, pronomes e

próprios substantivos atuaram em função do nome, por isso foram agrupados em um grupo maior como sintagmas nominais (SN); vimos os advérbios atuarem em função do verbo, por isso, essa classe foi agrupada com os verbos, e juntas formaram o grupo dos sintagmas verbais (SV). Dos sintagmas observamos, os SN foram mais recorrentes – 73% dos casos – enquanto os SV representaram apenas 27% das ocorrências, o que demonstra que as microconstruções *assim como*, *bem como* e *tal como* instanciam com mais frequência sintagmas nominais.

Já em relação ao grau de dependência, vimos que os números obtidos na análise mostram que as orações comparativas são mais dependentes do que independentes, visto que as independentes representam apenas 9% do valor total dos dados analisados. Os resultados mostraram ainda que o nível de dependência variou entre as microconstruções. Apesar de todas serem mais dependentes do que independentes, *bem como* foi a que apresentou um número mais de casos de orações independentes. Atribuímos esse resultado ao caráter mais aditivo dessa microconstrução que abordamos de maneira enfática no desenvolvimento deste trabalho.

Sobre a expressão do sujeito na construção assimilativa aditiva, os resultados indicam que as ocorrências sem sujeito exposto – os casos de sujeito elíptico – são mais frequentes entre as construções comparativas aditivas, um total de 65% das ocorrências. Na análise dessa propriedade, *bem como* é a microconstrução que apresenta um valor muito superior às demais no que diz respeito aos casos de sujeito elíptico, enquanto *assim como* e *tal como* apresentaram resultados mais equilibrados em relação aos dois grupos de sujeito.

Após esse cenário de resultados do estatuto categorial da construção assimilativa aditiva, passamos a observar as funções que essa construção desempenha na língua. Encontramos dois usos: o primeiro uso ocorre em formato de lista, estrutura que encadeia elemento em adição a alguma informação apresentada anteriormente. A função da lista de adicionar elementos reitera o sentido que as microconstruções analisadas apresentaram, com destaque para *bem como* que foi a microconstrução que mais instanciou esse uso. O segundo uso da construção assimilativa aditiva foi com o valor exemplificativo – observado nas ocorrências de *tal como* – por instanciar elementos com função de exemplificar uma informação apresentada anteriormente. Destacamos que em nenhum desses usos o sentido comparativo é perdido, o que observamos é a associação de novos sentidos ao sentido mais original.

Observamos também gradiência no sentido dessas microconstruções após termos verificado as formas mais ou menos aditivas, como também mais ou menos comparativas. *Bem como* foi a que mais se destacou quanto ao valor aditivo, seguido de *assim* como que apresentou esse valor com mais ênfase em algumas ocorrências e em outras não. Já em *tal como* esse mesmo valor não foi tão expressivo, o valor exemplificativo se sobrepôs. Quanto à comparação, observamos ser esse um valor expresso pelas três microconstruções, mas em alguns casos ficava menos evidente, como foi comum acontecer em construções comparativas instanciadas por *tal como*.

Vale ainda salientar que reconhecemos a existência de outras formas linguísticas que se enquadram no padrão comparativo aditivo – por exemplo, *tal qual* e *tais quais* – que por decisões metodológicas não foram abordadas nesta pesquisa, temática a ser explorada em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERGS, A.; DIEWALD, G. (Eds.) *Constructions and Language Change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- BRITO, A. M.; LOPES, Helena Couto. *Da linguística ao ensino de gramática: para uma reflexão sobre a coordenação e a subordinação*. Actas do Colóquio *A linguística na formação de professores de português*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2001.
- BYBEE, J. L. *Language usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: The role of frequency. In.: JOSEPH, B.D.; JANDA, R.D. (Eds.). *The Handbook of Historical Linguistics* [Blackwell Handbooks in Linguistics]. Malden, MA and Oxford: Blackwell, p. 602-623, 2003.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do Português Brasileiro*. – 1ª ed., 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.
- COSTA, F. R. G.; WIEDEMER, M. L. O advérbio preposicional *antes de* em construções hipotáticas de realce não finitas. *Odisseia*, Natal, RN, v. 4, n. esp., 2019, p. 89-110.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice (Org.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016.
- DECAT, M. B. N. Estruturas “desgarradas” em foco: A função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito. In: VI Congresso Internacional da Abralín. Abralín – Associação Brasileira de Linguística. João Pessoa: 2009. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Maria%20Beatriz%20Nascimento%20Decat.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20Beatriz%20Nascimento%20Decat.pdf)
- DIESSEL, H. *The Grammar Network: How language structure is shaped by language use*. Cambridge: University Press, 2019.
- FREITAG; Raquel Meister Ko. Freitag. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. *Interdisciplinar – revista de estudos de língua e literatura. Dossiê: Estudos Linguísticos*. V. 4, n. 4 – p. 22-43 – Jul/Dez de 2017.

- FRIED, M. Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. Princeton University. In.: BERGS, A.; DIEWALD, G. (Eds.) *Constructions and language change*. Berlin: Mouton Gruyter, p. 47-79, 2008.
- FRIED, M.; ÖSTMAN, J. O. *Construction grammar in a cross-language perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, M. et al. (Org) *Sintaxe em Foco*. Recife: PPGL/UFPE, p. 29-49, 2012.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *Funcionalismo*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; LACERDA, P. F. A. C. . *Gramática de construções: princípios básicos e contribuições*. In: Mariangela Rios de Oliveira; Maria Maura Cezario. (Org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1ed. Niterói: EDUFF, 2017, v. 1, p. 17-46.
- GIL, Antonio Carlos. *Método e técnica de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions. A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n.5, 2003, p. 219-224.
- HASPELMATH, M. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In.: FISCHER, O. et al. (Eds.) *Up and down the cline: the nature of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 17-44.
- HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HOPPER, P. *On Some Principles of Grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- HOPPER, P. *Emergent grammar*. *BLS* n. 13, p. 139-157. 1987.
- LANGACKER, R. Construction Grammar: cognitive, radical, and/ less so. In: RUIZ DE MENDOZA IBANEZ, F. J.; PEÑA CERVEL, M. S. (Eds.). *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 101-159, 2005.
- LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1996.

- MARTELOTTA, M. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, S.; CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. (Org.) *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004, p. 82-136.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2021.
- NEWELL, A. (1990). *Unified theories of cognition*. Cambridge: Harvard University
- OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In.: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. *Linguística Centrada no Uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 22-35.
- RAPOSO et al. (Ed.) *Gramática do Português*, volume II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- RODRIGUES, V. V. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2001. Tese de Doutorado.
- RODRIGUES, V. V. As construções comparativas em língua portuguesa. *Revista GELNE*, vol. 4, nº 1, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9146>> Acesso em: jan/2020.
- RODRIGUES, V. V. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues & BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo, Contexto, 2007. p. 225-235.
- RODRIGUES, V. V.; SILVESTRE, A.P. S.; *Desgarramento: um novo olhar*. In. I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações, 2018, Niterói; Anais UFF, 217 – 237. HASPELMATH
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, p. 233- 256, 2016.
- ROSARIO, I. C.; WIEDEMER, M. L. Contribuições da Linguística Funcional Centrada no Uso ao estudo da integração de orações. In: COELHO, F. A.; NASCIMENTO, J. E. (Org.). *Ensino de Língua Portuguesa: Fundamentos e Aplicações*. 1ed. Rio de Janeiro: Telha, 2020, v. III, p. 287-305.
- ROSCHE, E. *On the internal structure of perceptual and semantic categories*. In: MORE, T.E. *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York, Academic Press, 1973, p.111-144.
- SILVA, L. C. O papel dos marcadores discursivos na escrita e na fala: uma taxonomia textual e interpessoal sob o enfoque da linguística sistêmico-funcional. *The ESPecialist: Descrição, Ensino e Aprendizagem*, Vol.38 No.2 ago-dez 2017.
- TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TROUSDALE, G. Constructions in grammaticalization and lexicalization. Evidence from history of a composite predicate construction in English. In.: TROUSDALE, G.;

- GISBORNE, N. (Eds.) *Constructional approaches to English grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 33-67.
- WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, v. 30, n. 30, p. 81- 132. 2018a.
- WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (Org.) *Sociolinguística: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Editora da Unicentro, p. 41-77, 2018b.
- WIEDEMER, M. L.; ROSÁRIO, I. C. Língua em uso: gramática, discurso e construções. *Revista Soletas*, n. 28, p. 1-11, 2014.
- WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.; CEZARIO, M. M. Uma discussão sobre a relação entre variação e mudança na gramática de construções: entrevista com Martin Hilpert. *Diadorim*, vol. 21, n. 2, p. 30-43, 2019.
- WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Variação na gramática de construções do português: estudos empíricos. *Revista E-escrita/Uniabeu*, p. 1-12, 2021.
- ZIPF, G. K. La psicología del lenguaje, In.: BALKEN, E. R.; et al., *Psicología, semántica y patología dellenguaje*, Buenos Aires, Paidós, p. 7-31, 1966